

24.747



SECRETARIA DE CULTURA, ESPORTES E TURISMO
DO
ESTADO DE SÃO PAULO

**Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico,
Artístico e Turístico do Estado - CONDEPHAAT**

PROCESSO N.º 00339

INTERESSADO: <u>CONDEPHAAT</u>
PROCEDÊNCIA: <u>CAPITAL</u>
DATA: <u>22.11.1 973</u>
REPARTIÇÃO: _____
N.º DE ORDEM DO PAPEL: _____
ASSUNTO: <u>Solicita tombamento do acervo arquitetônico da Aldeia de Carapicuíba, particularmente a Capela de São João Batista, zona rural do município de COTIA.</u>
<u>EX-ARTICULO</u>

OK

CONDEPHAAT

PROCESSO N.º

339/73

Ao

Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo
- CONDEPHAAT

Senhor Presidente,

Estão estabelecidas as seguintes características para o processo identificado pelo número acima.

Data de abertura	22/11/73	Técnico responsável	
Posse atual da documentação	Condephaat		Setor
			SAA

Data Prevista para Encerramento

Processo apensado ao processo n.º		Processo de referência	
-----------------------------------	--	------------------------	--

INTERESSADO	Pessoa Física.		Pessoa Jurídica.		<input checked="" type="checkbox"/> Poder Público.	
	Nome					
	Condephaat					
	RG / CNPJ		Telef.		CEP	
	Ender.				Bairro	
Mun.					UF	

LOCAL	Ender:					
	Aldia de Lourençópolis					
	Bairro:				N.º do contribuinte	
Município				Município cód. n.º:		
Loboa						

SITUAÇÃO	Denúncia		Solicitação de regularização		Pedido de Certidão.	
	Solicitação de informações		<input checked="" type="checkbox"/> Pedido de tombamento		Retorno de informações (inf. Processo)	
	Solicitação de aprovação		Pedido de qualificação como Estância		Outra	
	Outra:					

ASSUNTO	Projeto		Informações Gerais		Cartazes/ Painéis/ Anúncios		Alteração Ambiental.	
	Obra		Reforma		Diretrizes		Pesquisa Mineral	
	Serviços de Conservação		<input checked="" type="checkbox"/> Tombamento		Demolição.		Extração Mineral	
	Alteração do Sistema Viário		Mudança de Uso		Restauração		<input checked="" type="checkbox"/> Outro (especificar abaixo)	

OBJETO	Outro:							
	ex-offício							

N.º Processo CADAN
(Somente para Cartazes / Painéis / Anúncios)

<input type="checkbox"/>	Área natural.	<input type="checkbox"/>	Sítio Arqueológico	<input type="checkbox"/>	Área envoltória de Edificação tombada.
<input checked="" type="checkbox"/>	Edificação.	<input type="checkbox"/>	Bem Móvel.	<input type="checkbox"/>	Área envoltória de Núcleo Histórico tombado.
<input type="checkbox"/>	Núcleo Histórico.	<input type="checkbox"/>	Patrimônio Imaterial	<input type="checkbox"/>	Área envoltória de Sítio Arqueológico tombado.
<input type="checkbox"/>	Segmento Urbano.	<input type="checkbox"/>	Área envoltória de Área Natural tombada	<input type="checkbox"/>	Outro.

São Paulo, 25 de julho de 2001

Assinatura

CEP - 06321-000

Proc. 339/73



SECRETARIA DE CULTURA, ESPORTES E TURISMO
SERVIÇO DE MUSEUS HISTÓRICOS

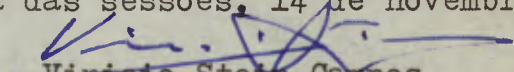
129

Senhor Presidente
Senhores Conselheiros :

À
Seção de Administração
A. e P. voltando
14 / 11 / 1973.
Ruy de Azevedo Marques
Secretário Executivo

E' o presente para propor a abertura de processo de tombamento ex-officio do acervo arquitetônico da Aldeia de Carapicuíba, particularmente a Capela de São João Batista, zona rural do município de Cotia, visto ter o referido conjunto sido tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, consoante publicação oficial do mesmo, à qual nos reportamos.

Sala das sessões, 14 de novembro de 1973


Vinício Stein Campos
Conselheiro



SECRETARIA DE CULTURA, ESPORTES E TURISMO

Folha de informação rubricada sob n.º 3

do Proc. CONDEPHAAT n.º 00339 / 73 (a)

Interessado CONDEPHAAT

Assunto Solicita tombamento do acervo arquitetônico da Aldeia de Carapicuíba, particularmente a Capela de São João Batista, zona rural do município de COTIA.

A ASSESSORIA

*distribua-se ao conselho
proponente.*

São Paulo, 26 de novembro de 1973.

Ruy de Azevedo Marques
RUY DE AZEVEDO MARQUES
SECRETÁRIO EXECUTIVO

Inscrito sob nº de ordem
83 a fls. 8v-9, do Livro
do Tombo Histórico nº 1.

S. Paulo, 24 - julho - 1974

Vinício Stei Campos
Conselheiro Municipal

Segue....., juntada.....nesta data,.....
documento.....rubricada.....sob n.º.....
folha...de informação

..... em..... de..... de 19.....

(a).....

ALDEIA DE CARAPICUÍBA E IGREJA DE SÃO JOÃO BATISTA, NO
MUNICÍPIO DE COTIA

Aldeia de índios confinados sob a orientação dos padres jesuítas, foi criada em 1580, em terras concedidas por Jerônimo Leitão a Afonso Sardinha, que as doou aos padres da Companhia de Jesus. Em 1698, quando era assistida pelo Padre Belchior de Pontes, foi feita a mudança da aldeia para Itapecerica, porque as terras de cultura já estavam cansadas.

Essa primitiva aldeia foi parcialmente destruída pelos jesuítas para que os índios a abandonassem. Em 1736, foi reconstruída, aproveitando-se os remanescentes da antiga instalação, especialmente três paredes do século XVI, de taipa, que subsistem. Condicionada a tais remanescentes, reuniu meios de evoluir para uma arquitetura caipira, de que hoje é ~~uma~~ amostragem fidedigna.

Carapicuíba desenvolveu-se em torno de uma praça retangular, delimitada por modestas casas de taipa de mão. Num dos cantos do retângulo fica a capela, também reedificada em 1736, com o orago de São João Batista, tendo substituído a Capela de Nossa Senhora da Graça, levantada em 1615. Consiste numa simples nave retangular que abriga muitas imagens antigas e um altar singelo, com requadros bem definidos envolvendo os diferentes nichos. Seu telhado é de duas águas e cobre quatro cômodos colaterais. As fachadas são arrematadas por simples empenas.

Todos os anos, no dia 2 de maio, recebe peregrinos para os festejos folclóricos em honra da Santa Cruz, iniciados segundo a tradição, em 1714.

fls. 5
Bot

Esta aldeia é um dos poucos remanescentes de São Paulo que datam do século XVIII, embora somente no que diz respeito ao aspecto urbanístico. O IPHAN tombou-a em 1940, e restituí-lhe os traços primitivos de 1736.

BIBLIOGRAFIA

ARROYO, Leonardo - Igrejas de São Paulo, Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1954.

MARQUES, Manuel Eufrásio de Azevedo - Anontamentos Históricos, Geográficos, Biográficos, Estatísticos e Noticiosos da Província de São Paulo, São Paulo, Comissão de IV Centenário da Cidade, 1953.

COSTA, Lúcio - "A arquitetura jesuítica no Brasil", in "Revista do SPHAN", nº 5.

Arquivos do 4º Distrito do IPHAN, São Paulo.

À Seção de Administração

Arquive-se

S.E., em 27 / 6 / 1974.

Ruy de Azevedo Marques
Ruy de Azevedo Marques
Secretário Executivo



Sequencia fundamentada de fls rubricadas sob n.º 6/15
Condephaat, aos 15/5/80 - ^{Revisão} Moniângela Costa

fla 6
OK

III SEMANA DA CULTURA BRASILEIRA

De 26 a 29 de Junho de 1980



aldeia de carapicuíba
(1580-1980)

INICIATIVA CULTURAL:

PREFEITURA MUNICIPAL DE CARAPICUIBA

Prazerdo Congressista.

É com grande prazer que me dirijo aos ilustres representantes dos municípios que participam deste conclave para, na qualidade de responsável pela administração de Carapicuíba, informar que estamos comemorando o 4º Centenário de nossa cidade, onde os jesuítas instalaram um dos primeiros polos de ocupação desta nação que iniciava, assim, seus primeiros passos em direção a um futuro promissor, pelo qual lutam todos os brasileiros conscientes.

De fato, o ano de 1580 marca a fundação da Aldeia de Carapicuíba - uma das 12 fixadas na região da hoje chamada Grande São Paulo - que é atualmente o último monumento histórico do gênero que permaneceu intacto e sem modificações que pudessem desfigurar suas características essenciais.

Para festejar os quatrocentos anos de existência da Aldeia, a Prefeitura Municipal de Carapicuíba, em convênio com o Procultura - Centro Brasileiro de Estudos Específicos - entidade composta por professores e técnicos em comunicação social - estará realizando a III SEMANA DA CULTURA BRASILEIRA, evento de caráter eminentemente cultural cujo objetivo principal é valorizar e divulgar as manifestações artísticas e o exuberante patrimônio histórico de nossa terra, estimulando o público brasileiro a contribuir para a indispensável preservação de nossos valores nacionais.

Finalmente, em nome da Comissão Organizadora desse evento, desejo registrar a grande expectativa de toda a comunidade de Carapicuíba em receber grupos de outros municípios, trazendo até nós as ricas expressões de seus folclore, música, artes, enfim, da cultura que caracteriza suas regiões de origem. Seja bem vindo a Carapicuíba.

ANTONIO FAUSTINO DOS SANTOS
Prefeito de Carapicuíba

A Aldeia de Carapicuíba, uma encantadora vila situada a 22 km. da cidade de São Paulo, fundada por Padre José de Anchieta, está comemorando este ano seu 4º Centenário.

De 26 a 29 de junho lá estarão reunidos intelectuais, autoridades, empresários, professores, estudantes e, especialmente, você e sua família.

E todos participarão gratuitamente da III SEMANA DA CULTURA BRASILEIRA quando lá estarão as coisas autênticas de nossa terra, tais como: música erudita, popular e regional, folclore, teatro, artes plásticas e artesanato. E até quitutes típicos de diversas regiões brasileiras.

Contamos com sua presença. A Aldeia de Carapicuíba fica pertinho da Capital. Venha desfrutar de um passeio até o começo da História do Brasil.

779
Bolsa

PROGRAMA BÁSICO

Dia 26-06-80
Quinta-feira
Início: 20 horas

TEMA DO DIA
PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA CULTURAL

ATRAÇÕES:

Solenidade de instalação do evento
Abertura das exposições de artes plásticas e artesanato brasileiro
Apresentação da Banda da Polícia Militar do Estado de São Paulo

Dia 27-06-80
Sexta-feira
Início: 20 horas

TEMA DO DIA
MANIFESTAÇÕES DA MÚSICA BRASILEIRA

ATRAÇÕES:

Sereia Brasileira
Cantoras, músicos e dançarinos de diversas regiões brasileiras
Música popular e erudita

Dia 28-06-80
Sábado:
Início: 15 horas

TEMAS DO DIA
PANORAMA DO TEATRO BRASILEIRO
CRIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE POLOS DE ATRAÇÃO TURÍSTICA

ATRAÇÕES:

Apresentação de grupos teatrais
Grupo de capoeira
Encenação da peça "A Grande Festa" do grupo teatral "A Vontade" sob a direção de Caetano Martins Fernandes

Dia 29-06-80
Domingo
Início: 9 horas

TEMA DO DIA
FOLCLORE TÍPICO BRASILEIRO

ATRAÇÕES:

Programação infantil
Grupo de música e dança folclóricas
Ritual autêntico de Candomblé
Festa de São Pedro
Quadrilha junina
Grupos típicos de Aldeias de Carapicuíba

Obs: após a confirmação de participação dos demais municípios brasileiros, entidades culturais, artistas e intelectuais, a comissão organizadora fará publicar o programa detalhado.

ATRAÇÕES PERMANENTES

ARTES PLÁSTICAS

Exposição de Desenho, Pintura e Escultura de diversos artistas brasileiros

ARTESANATO

Exposição composta de peças recolhidas em diversas regiões brasileiras e sobre as quais serão fornecidas referências

PRATOS E BEBIDAS TÍPICOS

Quitutes regionais brasileiros de diversos Estados preparados por especialistas convidados

APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS

Números musicais, circenses e danças tipicamente brasileiros

Presidenta:

ANTONIO FAUSTINO DOS SANTOS
Prefeito de Carapicuíba

Coordenação Geral:

ALBERTO HENRIQUE DE ARRUDA E MIRANDA
Diretor Geral do PROCULTURA

COMISSÃO ORGANIZADORA

Vice-Coordenação:

SUZANA MARA DE CARVALHO VERNALHA
Coordenadora de Comunicação do PROCULTURA

Assessoria de Operações:

LUIZ HENRIQUE NASCIMENTO MIRANDA

Atividades na Aldeia:

ELIDIA CAMARGO

Atividades Internas na Prefeitura:

MARIA ANGÉLICA SALDANHA ARIENTE

maiores informações:

Procultura

CENTRO BRASILEIRO DE ESTUDOS ESPECÍFICOS

Av. Faúlsta, 2073 - 2º andar - conjuntos 2105 a 2108

Tele: 786 5648 e 28 6876 - São Paulo - CEP 01311

CARAPICUÍBA

Hoje tem festa na Aldeia

A PROGRAMAÇÃO DE SANTA CRUZ

Folhetos afixados no centro da cidade chamam a população para a "tradicional dança de santa cruz ou sarabaquê", nos dias 1, 2, 3 e 4 de maio na Aldeia de Carapicuíba.

Logo em seguida esta o programa com os seguintes dizeres: "Dia 24 de Abril.

As 20 horas, terá início a novena que terá prosseguimento até o dia 2 conforme tradição

Dia 1º de maio

Grandioso leilão-banda de música-violeiros

Dia 2 de maio

As 19,30 horas, levantamento do mastro

As 20 horas, encerramento da novena

Das 21 horas em diante, apresentação da Dança de Santa Cruz.

Dia 3 de maio

Alvorada às 11 horas, missa cantada.

As 16 horas, procissão - a seguir leilão que se espera dos devotos.

Dia 4 de maio

Apresentação de danças religiosas às 21 horas continuação da Dança de Santa Cruz, que se encerrará com a tradicional Zagaia.

Logo após a programação, o festeiro mandou imprimir um breve relato do que seria a festa: "Dança de Santa Cruz" ou Sarabaquê (Quinze com quinze).

"A Dança de Santa Cruz é um ato religioso e foi o modo mais fácil que os jesuítas encontraram para catequizar os índios, isto é, pela dança e pelos cânticos - Não tem traje especial.

A frente dos dançantes, vão dois violeiros, atrás de um deles, um tocador de adufe. Os violeiros são "mestres" e "contra-mestres". Imediatamente atrás vem o "triple" e o "contralto". O "mestre" faz a primeira voz, o "contra-mestre" a segunda. O "triple" é uma voz atonada, ou melhor, em falsete e o "contralto" é o que faz a voz mais grave de todos. Atrás dos cantadores vêm os dançantes em coluna de dois. Quem quiser pode tomar parte na dança, bastando que para isso seja convidado e que faça com devoção.

A dança de santa cruz é uma parcela íntima, porém indiscutível e inconfundível da cultura espiritual tradicional das gentes brasileiras, acondicionadas e acomodadas no calendário cristão pelos missionários e que até nossos dias, graças aos que sabem cultivar e respeitar as nossas tradições.

A Aldeia de Carapicuíba está sob a proteção da Santa Cruz, e é por isso que em seu terreiro na parte central se encontra o símbolo que cultuam a mais antiga devoção e a mais bela tradição dos nossos maiores".

A ALDEIA É NOSSA, AME-A.

Todo mês de maio a prefeitura determina ao seu setor competente a providência da pintura na Igreja e demais casas no largo da Aldeia de Carapicuíba. Ela de cara nova receberá mais uma vez este ano, os festeiros, a população e curiosos.

Alguns de seus problemas são velhos e portanto, não solucionados. A Inocência Seráfico ou, Estrada da Aldeia, continua proporcionando a ligação com a Raposo Tavares, permitindo que veículos pesados trafeguem no centro da Aldeia com riscos para as casas seculares. Problema assim ocorreram no passado. Sabe-se que existe projeto para desviar o trânsito do local, entretanto, é necessário que um loteamento seja aprovado e posteriormente providenciada a abertura e pavimentação da nova avenida.



Tudo está pronto; as cruces enfeitadas; os fiéis entram na igreja.

Os sinos da Aldeia, "trocados a título de limpeza" é reclamado há muito, sem que o próprio Iphan, órgão tombador do patrimônio, tenha conhecimento do fato.

Pessoas que desconhecem o valor daquele patrimônio são muitas e, infelizmente, estão constantemente no local, aproveitando a falta de policiamento e a escuridão das imediações, para seus atos de atentado contra o patrimônio ou até mesmo contra a vida humana. Constantemente se tem notícia que aconteceram brigas ou mortes no local.

Ainda falta muita consciência por parte de alguns moradores e da população como um todo, no sentido de preservar uma obra tão valiosa.

NOS VELHOS TEMPOS

Lídia Camargo, ou como é popularmente conhecida, dna. Nenê, não nasceu na Aldeia, entretanto, vive lá desde sua infância. Viu muita coisa, é uma fonte de informações muito valiosa em termos de Aldeia, tanto é que constantemente estudantes, interessados pela história daquele local a procura para pedir informações. São tantas as pessoas que lá aparecem que ela está pensando em cobrar por cada entrevista dada "tenho os meus afazeres e não posso estar gastando saliva à toa", disse.

Em meio ao som de seus pássaros, em sua residência na Aldeia dna. Nenê fala dos velhos tempos com saudades. "Era outro respeito, as pessoas faziam promessa para dançar Santa Cruz descalças, para ajudarem o festeiro buscando água no córrego".

Os preparativos para a festa também eram diferentes, dna. Nenê lembra de que dias antes da festa o povo se reunia com foice, enxádivo para arrumar a estrada que liga a Aldeia com a Raposo Tavares.

O festeiro era o responsável pela comida, "dava frango assado, leitão assado para todos que participavam da Festa. Era um almoço que pareciam um casamento".

Ela prosseguiu dizendo: "em 1930 minha mãe fez um

almoço com 30 frangos, 3 leitões, macarronada à vontade e sobremesa de doce de abóbora. Na época tinha vindo tocar na missa a banda de Vila Mariana".

POLICIAMENTO

A Aldeia é um patrimônio histórico, entretanto nem, todos têm consciência disso. Dna. Nenê tem. É por isso que ela termina enfrentando briga, palavrões como guardiã do patrimônio.

Por esse motivo ela faz um pedido ao destacamento de polícia do município: "sr. cap. Luciano, nós gostamos muito da festa da Aldeia, ela é uma festa religiosa e tradicional. Eu peço ao sr. uma viatura permanente durante a festa na Aldeia de Carapicuíba para ser uma festa boa, porque ela é uma tradição".

OS CANTADORES DA FESTA

Os violeiros e cantadores animam a festa. Pai e Filhos se unem num clima secular, cuja tradição conheceu através de seus antepassados e no dia-a-dia vivido na Aldeia. É o caso de Ataliba Costa Camargo, um dos reminiscentes dos Camargos e nascido no local quando muita pouca gente tinha conhecimento da última aldeia de Anchieta.

Perguntei quando aprendeu a tocar e a gostar do som que anima a Festa de Santa Cruz. Ataliba respondeu que desde a barriga de sua mãe já estava fascinado pela tradição, mas foi aos 16 anos que conseguiu um lugar e começou a participar oficialmente da festa, como seu meiro reco-reco. Anos depois, fisicamente mais homem passou a tocar viola.

Ataliba estava desgostoso, disse que poderia não tocar este ano, "antes a coisa era diferente, o compadre vinha para tocar e participar da festa e não podendo voltar todos os dias pela falta de condução, ficava até o último dia de festa, voltava no dia 5. Os frequentadores da festa eram os moradores e seus familiares. Hoje vem gente de todo quanto é lugar, a Aldeia ficou pequena para tanta gente. O pessoal bebe, fica de fogo e termina

estragando a festa com vandalismo. Eles não participam dela, ficam olhando, sem entender nada".

Entretanto, privar Ataliba de participar da tradicional festa é o mesmo que tirar-lhe parte da história de sua vida. Apesar de tudo ele animará mais um ano a festa que reverencia a cruz.

O SUCESSOR

Seu filho Hamilton já o acompanha na Aldeia e promete cultivar a tradição no decorrer dos futuros anos, mesmo com o desenvolvimento e esquecimento dos valores e tradições.

Além de Ataliba e Hamilton, Argemiro, Mimi, Italo, Lindolfo, Milton, Eduardo e Nazário formam os tocadores das duas violas, 4 adufes (panderos) e 4 reco-recos que animam a festa. Além de tocarem eles cantam e improvisam as modas.

Algumas delas já entraram para a história, são cantadas anualmente. Elas são: "Namorei uma menina, ela tinha 12 anos, ela não tinha peito, eu fiz o peito de pano". "Esta casa está bem feita com esteio de canela, tomara que santa cruz ajude quem morar debaixo dela". Durante a despedida diária se canta: "Vamos dar a despedida como se costuma dar, amanhã por essa hora voltarei te visitar". No último dia canta-se: "Vamos dar por despedida como deu cristo em belém. Vamos todos dar um viva até para o ano que vem".

A ESCOLHA DO FESTEIRO

As bandeirolas estavam sendo preparadas, cerca de mil metros, Dna. Nenê procurava o festeiro Atayde João Monteiro para os últimos detalhes da Festa de Santa Cruz na Aldeia de Carapicuíba.

Faltava comprar os rojões para serem explodidos no primeiro dia de novena, dia 24, além de uma relação enorme de outros produtos que seriam utilizados no bolo, ornamentação, e uma série de outros preparativos que ficam a cargo do festeiro, e quase sempre da dna. Nenê, moradora da Aldeia e guardiã da tradição e do patrimônio histórico. Ela é da família dos Camargos que acompanhou a Aldeia através dos tempos.

O festeiro mesmo não tendo Camargo no nome, disse ter no sangue, seus antepassados possuíam relação de parentesco. É também um cultuador da tradicional Festa de Santa Cruz.

ESCOLHA DO FESTEIRO

O festeiro do ano é sempre escolhido no anterior. Todo dia três quando a festa ainda está se desenvolvendo, através de uma assembléia popular é indicado um nome que esteja relacionado com a história da Aldeia e depois, aclamado pela maioria dos presentes, recebendo a incumbência, a responsabilidade da organização da festa do ano seguinte, jurando obedecer a tradição.

No início da década de setenta Atayde fora escolhido para promover a festa do ano seguinte, sendo barrado pela então administração, uma vez que esta declarou-a como oficial do município, sendo portanto, de responsabilidade da Prefeitura. Nos anos seguintes a determinação deixou de ser cumprida, resolveram que a tradição devia prevalecer.

A ALDEIA EM LINDÓIA

Carapicuíba levou para o XXIV Congresso dos Municípios Paulistas em Águas de Lindóia, realizado semana passada, painéis mostrando o atual município, a Aldeia, a Cohab e escolas construídas recentemente.

A equipe da Pro-Cultura encarregada da semana da cultura a ser realizada em julho, procurou mostrar aos participantes a importância da Aldeia, chamando-os para a Festa de Santa Cruz, principalmente no sentido de que as prefeituras mandem à Carapicuíba grupos folclóricos para animar a Festa.



CÂMARA CHILENA DE COMÉRCIO

ALAMEDA SANTOS, 1470 - 7.º ANDAR
TELS. 288-0723 - 284-2044 - CX. POSTAL 1947 - SÃO PAULO

fls 9
Aut

BOLETIM Nº 29

MAIO 1980

redação: waldo ayarza

COMERCIO EXTERIOR CHILENO

Continua crescendo num ritmo excelente, superando as próprias marcas de anos anteriores.

As exportações, em 1979, alcançaram US\$.3.763 milhões, com 56% de aumento em relação a 1978. O cobre, que melhorou o preço significativamente no mercado internacional, representou 48% das vendas chilenas.

A quantidade de países que por primeira vez estão comerciando com o Chile é bastante considerável, porém, mesmo assim, apesar desta diversificação de mercados, as exportações continuam concentradas em apenas quatro países que sozinhos importam quase a metade do total: no ano passado, a República Federal Alemã recebeu 16% das exportações chilenas; Japão e os EUA 11% cada um; e o Brasil, que recebeu 10%.

Portanto, o Brasil situou-se, em 1979, em quarto lugar como comprador de produtos chilenos a nível mundial, com US\$.384 milhões.

Quanto às importações, o Chile importou bens no valor de US\$.4.218 milhões, o que representou um aumento de 40% em relação a 1978. A maior parte de suas importações, cerca de 59%, correspondeu a bens intermediários que se requerem como insumos para a indústria, agricultura e outras atividades econômicas. Entre eles se destacam os combustíveis e lubrificantes que totalizaram US\$.889 milhões, somente o petróleo cru representou dispêndios da ordem de US\$.811 milhões, ou 19% das importações totais.

Os bens de capital, compostos de maquinárias, equipamentos e meios de transportes, chegaram a US\$.879 milhões, continuando a tendência crescente de anos anteriores.

Os bens de consumo alcançaram a US\$. 852 milhões, ou 20% do total das importações, tendo sido grande seu incremento nesse período, afetado pelas compras de automóveis, em especial os de baixa cilindrada, favorecidos por uma taxa alfandegária de apenas 10%.

De uma maneira geral, os principais fornecedores do Chile em 1979 foram os EUA, com 23% do total; o Brasil com 9%; o Irã e o Japão com 8% cada um; e a RFA com 6%.

Estes dados confirmam a posição do Brasil como o segundo maior provedor do mercado chileno e seu maior fornecedor da América Latina, com vendas no total de 362 milhões de dólares.

PRÓXIMO ALMOÇO GERAL DA CÂMARA

O nosso próximo almoço geral para os associados da Câmara será no Hotel Brasilton, na quarta-feira, dia 21 de maio, às 12 horas.

A palestra desta vez tratará sobre Política e Mecanismos do Comércio Exterior Brasileiro, e será apresentada por um dos melhores especialistas no assunto, o atual Gerente Adjunto da CACEX em São Paulo, José Carlos Brito, quem aceitará e responderá todas as consultas que os assistentes queiram formular.

Os Vinhos CANEPA, famoso produto chileno, acompanharão este almoço e também serão sorteados, por uma gentileza dos seus representantes e importadores exclusivos, a National Distillers do Brasil.

A inscrição poderá ser feita antecipadamente, remetendo o valor de Cr\$.600.-, até 4 dias antes da data do almoço, ao endereço da Câmara, ou retirando o ticket na porta do Salão Topazio na hora da entrada. Porém, a comunicação prévia por telefone é imprescindível.

Simultaneamente, nesta reunião, será realizada uma Assembléia Geral Extraordinária de Sócios para tratar da alteração e consolidação dos Estatutos Sociais.

VINHOS CANEPA

Seus vinhedos localizam-se em zonas privilegiadas do Vale do Rio Maipo, Lontuê e Curicô, que correspondem no Chile a zonas muito apreciadas, do ponto de vista vinícola, quanto a suas condições naturais.

As variedades francesas, tão bem aclimatadas no Chile desde o século passado, estão presentes nos Vinos Canepe, como Cabernet-Sauvignon para os tintos e, para os brancos, Semillón e Sauvignon, e também Riesling-renano.

Estes vinhos, desde há 35 anos, são exportados a diferentes países como a Inglaterra, Bélgica, Suíça, Alemanha, Japão, Estados Unidos, Brasil, México, Colômbia, Venezuela, Uruguai, Equador, Paraguai, e também a Noruega, Austrália e Nova Zelândia.

Estes são os vinhos que acompanharão o nosso almoço do próximo dia 21 de maio.

"NOITE CHILENA" NO CLUBE ATLÉTICO PAULISTANO

A nossa Câmara está preparando uma festa de conagração e conhecimento mútuo dos associados entre si e suas famílias, de 500 pessoas a realizar-se no dia 26 de junho (quinta-feira) às 20 horas, no Salão Grande do Clube Atlético Paulistano, rua Honduras 1400, Jardim América.

Um conjunto folclórico com roupas típicas chilenas, composto de 25 figuras, apresentará danças e cantos da terra chilena, mostrando especialmente os bailes e as músicas populares do século passado.

Simultaneamente, no mesmo local, uma exposição de pinturas, esculturas e tapeçarias de artistas brasileiros e chilenos, que poderão ser adquiridos na hora pelos assistentes ou pelas empresas que eles representam.

No cocktail, entre outros aperitivos, o pisco "Bauzá", importado em forma exclusiva pelo nosso associado Expand, e no jantar, acompanhando as "empanaditas" e outros pratos, o vinho "Los Robles", da zona chilena de Curicô, importado também em forma exclusiva pelo nosso associado Le Roy Exportadora e Importadora.

Os convites numerados, no valor de Cr\$.900.- por pessoa, podem ser adquiridos desde já no local da Câmara, sendo possível, como em ocasiões anteriores, as empresas associadas adquirirem uma quantidade maior de convites, para distribuir como presente entre os seus próprios clientes.

Feb 10
All



Rockwell International

Com 114.000 empregados e 5,7 bilhões de dolares de vendas em 1978, é uma companhia multi-Industrial que aplica tecnologia de vanguarda nas seguintes areas: Automotiva, Aeroespacial, Eletrônica, Industrias Gerais.



Rockwell do Brasil

Com 2.500 empregados e 60 milhões de dolares de vendas em 1978, é uma empresa com quatro divisões. Produzindo rodas e outros componentes automotivos, Máquinas operatrizes para beneficiamento de madeira, máquinas de costura industriais e equipamentos eletrônicos e telecomunicação.

FRANULIC

FRANULIC, conhecido pintor e escultor chileno, cuja trajetória de 18 anos no Brasil o situa no primeiro plano das artes plásticas deste país, tem realizado exposições na Argentina, Bolívia, Chile, Estados Unidos, Iugoslávia, França, como também quadros seus encontram-se em diversos grandes museus do mundo. Professor de arte, apresentou-se em várias Bienais, e em mais de 50 exposições, participando como júri de seleção e premiação em diversos salões oficiais de arte, ao mesmo tempo possuidor de medalhas, diplomas e prêmios.



FRANULIC, O PINTOR E ESCULTOR

É o nosso velho conhecido. A Câmara Chilena já apresentou, com muito sucesso, uma exposição exclusiva dele, no ano passado. Muitos dos associados adquiriram os seus quadros, inclusive as empresas, para decorar as salas de reuniões.

Agora volta a colaborar com a nossa Câmara, apresentando-se na próxima "Noite Chilena" do Clube Atlético Paulistano, no dia 26 de junho, juntamente com outros artistas brasileiros e chilenos.

O único problema que Franulic planteia para nós é de espaço, porque não temos como publicar aqui as duas páginas completas que, em relação apertada, constituem a lista das suas exposições no Brasil nos últimos doze anos.

Preferimos nos referir somente ao seu talento como escultor, e a obra que está realizando neste momento, o maior mural já levantado na cidade de São Paulo: as fachadas frontal e lateral do Clube Armenio, em Indianópolis.

Nesta obra há um relacionamento da arte moderna com a cultura armenia. Cada elemento tem até 60 centímetros entre alto e baixo relevo. O fundo é estriado, deixando sulcos de 15 cms em linhas verticais e horizontais quebrados em suas arestas. Uma série de "espécie de Cruz de Malta" de 1,30 x 1,30 em alto relevo de 60 cm, repetida seis vezes. Dentro de um círculo de 2 metros de diâmetro vemos a figura de duas águias, frente a frente, segurando um anel, em simetria perfeita. (A águia é um elemento importante na cultura armenia). Estas figuras encontram-se dentro de uma forma muito audaciosa e elegante que sobe até 8 metros de altura para se transformar numa viga que cruza a fachada toda, para se encontrar no outro lado com a grande estrutura armenia de oito pontas, com diâmetro de seis metros. No interior de um semi-círculo encontramos esculpido em cimento mais claro o "Touro-alado", símbolo máximo da libertação do povo armenio, estilizado pelo artista em arrojadas linhas modernas.

A parte frontal tem 50 metros de comprimento por 12 metros de altura, e as duas laterais são de 12 x 12, perfazendo em total uma escultura de 912 metros quadrados.

O PINTOR HUMBERTO DINAMARCA

Estudou na Escola de Belas Artes da Universidad de Chile. Foi sua primeira opção a música, fazendo parte de um grupo folclórico, que, posteriormente, ao sair os seus integrantes da Universidade, se dispersou, continuando Dinamarca como solista, e pintando ao mesmo tempo. Assim percorreu o Chile inteiro, fazendo apresentações em shows musicais e pintando as belezas naturais.

Depois de gravar vários discos, apresentar programas de TV e integrar giras artísticas, percebeu que a sua vocação real era a pintura, dedicando-se a ela completamente.

Em 1977 participa no Salão Nacional de Belas Artes, obtendo Menção de Honra por diversas paisagens urbanas apresentadas.

A partir de 1978 passou a viver no Brasil, participando de exposições, de encontros artísticos.

Humberto Dinamarca é um excelente paisagista.

O PINTOR ENRIQUE ARAVENA

Nasceu em Temuco, no Chile, em 1948.

Estudou desenho publicitário em Santiago, dedicando-se por alguns anos a essa atividade.

Posteriormente incursionou na arte chilena do cobre repuxado, que ajudou a difundir, fazendo a primeira amostra desta técnica no seu país, e logo depois em outros países da Região.

- 1971 - Exposição no Hotel Carrera-Sheraton, Santiago, Chile.
- 1972 - Sepy Atelier, Miami, USA.
- 1974 - Galeria Mutual del Perú, Lima, Perú.
- 1974 - Casa de la Cultura, Quito, Equador.

Fora destas individuais, participou em numerosas exposições coletivas no Perú (Arequipa), Bolívia (La Paz), e Brasil (São Paulo, São Bernardo do Campo, Embú).

Seu estilo, nos parece, poderíamos situá-lo dentro do campo do expressionismo figurativo.



Em ambiente bem similar àquele em que vive o homem do campo chileno, sob árvores frondosas, mesas e bancas rústicas, três fornos de barro, você pode encontrar empanadas, borgoña em frutilla, pastel de choclo, patitas de chanco, asados, pollo al barro, locos con mayonesa, choros, sopa a la marinera, e conversa e bons guitarreios. Peça e saboreie o prato: Levanta-te Lazaro.

PEÑA DE DON FERNANDO

Largo da Aldeia de Carapicuíba. No km 22 da Raposo Tavares virar à direita e +2 kms.

Música ao vivo nas noites de fim de semana. Almoços familiares sábados e domingos.



Comissária de Despachos
ONTREAL Ltda.

SERVIÇOS ADUANEIROS

- * ASSESSORIA
- * IMPORTAÇÃO - EXPORTAÇÃO
- * CABOTAGEM
- * COLIS POSTAUX
- * PROJETOS (C. D. I.)
- * SERVIÇOS AÉREOS E MARÍTIMOS

SÃO PAULO

Largo da Misericórdia, 23 - 89 - Conj. 817
P.A.B.X. 36-6951

SANTOS

Rua General Camara, 139 - 39 andar - Conj. 34
TELS.: 2-9172 / 34-8234



LAN-CHILE

Linhas Aéreas Chilenas

EUROPA - AMÉRICA LATINA - USA - PACÍFICO SUL

PARA O MELHOR
APROVEITAMENTO DA SUA
VIAGEM MUDAMOS A
SAIDA DOS NOSSOS VÔOS:

DOMINGOS E
QUINTAS-FEIRAS

BRASIL
CHILE

TÊRÇAS E
SEXTAS-FEIRAS

BRASIL
EUROPA

QUINTAS E
SEGUNDAS-FEIRAS

BRASIL
ILHA DA PÁScoa
TAHITI

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGEM

SÃO PAULO	RIO DE JANEIRO	BELO HORIZONTE
Av. São Luis, 131 - 2.º Gerencia - Vendas Emissão e Reservas: 257-4579 - 257-5610 059-2927 - 0509-680	Av. Rio Branco, 151-B Emissão } Reservas } 262-3262	Rua Tupis, 171 - Loja 14 Gerencia { Vendas { Emissão { 226-1417 Reservas {
	Av. Rio Branco, 156 - 17.º	

fls 12
[Handwritten signature]

ELUMA

Com o número 244 foi aprovada sua incorporação à Câmara.

É uma companhia aberta, estruturada em cinco Divisões, com capital atual de Cr\$.818.881.000, sendo 729 milhões de origem nacional e 89 milhões de origem estrangeiro.

Comandada pelo seu Presidente, Luiz Eduardo Campello, suas vendas totalizaram Cr\$.5.016 milhões de cruzeiros em 1979, com incremento de 83% em relação ao ano anterior.

As exportações atingiram 15,7 milhões de dólares no ano passado.

DIVISÃO ISAM - Semi-manufatura de metais não ferrosos, como bobinas, tiras e chapas, tubos, fios, vergalhões e barras. Está executando programas de expansão e modernização da Divisão, visando elevar sua participação no mercado nacional e continuar expandindo suas exportações;

DIVISÃO BUNDY - Manufatura de tubos de aço cobreado, eletrodutos, tubos de aço eletrosoldados, peças de tubos em geral e condensadores de arame e componentes de refrigeração. Recentemente foram adquiridos equipamentos destinados à produção de condensadores de tipo REIERT. Estão sendo feitas novas inversões em equipamentos destinados à proteção externa dos tubos Bundy;

DIVISÃO BRASILWAGEN - Comercialização de veículos novos e usados, peças e acessórios e assistência técnica. Em 1979 foram comercializados 5.488 veículos, mantendo sua posição de uma das maiores revendedoras de veículos do País;

DIVISÃO ELVEX - Prestadora de serviços técnico-administrativos, incluindo a administração de bens, notadamente no ramo de imóveis; trabalhos de terraplenagem, saneamento e congêneres; loteamento, construções e incorporações, gestão por conta de terceiros de condomínio, e compra e venda de imóveis;

DIVISÃO FORTRADE - Importação e exportação de matérias primas, peças e maquinária. Por meio desta Divisão, a ELUMA vem desenvolvendo um esforço sistemático para ampliar e consolidar suas operações no exterior.

Além destas cinco Divisões, a ELUMA conta com as seguintes empresas controladas e coligadas:

BONGOTTI S/A IND. E COM. DE RADIADORES; FAMOR IND. E COM. LTDA; INDUSTRIA DE AUTOPEÇAS ELUMA LTDA; NIBGO INDUSTRIAL SA-NISA; AÇOS DO BRASIL S/A; MIRANOVA COM. E REPRESENTAÇÕES LTDA; ELNOR COM. E REPRESENTAÇÕES LTDA; ELUMA METAIS S/A; JOHNSON & HIGGINS-ELUMA; MINERAÇÃO E SERRAS DO LESTE LTDA; PARSONS ELUMA PROJETOS E CONSULTORIAS;

E no exterior, as seguintes coligadas:

TUBONOR BUNDY ARGENTINA S.A.I.C. (Argentina); INDUSTRIAS BUNDY S/A (Colombia); BUNDY VENEZOLANA C.A (Venezuela); CAMPELLO, WILL-COX AND ARNOLD REINSURANCE BROKERAGE LTD (Inglaterra).

Adalberto Guimarães Quei



Grande marca de

VINHO CHILENO

o melhor

dentre os melhores!

PEDIDOS PELOS FONES:

289-5952 • 289-5986

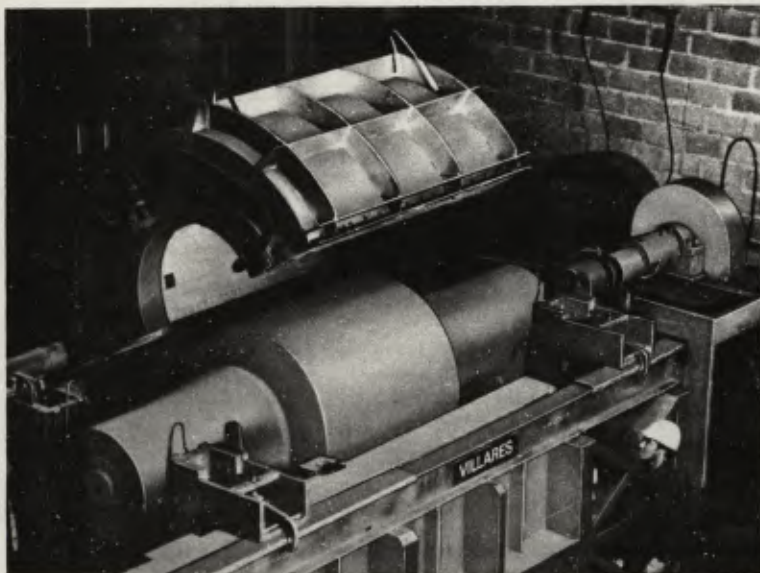
93-2925 • 93-0231

227-2487 • 227-7623

221-1027 • 223-1795

228-5948 • 228-0489

Los cilindros que producen más tienen temple diferencial. Y son Villares.



Con sus 65 Shore en la superficie de la mesa y 55 Shore hasta una profundidad de 125 a 150 mm, los cilindros de respaldo y desbastadores de la Villares son capaces de superar todos los records de productividad. Según las condiciones en que trabajen, estos cilindros pueden llegar a laminar hasta 2 millones de toneladas.

Para llegar a esta extraordinaria perfección técnica, Villares puso en juego toda su experiencia de más de 45 años en la construcción del horno Rototemp para temple diferencial, que es único en el Brasil y en toda la América del Sud.

Pero Villares no produce solamente este tipo de cilindros. La tecnología de Villares está también presente en los cilindros de acero fundido, de hierro fundido y de acero forjado, que produce con el "know-how" de Teledyne Ohio Steel Co. Sea lo que fuere que usted precise, Villares lo atenderá.

Y le dará la mejor asistencia técnica, mucho más rápidamente, dondequiera que su industria esté instalada.

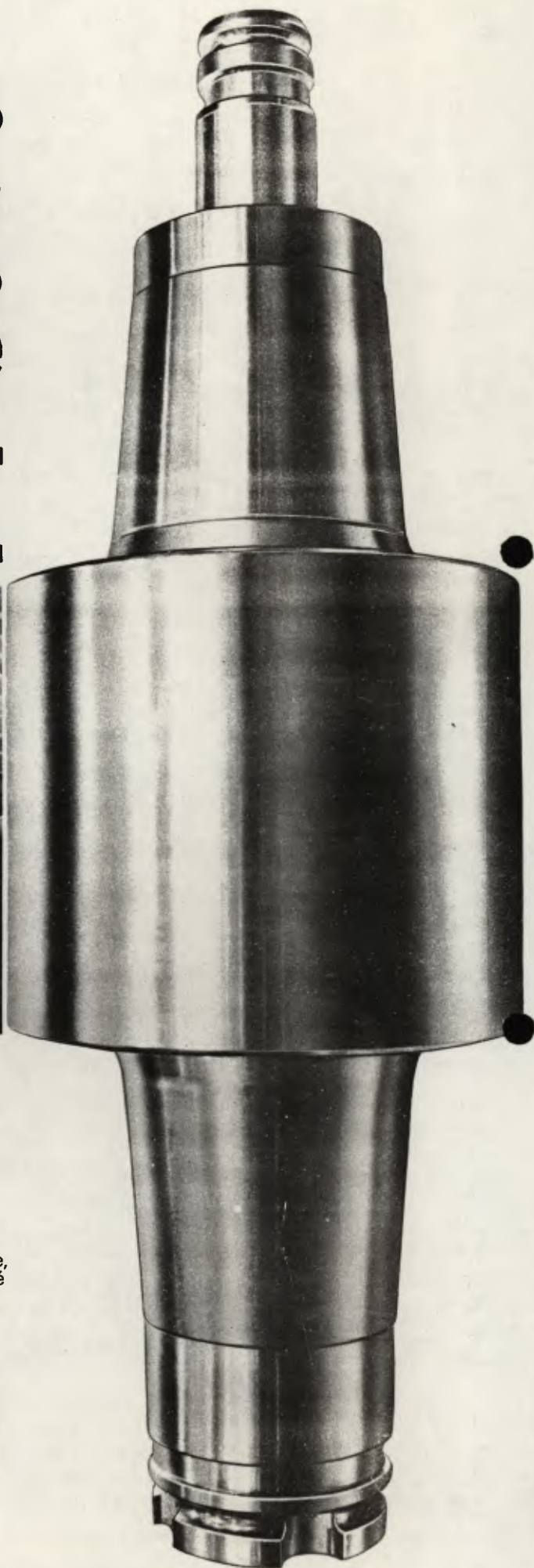
¿Quiere usted una prueba de la eficacia y de la rapidez de nuestro atendimento?

Su pedido será correctamente atendido dentro del plazo estipulado. Consulte a Villares.



VILLARES

Aços Villares SA



fls 13
Abat

roz, Diretor de Comunicações da ELUMA, é o contato que os associados da Câmara poderão ter com esta empresa, na Avenida Paulista 1294, 24º andar, fone 284-6011.

C.A.I.O. CIA AMERICANA INDUSTRIAL DE ONIBUS

Com o número 241 foi aprovada sua incorporação à Câmara.

O Grupo C.A.I.O. participa, desde a década de 40, através de diversas empresas, do esforço para melhoria dos transportes de passageiros em geral.

Fabrica carrocerias metálicas de ônibus e micro-ônibus dos mais variados tipos e modelos, como também as peças de reposição.

A C.A.I.O. SÃO PAULO é de 1946, e vinte anos depois, sob os auspícios da SUDENE, foi instalada a C.A.I.O. NORTE, em Pernambuco. O Grupo é responsável, através de 6 empresas, com frota de 500 veículos, pelo transporte coletivo em toda a Baixada Santista, além de operar com uma frota de 54 veículos o transporte interestadual entre Rio e São Paulo, por meio da UNICA AUTO ONIBUS S/A.

E em breve, serão alargadas para fora das fronteiras brasileiras as atividades industriais do Grupo.

Já foram produzidas mais de 20.000 unidades, e o Grupo é pioneiro na abertura do mercado externo para carrocerias de ônibus, exportando para a Argentina, Uruguai e o Chile, a partir de 60. Hoje atende uma dezena de países latino-americanos, o Oriente Médio e a África do Sul.

A C.A.I.O. tem um capital social de Cr\$.180.000.000,00.

O Gerente de Exportação, Ivo Marco Belucci, é o contato que temos na empresa, que fica na rua Guaiaúna 550, telefone 295-1011, São Paulo.

DICKA OPERADORA TURISTICA

Com o número 240 incorporou-se à Câmara como membro ativo.

Foi fundada em São Paulo no dia 26 de junho de 1973, sob o nome de Turismo Cocha, como Agência da sua filial chilena, por Ramón Paul Dunoguier e Mario Fuenzalida.

Posteriormente, a firma associou-se ao Grupo Dickinson, mudando sua razão social para DICKA OPERADORA TURISTICA, sendo que há um ano opera como empresa independente.

Em consequência da próxima alteração da lei que regula o funcionamento das Operadoras e Agências, a Empresa iniciou sua reestruturação com o objetivo de poder atender diretamente ao público na venda de passagens e excursões.

A DICKA possui perto de 90 representantes entre a América do Sul, Europa, África, Ásia e Oceania, além de 30 representantes dentro do Brasil.

Para ajudar a cumprir as metas traçadas, incorporou-se recentemente à firma Santiago Faz, que foi durante sete anos gerente da LAN-CHILE para todos os Estados Unidos; durante quatro anos gerente geral para Europa; Delegado Oficial às Conferências da IATA; Vice Presidente Comercial para toda a rede da LAN CHILE; e, finalmente, em 1976 estabeleceu os serviços da LADECO no Brasil, de onde se retirou agora para incorporar-se como sócio da DICKA.

A experiência de Santiago Faz, de Ramón Paul Dunoguier, fazem com que a DICKA possa apresentar com eficiência serviços que incluem organização de viagens e excursões, dentro e fora do Brasil; venda de passagens nacionais e internacionais; organização de congressos e convenções; recepção para executivos ou grupos que visitam o Brasil; e, enfim, assessoria para transporte de carga aérea.

A DICKA está no Edifício Italia, 8º, fone 258-1239.

RESENHA JURÍDICA

COMÉRCIO EXTERIOR - ATOS NORMATIVOS E JURISPRUDÊNCIA

- Conforme decisão da Primeira Câmara do Terceiro Conselho de Contribuintes a isenção de Imposto de Importação está condicionada à data de entrada da mercadoria no território nacional, que é compreendida como a data de chegada do navio ao porto.

- A isenção de ICM prevista na lei para entrada de mercadorias importada, somente alcança a matéria-prima a ser empregada em processo de industrialização no estabelecimento do importador.

- No despacho aduaneiro de mercadorias importadas de países membros da ALALC, quando solicitada a aplicação de reduções tarifárias negociadas pelo Brasil e constantes da Lista Nacional, das Listas Especiais de Concessões, ou de Complementação Industrial, é obrigatória a apresentação do "Certificado de Origem", descrito na Instrução Normativa SRF 76, 06.12.79.

- O Decreto-lei nº 1.726, suspende a isenção do IPI e Imposto de Importação, que eram concedidas à importação de máquinas, equipamentos, aparelhos, ferramentas, veículos, aviões, navios, barcos, bem como as partes e peças componentes e declara que bens de qualquer natureza importados com alíquota zero de Imposto de Importação estão sujeitos ao recolhimento dos demais impostos.

- Pelo Decreto-lei nº 1.772, o Conselho de Desenvolvimento Industrial (CDI), fica autorizado a conceder isenções e reduções do Imposto de Importação e do IPI, às importações de bens destinados a projetos industriais analisados até 6 de dezembro último e a programas de produção para 1980 vinculados a planos de nacionalização existentes anteriormente ao Decreto-lei nº 1.726, que se enquadrem nos índices mínimos de nacionalização fixados pelo CDI.

Elaborado por nosso associado:

BARROS, MACHADO E MEYER - ADVOGADOS

Av. São Luiz, 112 - 7º - Tel:256-3022

TMT

Management
Consultants

Executive
Selection

● **Carlos Troncoso**

● **Albert Tuteleers**

Managing Partners

TMT

Consultores Associados S/C Ltda.

Rua Cardoso de Almeida, 788

Conjunto 53

(05013) - São Paulo - SP - Brasil

Tels.: 263-2646 - 65-3667 - 65-6083

fls 14
Bos

EMPRESARIOS CHILENOS NA FENIT

Estão anunciados numerosos por diversos condutos. Quem mais centraliza aqui em São Paulo a atenção a cada um destes grupos é a nossa associada Juana A. de Silveira, que desenvolve precisamente o trabalho de assessoria de comércio exterior, orientando e atendendo os visitantes.

A FENIT - Feira Nacional da Indústria Textil será apresentada este ano, de 24 a 30 de maio, no Parque Anhembi.

O GRUPO TENENGE COMEMORA 25 ANOS

Dedicando-se às atividades que envolvem montagem industrial, construção civil e serviços de engenharia, tendo participado dos principais empreendimentos Brasileiros nos setores hidrelétrico, de siderurgia, refinação de petróleo, petroquímica, química, cimento, e mais recentemente, da construção de plataformas de prospecção de petróleo, a TENENGE-TÉCNICA NACIONAL DE ENGENHARIA S/A., comemorou, em 12 de abril último, 25 anos de sua fundação.

Contando atualmente com mais de 10.000 funcionários, o GRUPO TENENGE possui ramificações em outros países sul-americanos, a exemplo da TENENGE CHILE-ESI LTDA., que atua junto ao parque industrial chileno, em setores similares àqueles desenvolvidos no Brasil.

A representação do GRUPO TENENGE junto à Câmara Chilena de Comércio, é feita por intermédio do Dr. DECIO GERMANO PEREIRA JUNIOR, membro da diretoria desta Câmara e diretor da SOBREL-SOCIEDADE BRASILEIRA DE ELETRÔNICA LTDA., empresa voltada ao setor eletrônico, nascida da associação da TENENGE-TÉCNICA NACIONAL DE ENGENHARIA S/A. com a S/A ELECTRONIQUE MARCEL DASSAULT.

CASP S/A

Tradicional industria Brasileña de equipos para indústrias avícolas y agropecuárias, tiene a disposición para CHILE los siguientes productos:

— Equipos para avicultura:

- Incubadoras, varios modelos, hasta 150.000 huevos.
- Comederos mecánicos automáticos (2 modelos).
- Bebederos pendulares tipo cúpula.
- Calentadores de pollos (eléctricos y de gas GLP).
- Comederos tubulares.
- Sistemas de ventilación para viveros de aves.
- Silos para ración en gran cantidad.
- Carrocerías para transporte de ración en gran cantidad.

— Equipos para fabricar raciones animales (mezcladores, dosadores, transportadores y depósitos).

— Equipos para preparar semillas: maquinas de limpieza, secadores clasificadores por longitud, largo y espesor, separadores densimétricos, transportadores y depósitos especiales.

— Silos para almacenar: maíz, soya, trigo, sorgo, etc; (de 100 a 1.000 toneladas por célula).

— Secadores intermitentes, de leña, para café.
— Secadores intermitentes y continuos, de leña, para cereales.

Entre en contacto inmediatamente con:

Inter Continental Ltda.
Av. Hermandado de Aguirre, 164 - of. 61
Casilla 9612 - Santiago
Fono: 23.3090
Ivan Marinovic P.

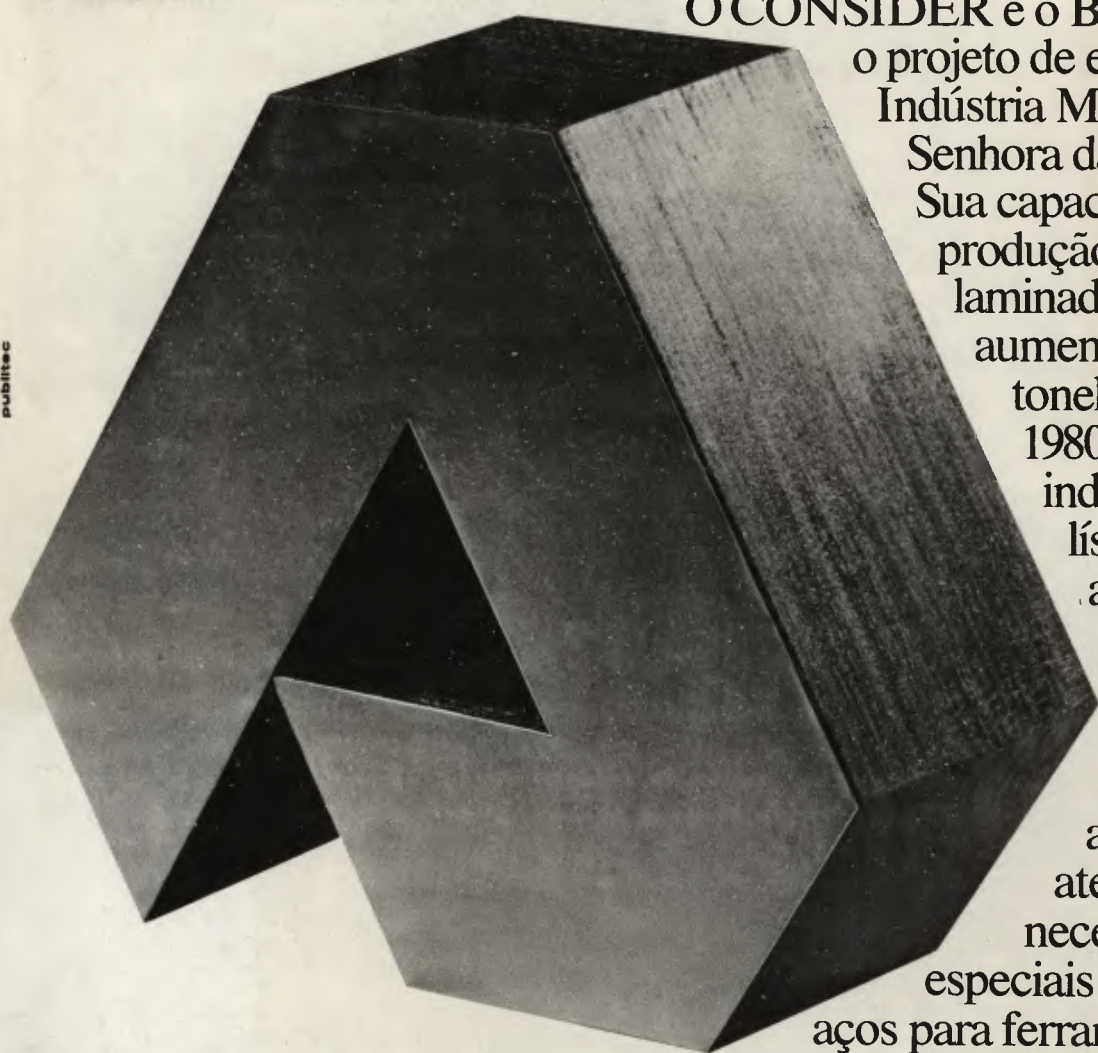


CASP
Equipamentos de Confiança

CASP S/A Indústria e Comércio.
Rua 25 de Janeiro, 209 - 01103 - São Paulo-Brasil
Teléfono: 227.4911 - Telex (011) 25 138 CSCO BR

Este símbolo vai pesar 160.000 toneladas.

publinter



O CONSIDER e o BNDE aprovaram o projeto de expansão da Indústria Metalúrgica Nossa Senhora da Aparecida S/A. Sua capacidade de produção de aços especiais laminados e forjados será aumentada para 160.000 toneladas até o ano de 1980. Agora, a indústria automobilística, a indústria aeronáutica, a do petróleo e a indústria mecânica em geral serão ainda melhor atendidas nas suas necessidades de aços especiais de alta qualidade, aços para ferramentas,

inoxidáveis e outros. Mas não vamos parar nas 160.000 toneladas. Este símbolo vai pesar muito mais daqui pra frente.

aparecida



Indústria Metalúrgica N.S. da Aparecida S.A. - São Paulo - Sorocaba

fls 15
MS

É um mamífero ruminante em processo de extinção.

Nos Andes meridionais, especialmente no Chile, havia milhões deles na época precolombiana e na época colonial.

Naquele então proporcionava excelentes serviços à população autóctona: suas carnes para alimento, suas peles para abrigo, e até colaborava no sistema de transportes, carregando vultos nas suas costas.

Por séculos e séculos, a sobrevivência dos guanacos foi ameaçada pelos tehuelches, índios de elevada estatura, com 1,80 metros como média, que habitavam a Cordilheira, e que apanharam dos mapuches (araucanos), muitíssimo melhor dotados como guerreiros, que os empurraram para o Sul.

A principal ocupação dos tehuelches era a caça do guanaco.

Porém, a salvação dos guanacos, naquele então, foi a extinção do seu inimigo antes do que eles. Pela luta com os araucanos, pelas pestes e enfermidades, e pelo clima hostil das novas regiões aonde foram deslocados, os tehuelches desapareceram antes do que os guanacos.

Atualmente, não se sabe quantos ainda existem, mas pode-se fazer um cálculo de aproximadamente 16.000 exemplares, uma pequena parte na Cordilheira norte, e a maioria no extremo sul, na Terra do Fogo.

É um mamífero manso, não ataca, porém usa uma eficiente e curiosa maneira para se defender: cuspiendo. Desde muita distância, com certa pontaria, e com bastante violência, é capaz de cegar momentaneamente o inimigo que o está atacando.

Seu tamanho é razoável, com um peso médio de 120 quilos, com 2 a 2,20 metros medidos da ponta do nariz até a ponta da cauda, e 1,10 metros de alçada da cruz, ou seja, do chão até a espádua.

A desapareição da espécie veio rápida, a partir da segunda metade do século passado com a ocupação das pastagens pelas vacas, cavalos e ovelhas; pela caça indiscriminada, ou melhor, criminosa, dos chulengos, para aproveitamento das suas valiosas peles (o chulengo é o filhote do guanaco); pela destruição do seu habitat, pois o Chile precolombiano era uma imensa e contínua floresta, agora em grande parte desaparecida; pelas enfermidades e pestes transmitidas pelo gado civilizado, sem a consequente assistência veterinária; pelos ataques eventuais dos cachorros baguais, e pelo ataque sistemático do puma, felino muito parecido com a onça, que habita na Cordilheira dos Andes.

Impossível sobreviver com tantos inimigos.

A única maneira é isolar o guanaco, para salvá-lo.

A Corporação Nacional Florestal está trabalhando com entusiasmo nesse sentido, estabelecendo uma reserva exclusiva, para começar com 350 a 400 machos, número bem maior de fêmeas, onde os chulengos possam andar tranquilos, sem interferências ou perigos, e voltar a ter mais de meio milhão destes mamíferos, só na província de Magallanes como existiam até não mais de 40 anos atrás.

E depois, ver a maneira de aproveitá-los economicamente, pela sua lã, carne, pele, caça esportiva, turismo. A Corporação está também desenvolvendo estudos para este aproveitamento.

CC CONFORJA S.A.



Nos seus 25 anos de existência, a Conforja, desenvolveu uma tecnologia de alto nível para oferecer qualidade às áreas básicas da economia nacional - Petrobrás, Siderúrgica, Mecânica, Construção Naval, Energia Elétrica, Indústrias Petroquímicas, Química, Mineração, Saneamento, Usinas Nucleares, etc.

CC CONFORJA S. A. conexões de aço

Rua São Nicolau, 210 - CEP 09900 - Tel.: (011) 445-3166
Cx. Postal 100 - DIADEMA - SP - Telex 011-4275 - Fon Br



LOLISA

a linha de
 integração
 sul-americana

Serviço quinzenal entre portos de Brasil, Uruguai, Argentina, Chile, Peru, Equador e Colombia para transporte de carga geral, frigorizada, granéis sólidos e líquidos. Transporte de veículos e carga unitizada em containers ou pallets.

L Lloyd - Libra Navegação S.A.
 (LOLISA)

Rua São Bento, 8 - 9.º Andar - Rio de Janeiro - Brasil
 Telefones: 253-7027 - 253-0885
 Telex: (021) 23155 LOLI BR

Agentes em todos os portos acima mencionados.

seguiu junta de fls rubricados sob nº 16/18
 CONDEPHART, aos 26/05/80

MARCIONELA DA S. COSTA
 [assinatura]

4 Turismo



Das 12 aldeias fundadas pelos jesuítas, Carapicuíba foi a única que restou.

Cultura

Carapicuíba dedica uma semana à discussão da música, teatro, dança...

A Aldeia de Carapicuíba, situada a 22km de São Paulo, comemora, este ano o IV Centenário de sua fundação com a realização da III Semana da Cultura Brasileira, de 26 a 29 de junho, promovida pela Prefeitura Municipal e organizada pelo Procultura — Centro Brasileiro de Estudos Específicos. A aldeia foi fundada em 1850 pelo padre José de Anchieta e sua capela é a única original restante daquela época.

A III Semana terá como tema básico a Preservação da Memória Cultural e reunirá intelectuais, autoridades, artistas, empresários, professores e estudantes, participando de atividades ligadas à música erudita, popular e regional, folclore, teatro, artes plásticas, artesanato e comidas típicas. Estão previstas também conferências, palestras e debates de temas de interesse sócio-cultural, ligados à cultura brasileira. Segundo o prefeito de Carapicuíba, Antonio Faustino dos Santos, o evento é "eminente cultural, com a finalidade de valorizar e divulgar manifestações artísticas tipicamente brasileiras e de nosso patrimônio histórico".

PROGRAMA

A programação da III Semana é esta: dia 26,

quinta-feira, a partir das 20 horas, debate sobre "Patrimônio Cultural na Perspectiva do Desenvolvimento"; abertura da Semana com a presença de autoridades e espetáculos musicais com violeiros da região. No ciclo de palestras e debates, exposições de Antônio Luiz Dias de Andrade (Diretor-Regional da Sphan — Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), professor Benedito Lima de Toledo (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo), professor Carlos Lemos (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e **Condênhaa**) — Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo) e Ernani Silva Bruno, historiador. No dia 27 (sexta-feira), a partir das 20 horas, sob o tema "Nacionalismo e Internacionalismo na Música Brasileira Hoje" haverá apresentação de música brasileira erudita, popular e regional, com exposições do jornalista Adones de Oliveira, do presidente da Abas — Associação Brasileira de Artistas Sertanejos, José Lisboa Monteiro, e do produtor musical Zuzana Homem de Melo. No dia

28 (sábado) a partir das 20 horas, sob o tema "Panorama do Teatro Brasileiro Moderno", apresentações de teatro, capoeira e candomblé e exposições da atriz Berta Zemel, do teatrólogo Caetano Martins Fernandes, do professor Miroel Silveira, do crítico Sábado Magaldi, do diretor Silney Siqueira e do ator Wolney Assis. No dia 29 (domingo) sob os temas "Conceitos e Preconceitos do Folclore Brasileiro" e "Extinção do Índio Brasileiro" apresentação de música e danças folclóricas, e exposições dos professores Clóvis Garcia e Celso Antunes.

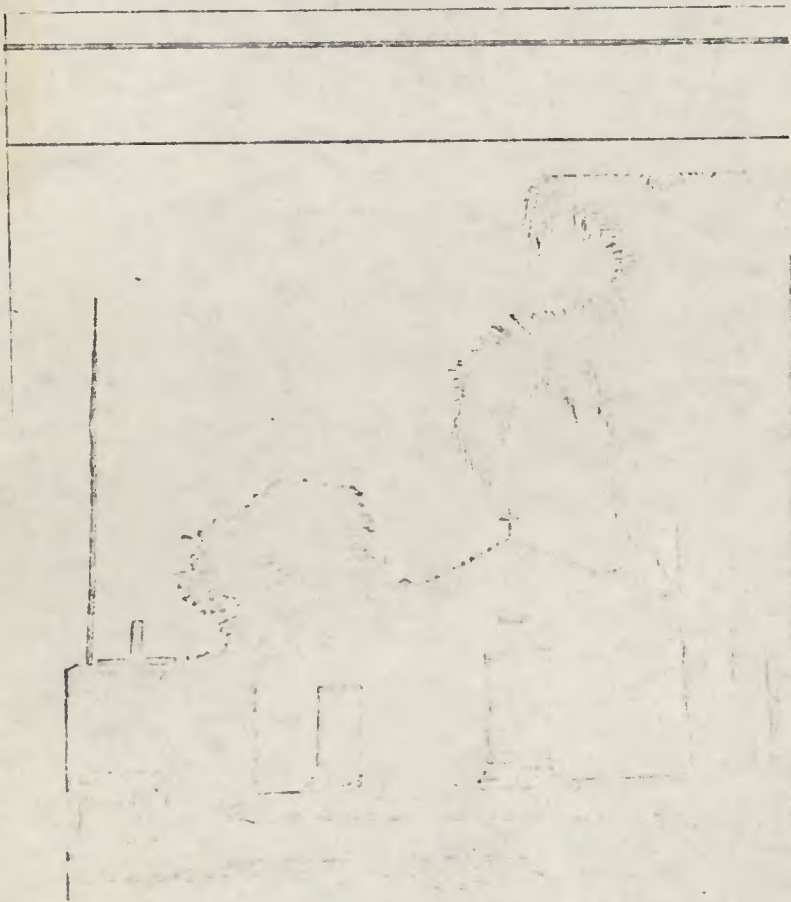
ab 170/15

FOLHA DE S. PAULO

Domingo, 20 de abril de 1980

40 — 4.º caderno — ILUSTRADA

Artes Visuais



A Igreja da Aldeia do Carapicuíba e seu terreno

fls 18
A. Costa

Pelo menos não destruam o que não sabem conservar

BENEDITO LIMA DE TOLEDO

Nesse local promoviam os Jesuítas a encenação de seus autos.

Carapicuíba vê, a cada ano, ameaçada a sua festa de Santa Cruz (início de maio). Primeiro é o abandono e a falta de assistência dos poderes públicos. A iniciativa oficial fez passar pelo centro da aldeia uma pista de asfalto que desfigura seriamente o terreiro, o qual passou a servir de estacionamento de ônibus. E o caso de se dizer às autoridades que, pelo menos, não destruam o que não sabem conservar.

Nesse terreiro há muitos fatos ligados à vida das primitivas comunidades indígenas. Sérgio Buarque de Hollanda, no seu estudo Capelas Antigas de São Paulo, lembra um episódio da vida do Padre Belchior de Pontes. Quando em fins do século 18 se pensou em mudar a aldeia, aquele sacerdote vaticinou que Carapicuíba "não havia de deixar de ser aldeia". Citando seu biógrafo, o historiador conta que, apesar dos esforços dos padres, os índios sempre voltavam à sua "amada Carapicuíba sendo tão tenazes no seu propósito, que foi necessário condescender com elles". Em 1736, finalmente, a capela foi reerguida e ao centro da aldeia recolocada a antiga cruz. "Dessa cruz dissera o Padre Belchior que ainda serviria para uma igreja nova que ali se havia de fazer", fato apontado por seu biógrafo como "signalada prophécia".

Há cerca de dois anos fui convidado a comparecer em companhia do arquiteto Carlos Lemos a uma reunião sobre patrimônio histórico em Carapicuíba. A reunião ocorreu numa noite na escola da aldeia. A sala estava repleta e pudemos ouvir dos moradores sua preocupação com a descaracterização da área envoltória à aldeia e com ameaças à própria realização das danças de Santa Cruz.

Na formação urbana de São Paulo, o Largo, isto é, um espaço aberto frente a um templo, sempre teve grande importância. A tradição portuguesa ignorava a "plaza mayor" prevista nas "Leyes de Las Indias" pelas quais se regia a construção de cidades do mundo espanhol.

O Largo era apenas o alargamento de uma rua sem qualquer cuidado especial. Largo de São Bento, de São Francisco, do Rosário, da Misericórdia, do Carmo e outros, são espaços que deram origem às poucas áreas livres existentes no centro histórico de São Paulo.

O Largo de S. Gonçalo era palco das movimentadas "danças de São Gonçalo". Já o Largo do Ouvidor liga-se à tradição franciscana de implantar um cruzeiro em frente às suas igrejas.

Os jesuítas em suas aldeias deixavam sempre em frente à capela um terreiro como ainda vemos no Embu, em N.S. da Escada, em Carapicuíba ou em São Paulo no atual Pátio do Colégio. O mais bonito no Brasil talvez seja o da aldeia de Reis Magos, no Espírito Santo.

A festa de Santa Cruz de Carapicuíba é exemplo que ainda permanece vivo de festa popular de caráter religioso.

Mário de Andrade afirma que "em certas festas populares, religioso-coreográficas, tais como a dança de S. Gonçalo e a dança de Santa Cruz, pelo menos nos arredores de S. Paulo, após cada número do cerimonial dança-se o cururu. Ora, os processos coreográficos desta dança têm tal e tão forte sabor ameríndio (...) que não hesito em afirmar ser o cururu uma primitiva dança ameríndia, introduzida pelos jesuítas nas festas religiosas fora (e talvez dentro) do templo. E esse costume e dança permaneceram vivos até agora". Permaneciam vivos há cerca de 40 anos quando Mário escreveu esse texto. Em outro estudo, esse autor fala que o prolongado brado que os violeiros dão em certo momento da festa de Santa Cruz de Carapicuíba é uma permanência de um hábito indígena.

Moradores das proximidades, de origem nordestina, agora levam suas sanfonas e tentam transformar a festa em "forró". Ninguém, nem os moradores antigos da Carapicuíba, tem nada contra esses "forrós". Tudo poderia ser conciliado com o respeito a um calendário.

Mas, para isso, é preciso um cuidado especial, dada a fragilidade da cultura "folk" face à civilização moderna, como observa Linton: "Na civilização moderna estão se desintegrando as unidades sociais pequenas e estreitamente integradas, sendo substituídas por massas de indivíduos que são muito mais frouxamente interrelacionados que os membros daqueles grupos locais e classes... Portanto, nas civilizações modernas o núcleo da cultura está se reduzindo progressivamente".

Patrimônio, como lembra o Professor Hugues de Varine Bohan, da Unesco, não é somente o material. Há que considerar o patrimônio espiritual, isto é, hábitos e procedimentos transmitidos de geração em geração. Nas festas de Santa Cruz, toda a aldeia é ornamentada, cada casa mantém em sua frente uma cruz enfeitada com flores, acende-se ampla fogueira para aquecer e iluminar o ambiente. De alguns beirais ficam pendentes engenhosos lampiões a óleo, feitos de bambu. Algumas famílias guardam a tradição de preparo de iguarias como a pacoa e bebidas típicas como o verdadeiro quentão cujo preparo é feito em vários dias de antecedência para curtir o aroma das especiarias empregadas.

Dado o desinteresse das autoridades, muito ocupadas com festivais elitistas (jazz, Campos do Jordão, Guarujá) vemos como vai longe o tempo em que as festas populares contavam com o apoio zeloso de um Padre Belchior de Pontes ou a sensibilidade aguda de um Mário de Andrade.

19
19

Folha de informação rubricada sob n.º

do..... n.º/..... (a).....

Interessado

Assunto

Segunda-feira, 26 de maio de 1980

Semana da Cultura em Carapicuíba

A Aldeia de Carapicuíba, situada a 22 quilômetros de São Paulo-Capital, comemora neste ano o 4.º Centenário de sua fundação, com a realização, de 26 a 29 de junho, da 3.ª Semana da Cultura Brasileira, promoção da Prefeitura Municipal de Carapicuíba, organizada pelo Procultura — Centro Brasileiro de Estudos Específicos. A aldeia foi fundada em 1850 pelo padre José de Anchieta e os jesuítas, e sua capela é a única original restante daquela época. Segundo o prefeito de Carapicuíba, Antônio Faustino dos Santos, a Semana da Cultura Brasileira "é um evento eminentemente cultural, com a finalidade de valorizar e divulgar manifestações artísticas tipicamente brasileiras e de nosso patrimônio histórico".

A programação da 3.ª Semana da Cultura Brasileira é a seguinte: dia 26 (quinta-feira), a partir das 20 horas, tema do dia: "Patrimônio Cultural na Perspectiva do Desenvolvimento", abertura da 3.ª Semana com a presença de autoridades e espetáculos musicais com violeiros da região. No ciclo de palestras e debates, exposições de Antônio Luis Dias de Andrade (diretor Regional da SPHAN) — Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), professor Benedito Lima de Toledo (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo), professor Carlos Lemos (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e Condephaat — Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo) e Ernani Silva Bruno, historiador. No dia 27 (sexta-feira), a partir das 20 horas, sob o tema "Nacionalismo e Internacionalismo na Música Brasileira Hoje", haverá apresentações de música brasileira erudita, popular e regional, com exposições do jornalista Adones de Oliveira, José Lisboa Monteiro (presidente da Abas — Associação Brasileira de Artistas Sertanejos) e Zuza Homem de Melo, produtor musical. No dia 28 (sábado), a partir das 20 horas, sob o tema "Panorama do Teatro Brasileiro Moderno", apresentações de teatro, capoeira e candomblé e exposição de Berta Zemel (atriz), Caetano Martins Fernandes (teatrólogo), professor Miroel Silveira (Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo), professor Sábato Magaldi (crítico teatral), Silney Siqueira (diretor de teatro) e Wolney Assis (ator). No dia 29 (domingo), sob os temas "Conceitos e Preconceitos do Folclore Brasileiro" e "Extinção do Índio Brasileiro", apresentação de música e danças folclóricas, e exposições do professor Clóvis Garcia (Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo) e o professor Celso Antunes (professor universitário, historiador e escritor).

Ar. Diretor da SE
Retirado para consulta, solicite nos
devolva ao SAE

Wyllyconti
3-12-80

Segue , juntad..... nesta data, ^{documento}..... rubricad..... sob n.º.....
folha... de informação

..... em de de 19.....

(a).....



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º20.....

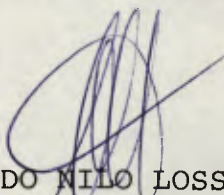
do Proc. CONDEPHAAT n.º 00339 /73..... (a).....

Interessado CONDEPHAAT

Assunto Solicita tombamento do acervo arquitetônico da Aldeia de Carapicuíba, particularmente a Capela de São João Batista, zona rural do município de COTIA.

Uma vez consultado o presente expediente,
ã S.A.C. para arquivar.

S.E., aos 04 de dezembro de 1980


ALDO NILO LOSSO
Diretor de Divisão
Secretaria-Executiva
CONDEPHAAT

JM/scc

Segue , juntad..... nesta data, documento rubricad..... sob n.º 20
folha... de informação

21 em 14 de 06 de 1984

(a) 10/11



Do

Número

339

Ano

73

Rubrica

A Direção Técnica,

Durante a elaboração do Guia do patrimônio Cultural Paulista verificamos encontrarem-se muitos dos processos de tombamento sem a documentação mínima necessária para a identificação dos bens tombados, motivo pelo qual tomamos a iniciativa de introduzir nos respectivos processos as fotos conseguidas para a referida publicação.

Assim, encaminhamos as fotos relativas ao bem tombado Aldeia de Parapiçuíba - Araçuaia para serem anexadas ao processo de tombamento nº 339 / 73 que se encontra no Centro de Documentação deste órgão.

STCR, 19 de maio de 1994.

Arg. Téc. - Técnico
H. J. R. de



Do	Número	Ano	Rubrica
----	--------	-----	---------



Arq. neg / pontato (WONDEPHAA T)
1982

Carapicuíba - Ilúvia
COMISSÃO
PRIMEIRA DE CARAPICUIBA
POSTO CARAPICUIBA
PRO. HELVÉDIO
192

(Carapicuíba) - 192

Juntada

Segue _____ juntada _____ nesta data, Documento _____ /Folha _____ de Informação rubricada

sob n.º _____

Em _____ de _____ de 19 _____

Assinatura



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico,
Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado
Rua Mauá nº 51 - 2º andar - Bairro da Luz - São Paulo - SP
Cep: 01028-900
Tel: 3351.8002 Fax - 3337.3955

23
SECRETARIA
DE ESTADO
DA CULTURA

Ofício GP-2007/00
Processo nº 00339/73

São Paulo, 7 de dezembro de 2000.

Prezado Senhor,

Cumprimentando cordialmente Vossa Senhoria, vimos por meio deste solicitar o envio de cópia da documentação existente a respeito da Aldeia de Carapicuíba, tombada por esse Instituto em 13.05.1940.

Tal solicitação se deve à necessidade de documentarmos de forma adequada o processo epigrafado, que trata do tombamento ex-officio o referido bem por este CONDEPHAAT.

Certos da habitual atenção de Vossa Senhoria, aproveitamos o ensejo para renovar protestos de alta estima e elevado apreço.

Atenciosamente,



JOSE ROBERTO F. MELHEM

Presidente

Senhor
Dr. ROBERTO SARUÊ
Superintendente Regional do IPHAN - 9ª SR/SP
Rua Baronesa de Itu
CAPITAL

/emws.-



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio
Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado
UPPH – Unidade de Preservação do Patrimônio Histórico

24

Do Processo CONDEPHAAT	Número 00339	Ano 1973	Rubrica
---------------------------	-----------------	-------------	---------

Ao arquivista do NAA/PT

Antônio Gouveia

Encaminho-lhe a presente documentação para que seja juntada ao Processo 00339/1973 intitulado ALDEIA DE CARAPICUÍBA E IGREJA DE SÃO JOÃO BATISTA.

Trata-se de cópia impressa e de cópia digital (DVD) do processo de tombamento do IPHAN.

Atenciosamente,

GEI/UPPH, 26 de agosto de 2009

LEONORA PORTELA DE ASSIS
Diretora do GEI
Grupo de Estudo de Inventário

Leonora Portela de Assis

Diretora do GEI

25



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

RIO DE JANEIRO, D. F.

218 T-39

7801

01, SE/lotaria, P. 218, 056

DISTRIBUIÇÃO

Assunto: Conjunto arquitetônico e urbanístico
da Alameda de Santa Fievela.
Município de São Paulo, lotaria
da São Paulo

notificação: nº 316



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

RIO DE JANEIRO, D. F.

Of. 485

Em 21 de dezembro de 1939

Notificação n° 316

Senhor Prefeito:

Tenho a honra de levar ao vosso conhecimento, para os fins estabelecidos no art. 5° do Decreto-lei n° 25, de 30 de Novembro de 1937, que foi determinado o tombamento, no Livro do Tombo a que se refere o art. 4°, n.ºs 1 e 3 do citado decreto-lei, dos seguintes bens pertencentes a essa Municipalidade: Conjunto arquitetônico e urbanístico da Aldeia de Carapicuíba, situada nesse Município de São Roque.

Rogando vos dignéis acusar o recebimento da presente notificação, apresento-vos os protestos de minha elevada estima e distinta consideração.

Rodrigo M. P. de Andrade

- Diretor -

Ao Snr. Prefeito do
Município de São Roque
São Paulo.

2/mad
27

Notificação n° 316

Em 20 de abril de 1940

Senhor Prefeito:

Tenho a honra de levar ao vosso conhecimento, para os fins estabelecidos no art° 5° do Decreto-lei n° 25, de 30 de novembro de 1937, que foi determinado o tombamento, no Livro do Tombo a que se refere o art° 4°, n° 3, do citado decreto-lei, do Conjunto arquitetônico e urbanístico da Aldeia de Carapicuíba, situada no Município de Cotia, do qual sois o alto representante legal.

Rogando vos dignéis acusar o recebimento da presente notificação, apresento-vos os protestos de minha elevada estima e consideração.

Rodrigo M. F. de Andrade
Diretor

Ao Senhor
Prefeito Municipal de
Cotia - Est. de São Paulo.

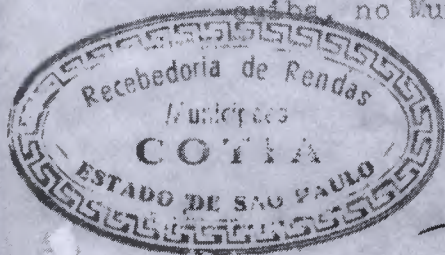


MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

3/med

28

Recebi do Serviço do Patrimônio
Histórico e Artístico Nacional, a notificação
nº 316, referente ao tombamento do Conjunto ar-
quitetônico e urbanístico da Aldeia de Carapi-
tiba, no Município de Cotia, Est. de S. Paulo.



M. Prefeito Municipal

Bento Barreto
Contador



4/mad

29

Inscryva-se.

Rio de Janeiro, 13 de maio de 1940.

Antônio M. P. de Assis

- Diretor -

Feita a inscrição, sob n.º 7, a folhas
3 do livro do Tombo n.º 1, em 13 de maio
de 1940.

28.VIII.53

Edmundo
Arq. do S.H.



PREFEITURA MUNICIPAL DE COTIA

30

N. 257/40

Em 27 de Dezembro de 1940

ASSUNTO:-

Acusa recebimento de notificação.

Senhor Assistente Técnico

Tenho a honra de dirigir-me a Vossa Senhoria, no sentido de comunicar-lhe que foi recebida por esta Municipalidade em data de 20 de Abril do corrente ano, a notificação nº 316, do Serviço do Patrimonio Histórico e Artístico Nacional, para o meu conhecimento, com referencia á determinação do tombamento no Livro do Tombo a que se refere o art. 4º, nº 3, do Decreto-lei nº 25, de 30 de Novembro de 1937, do conjunto arquitetônico e urbanístico da Aldeia de Carapicuíba deste Município, estando de pleno acôrdo com a presente medida.

Aproveito o ensejo para apresentar-lhe os protestos de minha elevada estima e distinta consideração.

Joaquim Horacio Pedroso
 Joaquim Horacio Pedroso
 Prefeito Municipal

Illmo. Snr.
 Dr. Luiz Saia
 M.D. Assistente Técnico da 6ª Região do
 Serviço do Patrimonio Histórico e Artístico
 Nacional.

São Paulo.

110

#110 31



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
4º Distrito do IPHAN

M. E. C.
Protocolo - I. P. H. A. B.
N.º 1483-264-FF

Of. nº 121/77

São Paulo, Em 18/04/1977.

Do Chefe Substituto do 4º Distrito do IPHAN

Ao Dr. Renato Soeiro
Diretor Geral do IPHAN

Assunto solicita certidão

As Arquivos
Arquivo

2574/77

Senhor Diretor Geral

A fim de atender solicitação do CONDEPHAAT, solicito a V.Sª o obséquo de mandar providenciar Certidão de Tombamento da Aldeia de Carapicuíba, Município de Cotia, S.P., a qual integrará processo que aquele Conselho instaurou, visando a proteção da área envoltória do monumento.

Cordiais Saudações

Armando Reboledo
Armando Reboledo
Chefe Substituto do
4º Distrito do IPHAN

4.º DISTRITO DO IPHAN
RUA BARONESA DE ITU, 639
01231 - SÃO PAULO - SP.

8/11/77

SERVICÓ PÚBLICO FEDERAL

MEC - IPHAN

Of. nº 781

Rio de Janeiro, RJ
26 / 04 / 1977

Diretor-Geral do IPHAN
Chefe do 4º Distrito do IPHAN

: remete certidão de tombamento.

Senhor Chefe de Distrito:

Em atendimento ao ofício de Vossa Senhoria nº 121/77 e datado de 18 do corrente, envio-lhe, em anexo, a certidão de tombamento da Aldeia de Carapicuíba, no Município de Cotia, nesse Estado, pedindo-lhe o obséquo de enviá-la ao CONDEPHAAT.

Atenciosamente,

Renato Socio
Diretor-Geral

Ao Senhor
Dr. Armando Rebollo
Chefe-Substituto do 4º Distrito do IPHAN
Rua Baronesa de Itu, 639
SÃO PAULO - SP
01231

E/E

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

9/10/77

33

SERVICÓ PÚBLICO FEDERAL

exarado pelo Senhor Di
retor-Geral do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Na
cional no ofício número cento e vinte e um barra setenta e sete,
datado de dezoito do corrente mes, do Chefe do Quarto Distrito,
deste Instituto, sediado na cidade de São Paulo, em que solici-
ta certidão do tombamento da Aldeia de Carapicuíba, no Municí -
pio de Cotia, Estado de São Paulo, a fim de atender ao Conselho
de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Tu
rístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT), C E R T I F I C O/
que, revendo o Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisa
gístico, instituído pelo Decreto-lei número vinte e cinco, de /
trinta de novembro de mil novecentos e trinta e sete, dele cons
ta o seguinte a folhas três: "Número de Inscrição: sete; Obra :
Conjunto arquitetônico e urbanístico da Aldeia de Carapicuíba ;
Situação: Município de Cotia, Estado de São Paulo; Proprietário:
Prefeitura Municipal de Cotia e outros; Processo número: duzen-
tos e dezoito traço T traço trinta e nove; Caráter do Tombamen-
to: ex-ofício; Data da Inscrição: treze de maio de mil novecen-
tos e quarenta." E por ser verdade, eu, Edson de Britto Maia,
Responsável pelo Arquivo deste Instituto, lavrei a presente cer
tidão que vai por mim datada e assinada e visada pelo doutor //
Renato de Azevedo Duarte Soeiro, Diretor-Geral do Instituto do
Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, 26
de abril de 1977.

Edson de Britto Maia
Chefe Substituto do
4º Distrito do IPHAN

4º DISTRITO DO IPHAN
RUA BARONessa DE ITU, 499
01001 - SÃO PAULO - SP.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE COTIA

Estado de São Paulo
COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO, CULTURA E ESPORTES
"COECE"

34

Cotia, 26 de abril de 1989.

Ofício nº 053/89

MINC / SPHAN
03 5/72 89
Ediney

A Prefeitura Municipal de Cotia, através da Coordenadoria de Educação, Cultura e Esportes, está implantando o Departamento de Turismo, o que envolve os Bens Culturais e Arquitetônicos do Município, portanto, gostaríamos de receber cópia do tombamento dos patrimônios históricos existentes na cidade - conforme segue: 1. Sítio do Padre Inácio, 2. Sítio do Mandu, 3. Igreja Matriz de Nossa Senhora do Monte Serrat, 4. Convento do Carmelo, 5. Roselândia e 6. Sabesp (antigo DAE).

Tal solicitação faz-se necessária para que possamos dar maior divulgação e programarmos roteiros turísticos no Município.

Caso haja necessidade de maiores esclarecimentos, entrar em contato com Srta. Neide - Depto. de Turismo, pelo telefone: (011)-493.2466, ramal 205.

Contamos com a colaboração de V.Sas.

Atenciosamente,
PREFEITURA MUNICIPAL DE COTIA

Neide Oliveira Machado
Neide Oliveira Machado
Diretora de Turismo

À
SPHAN - Secretaria do Patrimônio
Histórico e Artístico Nacional
Ministério da Cultura
Avenida Rio Branco, nº 46 - 2º andar - Centro
20090 - Rio de Janeiro, RJ

MinC / SPHAN
Fundação Nacional Pró Memória
PROTOCOLO GERAL

Em: 28/04/89

Lucia

Arquivo
para informar

0305.89 *Jo*

Rio de Janeiro, 08 de maio de 1989

INFORMAÇÃO Nº 04/89

Senhora Chefe
de Gabinete da SPHAN:

A Prefeitura Municipal de Cotia-SP, através do ofício (anexo) nº 053/89, de 26.04.89, solicita cópia dos tombamentos existentes na referida Cidade. Em vista do exposto, informo-lhe o seguinte:

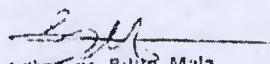
São tombados em Cotia, pela SPHAN os seguintes monumentos: Casa do Sítio Mandú e a Casa-Grande do Sítio do Padre Inácio.

Os monumentos Igreja Matriz de N.Sª. do Monte Serrat, Convento do Carmelo, Roselândia e Sabesp (antigo DAE), mencionados no citado ofício, não se acham inscritos nos Livros do Tombo da SPHAN.

Existe em aberto (em estudo) o Processo nº 911-T-74, para tombamento ou não da Igreja Matriz de Cotia, que penso deva ser a mesma Igreja citada acima com a invocação de N.Sª. do Monte Serrat, processo este que encontra-se estacionado desde 27.08.1974.

Junto certidões de tombamento da Casa do Sítio Mandú e da Casa-Grande do Sítio do Padre Inácio, que solicito a V.Sª. enviar ao solicitante.

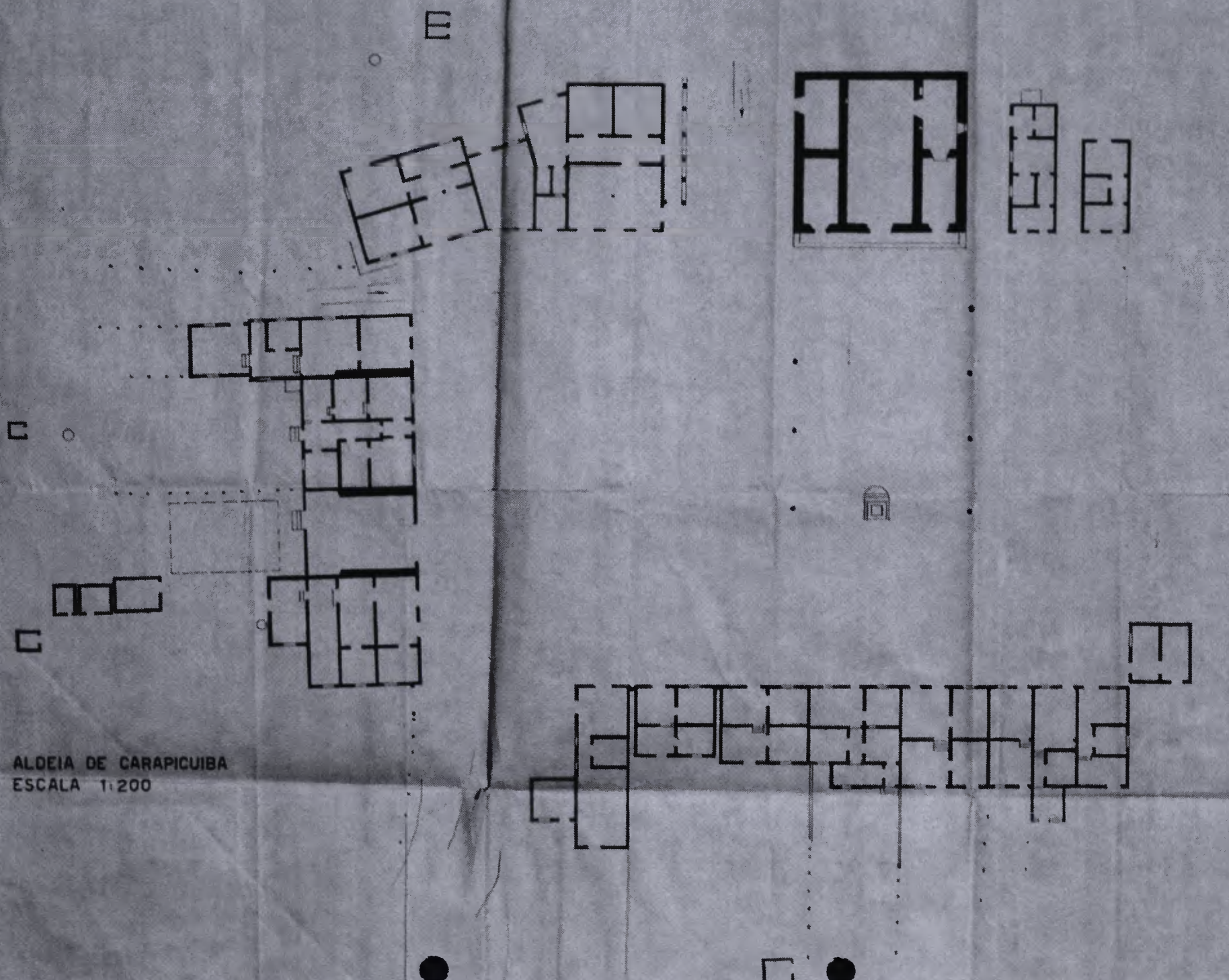
Atenciosamente,


Edson de Brito Maia
Chefe Arquivo DRD/SPHAN

36

36

ALDEIA DE CARAPICUIBA
ESCALA 1:200





GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio
Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado
UPPH – Unidade de Preservação do Patrimônio Histórico

37



37

Cópia digital do processo de tombamento do IPHAN referente ao Conjunto Arquitetônico e Urbanístico da Aldeia de Carapicuíba.

37

MAXPRINT

DVD-R
RECORDABLE

1X-8X

120 min 4.7 GB
PC/MAC

DVD
R

Processo de tombamen
to - IPHAN
Aldeia de
Carapicuíba

SAC 0800 704 3460

maxprint.com.br

verifica.com.br



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio
Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado
UPPH – Unidade de Preservação do Patrimônio Histórico

38

Do Processo CONDEPHAAT	Número 00339	Ano 1973	Rubrica
---------------------------	-----------------	-------------	---------

Assunto - Processo de tombamento da Aldeia de Carapicuíba

AO NAAPT

Trata-se de cópia do Processo de Tombamento do IPHAN referente à Aldeia de Carapicuíba.

Solicito juntada das presentes cópias ao Processo de Tombamento do CONDEPHAAT.

Atenciosamente,

GEI/UPPH, 17 de setembro de 2009

LEONORA PORTELA DE ASSIS
Diretora do GEI
Grupo de Estudo de Inventário

Leonora Portela de Assis

Diretora do GEI



P. 00339 | 73

39

PROGRAMA:

Através de uma nova era, a Sociedade Amigos do Bairro da Aldeia de Carapicuíba, tem o propósito de tornar o povo da Aldeia mais próximo dos poderes constituídos, e, assim é o objetivo.

1 - O QUE PRETENDE A SOCIEDADE

- a) através de recursos vindouros, promover a educação de base
- b) promover através de contatos com proprietários de terrenos baldios, organizar multirões para a realização de hortas comunitárias.
- c) aproveitamento de terrenos, sem construção, para o lazer
- d) lutar em prol do povo do bairro a que pertence a Sociedade procurando dar mais segurança.
- e) melhorias na praça de esportes.
- f) defenderá o patrimônio histórico Nacional, que é a Aldeia

2 - DAS REINVIDICAÇÕES DA SOCIEDADE

- a) lutará para que no bairro seja instalado um posto de saúde
- b) lutará por um posto policial na Aldeia.
- c) solicitará melhoramentos nos sistemas de água, iluminação, e construção de esgotos e calçamentos
- d) lutará pela expansão e colocação de mais telefones públicos (orelhões).
- e) lutará por uma representatividade municipal dentro da Aldeia.
- f) lutará pela criação de mais escolas públicas a nível de 1º e 2º grau
- g) lutará por melhores condições de transportes
- h) lutará pela instalação de uma creche pública e parque infantil.

Carapicuíba, 29 de março de 1985.

SOCIEDADE DE AMIGOS DO BAIRRO
DA ALDEIA DE CARAPICUIBA

NºE DA CRUZ LENTE
Presidente

39

Fundação Nacional próMemória

OF: 199/86

Em 28.08.86

40

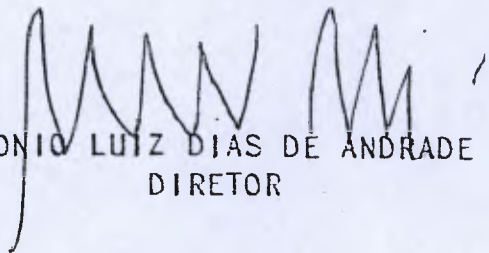
Do. Diretor da 9ª DR/SPHAN/FNPM.
A. Secretária Executiva da Comissão Interministerial
MinC-MDU, Arquiteta Vera Bosi de Almeida.

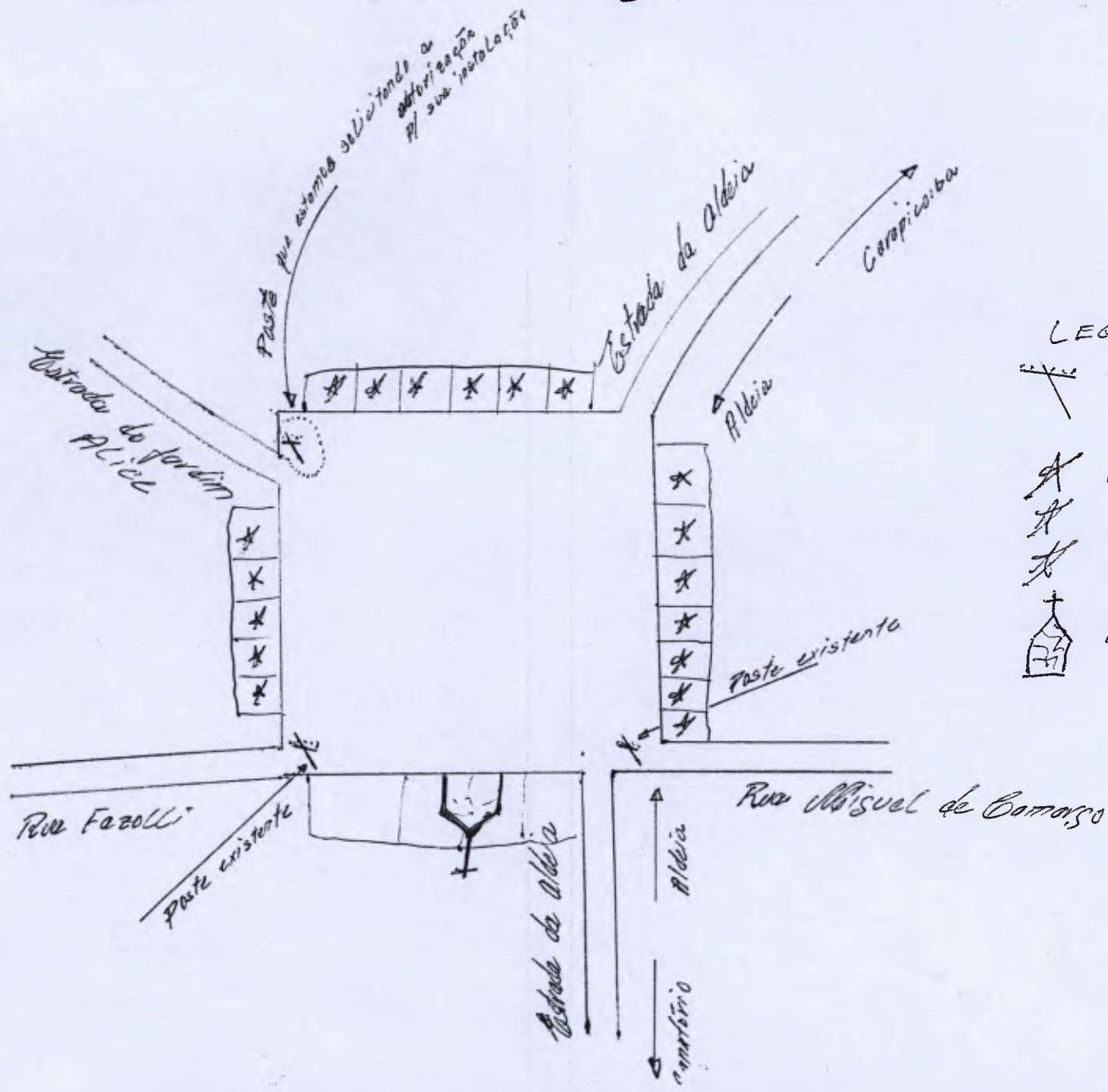
ASSUNTO: Programa de Recuperação e Revitalização de Núcleos
Históricos.

Sra. Secretária,




Em aditamento ao ofício (9ª DR nº
177/86 de 08.08,86, cumpre-me encaminhar a V.Sª a anexa minuta /
de projeto de Lei de Uso e Ocupação do Solo da Aldeia de Carapi-
cúba, elaborada pela ENPLASA.

Atenciosamente,


ANTONIO LUIZ DIAS DE ANDRADE
DIRETOR



LEGENDA

-  Poste
-  residência e comércio
-  igreja

42

ACORDO ENTRE A MITRA ARQUIDIOCESANA DE SÃO PAULO E O PATRIMONIO
HISTÓRICO A RESPEITO DA CAPELA SANTA CATARINA NA ALDEIA DE CARAPICUIBA

- § 1 Conforme decreto, em data de 20 de setembro de 1971, Aldeia de Carapicuib, junto com as vilas nos arredores da Aldeia, está integrada no âmbito da jurisdição da Paróquia São Lucas, Carapicuib, Região Oeste II da Arquidiocese de São Paulo.
- § 2 A Paróquia São Lucas, que se realiza em várias comunidades locais, está presente na Aldeia de Carapicuib através da "Comunidade Católica da Aldeia".
- § 3 A "Comunidade Católica da Aldeia" está autorizada de utilizar a "Igreja Santa Catarina" e as duas salas no anexo ~~para realização~~ para celebrações da Santa Missa, para reuniões catequéticas e pastorais, nos dias de domingo e durante a semana.
- § 4 A Comunidade Católica está também autorizada de usar a sala, chamada "Séde", para realizar cursos promocionais.
- § 5 A Comunidade Católica se compromete de conservar a Igreja e as salas, sem efetuar modificação alguma.
- § 6 A zeladoria fica na responsabilidade da Comunidade Católica. O zelador deve aceitar e executar os orientamentos do vigário da Paróquia São Lucas.
- § 7 As tres festas tradicionais na Aldeia de Carapicuib, i.e. a festa da Santa Cruz, A Festa da Exaltação da Cruz (Cruzinha) e a Festa da Santa Catarina, tem, além de serem festa folclóricas, em primeiro lugar um caráter religioso, cristão e católico, e por isso estão na responsabilidade da Paróquia São Lucas.
- § 8 A uma "Comissão da Festa" que é constituída em acordo com o vigário da Paróquia, cabe a escolha do festeiros, o planejamento, a preparação e a execução das festas.
- § 9 A renda das festas entra em benefício da Aldeia, dos bairro entorno de Aldeia e dos bairros mais pobres de Carapicuib. A Comissão da Festa, em acordo com o vigário, determina a aplicação do dinheiro.
- § 10 Além de conservar, a Paróquia São Lucas, através da "Comunidade Católica da Aldeia" e a "Comissão da Festa", procura a promover e propagar o espírito dos fundadores da Aldeia, os ideais ~~deles~~ e as realizações deles, por intermédio de palestras, festas e trabalhos promocionais

COMCORDAM E ASSINAM: Pela Mitra Arquidiocesana:....

Pelo Patrimonio Historico:.....

Pela Paróquia São Lucas:.. ..

Cópia do texto sobre a
ALDEIA DE CARAPICUÍBA
de LUIS SAIA.

Os desenhos que ^{original}ilus-
travam o texto foram
extraviados.

Foi enviada, em 22/06/90,
uma 2ª cópia ao chefe do
Arquivo Central - Sr. Ed
son.

Historia- Carapicuíba⁽¹⁾ é uma aldeia caipira distante de S. Paulo 24 kilometros e meio para os lados do poente. Na sua fundação, quasi no fim do primeiro século, foi uma fazenda funcionando com vasta escravaria indigena trazida do sertão por industria de nequedo Afonso Sardinha, que mascarava propriedades e haveres se intitulando administrador de indios (23-120 [K]).

Com a morte deste potentado paulista, a fazenda foi herdada pela Companhia de Jesus juntamente com os indios a administrados e alguns escravos (23-120). Quando, porém, os religiosos foram expulsos, a aldeia ficou sem direção e sem padre até que o governador para lá mandasse um religioso secular, que deveria ser sustentado pelos nativos (53-304) (27-95). Nessa época, é possível que a sua administração tenha sido dada a um Pedro Taques qualquer daquel tempo, para entretanto voltar aos jesuítas treze anos mais tarde.

A população consistia de carijós vindos do sertão de Patos, guaianás e campos de Piratininga e mais alguns representantes de outras tribus aprisionados nas entradas e guerrilhas Capitania a dentro (51-218-9). Nem sempre vasto contado, porque Carapicuíba deve ter sofrido a mesma carência de gente que affligiu as missões paulistas no decorrer do segundo século (51-219) (23-121).

De volta da Baía, onde se ordenara, Balenior de Pontes foi assistir né lá. Tentavam por esse tempo mudar seus moradores para Itapeccerica, o que muito contrariou o padre, sobretudo, quando viu serem as casas dos indios derubadas para obriga-los a mudar ~~///~~. Foi reconstruida em 1735, edificando-se nessa feita a capela e parte da aldeia, certamente num feitic muito próximo ao de hoje (23-121).

Com a extinção da Companhia de Jesus, é muito provável que Carapicuíba tenha passado a ser feudo dos Camargos, vindo ~~nesta~~ a gozar de fôros de paróquia independente, por provisão de 21 de julho de 1779, para mais tarde ser incorporada á de Cotia. É pelo menos o que indica uma anotação muito imprecisa existente no Arquivo da Curia Metropolitana de São Paulo. Anvedo Marques diz que a aldeia não existia mais em 1774 (44), apesar de General Arouche ainda admitir a sua existencia em 1823 (51-22). É certo entretanto que no fim do século passado Carapicuíba tivenca uma vida apenas nominal como aldeamento indígena, pois no Alvará da Provincia de São Paulo (1873) se afirma na isso e mais que "a sua população confunde-se com a civilizada" (1-68).

Suas terras viveram constantemente disputadas por colonos e padres, e apenas ha dois anos ficou assentada, em definitivo, a maneira de div...

(X) Consegui recolher duas versoes populares da palavra Carapicuíba. Uma delas dá a expressao como sendo formada de cara=~~xxxxxxx~~ terras boas, picu=pedra e iva=ruim. Segunda a outra versao viria de carapicu=pau, madeira, mais iba=orelha (resina de pau podre).

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

(X) As indicações bibliograficas serão dadas por dois numeros: o primeiro indica consultada, de acordo com a relação anexa. O segundo numero quer dizer a pagina.

-las. Anteriormente foi objeto de muito "grilo", as portas da capital paulista. Na época atual tem direção administrativa e religiosa ligadas ao Município de Cotia e á Paróquia de Ouraço.

Localização e Plano- Carapicuíba foi fundada precisamente numa época em que se firmavam na Capitania de São Vicente os traços de cultura jesuítica, tão marcadamente diversos daqueles com os quais os colonos haviam inaugurado o trabalho de colonização e povoamento. Traços que traduzidos em termos de arquitetura, iriam representar o advento de um critério preestabelecido e racional na escolha dos assentos de núcleos, em contraposição ao processo tradicional, imediatista e quasi sempre precario dos colonos. Sobretudo iriam instituir nas povoações o plano quadrangular, enquanto os núcleos especificamente de colonos, apresentavam um aspeto desordenado e infixo. A aldeia de Carapicuíba vái refletir essa nova orientação de trabalho colonizador.

As localidades atuais, provenientes de primitivos aldeamentos jesuíticos, tão desfirmadas já estão por fatores econômicos e sociais, que se tornam muito imprecisas para o estudo da técnica inaciana de localização das povoações. Na região de São Paulo, ainda que a existência de vales absorventes por demais como os do Tietê e Paraíba tenha desviado ás vezes o sentido da influencia jesuítica neste sector, o que existe é contudo sufficiente para que se possa constata-la. Encontramos, porém, maior dose de nitidez e dados mais precisos no caso do estudo do plano rectangular, pois este se firmou tão fortemente e se alastrou tão vivo a ponto de constituir um dado fisiologico tradicional nas cidades e vilas de certas regiões brasileiras.

que a presença do Jesuita váia ser factor muito importante e mesmo decisivo na fundação dos núcleos posteriores não tem d'vida que sim. O que existia antes da vinda deles só pode ser compreendido como arranjo feito á pressuz, meio tateante ainda, de gente sem plano de conjunto assentado e preestabelecido, porém com muito de aventura, de tradição portuguesa e de imediatismo. Sobretudo imediatismo, e subordinação invertebrada aos acontecimentos da hora, ás condições regionais. São Vicente, Santos, Santo André da Borda do Campo, Vanicóba, eram acompanhados de futuro incerto. Como aquellas doce aldeias que existiam no tempo de Anchieta (2-41) não sugerem ainda o plano jesuítico em pleno effluvio nento. Alguns núcleos desaparecem mesmo, para dar lugar aos outros pontos escolhidos com mais conhecimento de causa, com

mais consciência da geografia e da política de enfrentar índios. Desaparecem como São Vicente ~~1532~~, como Santo André, como talvez Mariçóba. Esta última só podia ser mesmo uma tentativa muito precária e esporádica, avançando bem longe do litoral, no sertão povoado de índios bravos. Mas não é só na Capitania de São Vicente que isso acontece. É em toda a Colônia. Não tem conta o número de vilas e acampamentos que abandonam o primitivo assento em benefício de outros pontos escolhidos posteriormente. Essa mobilidade extrema que caracteriza as primeiras localizações portuguesas, mostra, com muita clareza, a ausência de sistema nos acampamentos inaugurais do europeu em terra estranha.

A arquitetura dessas primeiras povoações também refletia a falta de plano de conjunto, de ordem preestabelecida, como a que se vai encontrar depois nos núcleos de influência jesuítica. É desordenada. Em Santo André da Borda do Campo sugere ao europeu de olhar ultramarino mais "um conto de ladrões" que outra coisa (73-755). De Mariçóba não se tem indicação da sua estrutura interna, mas certamente apresentaria a mesma desordem na composição. A carta que a 1 de junho Thomé de Souza escreveu a El-Rey é bastante clara para mostrar a diversidade surgida entre Colono e Jesuíta, do ponto de vista da estrutura das povoações. As casas de Santos e São Vicente "não são cercadas", diz o padre dos jesuitas, e são "de tal maneira espalhadas que se não podem cercar senão com muito trabalho e perda dos moradores" (35-42). É notável que essas casas não eram simples abarracamentos passageiros. Ao contrário. Eram construções definitivas, importantes, de pedra-e-cal, demonstrando até a aplicação da mais sólida e erudita técnica portuguesa então possível na colônia.

Os jesuítas, no entanto, com uma técnica muito menos exigente e também muito menos importante, a talpa, se apresentavam sempre conformados a um plano, sempre agindo segundo um critério preestabelecido, tanto na escolha dos lugares destinados às povoações, como no seu traçado geométrico. Naturalmente eles andariam ao par do que se estava fazendo nas colônias espanholas da América. Pelo menos daquilo que as leis das Índias mandavam que se fizesse aqui. Um intercâmbio, fácil de se imaginar dentro da própria Companhia de Jesus, explica de maneira viva a ação deles. Ação de quem de certo conhecia aquela "legislação abundante, que previne, de antemão, toda a fantasia e todo o arbitrio, na edificação dos núcleos urbanos" (35-63), chegando mesmo a prever detalhes aparentemente sem importância.

Não se deve esquecer que os jesuítas, já suspeitando que uma nova orientação os colocaria em campo antagônico ao dos colonos em luta com eles, quando vieram para o Brasil, chegaram deixando muito trabalho feito na Metrópole. Mostram isso alguns regimentos do primeiro século, as cartas-réguas a Mem de Sá e à Camara da Baía, e ainda aquela carta que proveceu uma vasta reunião de bispo, governador, ouvidor geral e jesuítas, para redundar numa série de artigos, depois aprovados pela Metrópole, em 1576. A Corte ia mesmo mais longe. Não mandava um bilhete para o Brasil, mesmo os de mínima importância, sem recomendar e insistir que se deixassem os índios debaixo do governo dos padres da Companhia, embora sempre concordando e prevenindo que a escravidão deles, era, em certos casos, indispensável aos serviços da Coroa e de Deus. É evidente que isso era manobra muito bem feita pelos inácianos.

De certo que nem sempre prevaleceu aqui a vontade da Corte e que as coisas foram tomando um rumo mais condicionado às necessidades de acomodação entre os elementos presentes na tarefa colonizadora; que muita carta régua e muita ordem chegava ao Brasil sem nenhuma cotação e que os daqui agiam como melhor lhes parecia.

↓ A mudança de Santo André da Borda do Campo para Piratininga assegura decisivamente o prestígio dos jesuítas no planalto paulista. A luta que se travou entre João Romalho e os padres focaliza com nitidez a diversidade do critério existente na fundação dos estabelecimentos. Piratininga era jesuíta, Santo André povoação de colono. A vitória daquela sobre esta, foi dos padres sobre os colonos. Os da Companhia representavam argumentos de ordem econômica, política e estratégica que foram levantados na ocasião. A força deles na Corte e diante do enviado desta - Mem de Sá - fez o resto.

Com a destruição de Santo André, os religiosos do Colégio de São Paulo ficavam com o campo livre para agir. Passaram então a fundar aldeias indígenas nas terras que já possuíam.

Essas duas entidades porém, aparentemente tão antagônicas - colono e jesuíta - lutando sem parada nas cartas que mandavam ao Reino, brigando na disputa do braço indígena, extremamente como no caso da expulsão dos padres em 1640, muitas vezes o que fizeram foi para colaboração. Não é preciso apelar para o exemplo da luta com os francônes e dos ataques que sofreu Piratininga no fim do primeiro século, para mostrar isso. Mesmo na vidinha diária, nas pequenas coisas, nos truques de amansar índio, no aproveitamento dos

processos de domínio e cultivo da terra, eles se ajudam frequentemente. Intercambio muito lógico mesmo entre o matutismo do colono lusitano e o esclarecimento mais civilizado do Jesuita.

É o caso da fundação de Carapicuíba. Dificilmente se compreenderá a localização e o plano desta aldeia, sem aceitar uma colaboração entre o colono seu fundador Afonso Sardinha e os padres da Companhia.

Dois autores de importância para o estudo das missões jesuíticas de S. Paulo - José Joaquim Machado de Oliveira (1946) e padre Serafim Leite (1936) criaram uma pequena dúvida na história desta aldeia, confundindo Carapicuíba com Pinheiros (51-74 / 42-111). Machado de Oliveira afirma na sua "Memória Paciocinada" que colheu da "tradição oral que a aldeia de Pinheiros, a primeira na série das que pertenceram ao ciclo da capital, e cuja localidade era anteriormente conhecida com o nome de Carapicuíba (sic) (X) fundara-se naquele ano (1560)". Parece muito que este cronista foi um diretor de aldeias meramente titular, pois, no caso contrário, deveria ter distinguido estas duas povoações, ainda que somente por questões de ordem geográfica.

Distinguem, porém, Carapicuíba de Pinheiros, o padre Manoel da Fonseca (7-5) ., José Arouche de Toledo Rendon (1842), o Almanack da Provincia de S. Paulo (1873), os Apontamentos Historicos da Provincia de S. Paulo (1876), Azevedo Marques (1879), O Dicionario da Provincia de S. Paulo de João Mendes de Almeida (1902) e ainda o padre Antonio Siriaco Fernandes (1936).

É verdade que quase todos estes se alicerçam em Manoel da Fonseca; mas o padre Sirizzo, que como Serafim Leite deve ter estudado o assunto em arquivos eclesiasticos, indica as duas aldeias no tempo da expulsão dos jesuitas (27-95). Varias razões reforçam a hipótese de duas localidades distintas. A data de terra de 1580 regista a doação de "seis leguas de terra" para "os indios de Pinheiro (sic) no sítio aonde pedem que é Carapicuíba". (3-22). Dificilmente se poderá conciliar a tradição popular colhida por Machado de Oliveira com a redação do documento quinhentista que especifica Carapicuíba-zona, para em ou local-pois esta foi doada então, enquanto Pinheiros já pertencia aos jesuitas. Além disso não resta dúvida que as duas povoações distam de S. Paulo, uma de legua e meia e outra de 5 leguas. Outro fato a notar é que uma é a beira-rio e a outra distante do rio o suficiente para não admitir confusão.

E ainda não se deve esquecer de que no ataque feito pelos indigenas á aldeia de Pinheiros, tomaram parte uns indios vizinhos e amigos, ligados aos jesuitas e gosanto destes, resgates e amizades, segundo relato da época

(X) É possível que a palavra Carapicuíba tenha vindo aos abrigados para a nomeação de alguma de suas iniquas aldeias. E até que esta tenha vindo primeiro algum tempo no local onde, mais tarde, se localizaria a aldeia jesuítica (3-112)

50
6

~~Até~~ Parece mesmo que o feitor deste assalto devia ser um índio aldeia-
do com manias de "santidade". Ora, não havendo para além de Pinheiros outra
aldeia afóra Carapicuíba, só podiam vir dali aqueles nativos rebeldes que
Anchieta apelidou de "ladrões de casa" (2-26), com evidente intenção de in-
cluí-los entre os índios já aldeiaados.

que a aldeia tenha sido fundada por Afonso Sardinha conluiado com os
Jesuitas, me parece bastante possível. Compreende-se facilmente a lógica
desta colaboração, sobretudo pondo reparo que Afonso Sardinha era, naquele
tempo, um grande proprietário e arrebanhador de índios e que, nas brigas
e reclamações surgidas em Piratininga contra os inacianos, nunca aparece
o seu nome. Conluios assim eram mesmo vulgares naquela época. Por exemplo,
em Itaquaquecetuba e Escada, duas aldeias afazendadas que passaram dos seus
fundadores - dois irmãos Carso - para os Jesuitas (51-232 / 44-6). Chegou a ser tra-
dicional esse fato de fazendeiros darem suas fazendas para os Padres; às
vezes se dando até a si mesmos e indo junto com as propriedades para al-
guma ordem ou convento. Para os Jesuitas não devia ser mau negocio esse,
pois, já que as terras eram aforadas pela Camara paulistana para os colo-
nos, antes tomasse conta delas um amigo. Estariam sempre mais á mão.

Quanto á situação de Afonso Sardinha, também não devia ser desvanta-
josa. Indiscutivelmente os padres possuíam um consideravel lastro de co-
nhocimentos e sabedoria de muita utilidade, tanto para ajuda-lo em relação
aos índios, como nos trabalhos da fundação da fazenda. Acresce o fato deste
colono se ter sempre mostrado assás cordato deante das ordens da Metropole,
e ser amigo dela, tanto que legou ao Reino dois engenhos de ferro que pos-
sua em São Paulo (76-169). Além disso não se deve esquecer que esta aldeia
se enquadra perfeitamente dentro de um possível plano de defesa de Pira-
tininga contra os índios do sertão do norte. Com efeito, observa-se que a
localidade de Pinheiros bem como o forte de Umbiaçaba formam uma como que
primeira linha de defesa situada ao longo do rio Pinheiros. Só depois que
cessaram os ataques dos selvagens contra Piratininga, vêem-se aparecer no-
vos aldeamentos mais avançados, Carapicuíba (que então se definitiva), Ba-
ruerí, Mboý e Itaguerica que parecem formar uma nova linha de defesa entre
de cinco leguas para oeste (fig. 1). A fundação destes nucleos em linha cir-
cular avançando sobre o sertão, tem evidentemente um objetivo de defesa
guerreira. É uma planificação não clara, naquele tempo, só poderia ser coi-

50

da de jesuita. Pela sua localização e estrutura Carapicuíba parece refletir mais escolha de padre da Companhia que de colono. A sua posição não tem dúvida que se enquadra perfeitamente nas determinações e dispositivos das leis das Índias. Pelo menos os detalhes de localização das aldeias, estudados no conjunto, apresentam as características de um sistema, e obediência à normas preestabelecidas. O processo de situar a povoação em relação aos grandes rios, por exemplo, coincide perfeitamente com a redação de um dispositivo encontrável das Leis das Índias: recaindo "a escolha sobre uma localidade a beira rio, ficasse ela do lado do ~~o~~ ^{ocidente}, de modo que, ao ~~o~~ ^{sahir} o sol, desse primeiro na povoação, e só depois nas águas" (35-64). Nos arredores de S. Paulo, o assento escolhido para Escada, Barueri, São Miguel, Biacica, Pinheiros (antigamente localizada na margem ocidental do então Geribatuba), atende claramente a este dispositivo. É verdade que Itaquaquecetuba, também núcleo ribeirinho, foge desta norma, preferindo a margem oriental do rio Tietê. Bem longe, ^{de} porém, uns 400 metros. Este é um exemplo muito sosinho e sem força generalizadora.

No Espírito Santo, por exemplo, onde as condições de influencia jesuitica se parecem tanto com as de S. Paulo, este fato parece ter impressionado Saint-Hilaire, pois além de notar que a antiga redução inaciana dos Reis Magos estava situada à margem de um rio, porém num trecho dele que "não dava entrada senão a pirógas", este viajante pôs reparo no "máximo cuidado de acertar" que presidia a ação dos jesuitas quando escolhiam, como em Beneventi, as margens de um rio, para aí formarem aldeias (71-139).

Além deste cuidado extremo na escolha do ~~o~~ lugar e margem a aproveitar, certamente deve ter contribuído para a observação citada, o fato de existir sempre de permcio, entre aldeia e rio, uma distância de 200 a 100 metros, no mínimo. Dá mesmo a impressão que nos casos possíveis, este permcio foi aumentado às vezes para léguas, sugerindo até ^{que} a fuga dos cursos volumosos tenha sido erigida em sistema pelos padres da Companhia. Talvez visassem impedir com isto a visita de brancos inconvenientes na aldeias. Mas também nos lugares afastados da frequência intensa do branco, acontece o mesmo. Em 1782, o viajante Francisco José de Lacerda e Almeida, vai encontrar a aldeia de S. Pedro distante uma légua do Kamoró (5-110). O Major F. de Paula Ribeiro também consigna essa distância talvez aborrecido por encontrar aquela núcleo tão contra-mão numa zona onde só se viaja pelos rios (55-110). Tirantes os exemplos citados (proximos do Tietê e Paraíba, em S. Paulo) a

grande maioria das fundações jesuíticas se afasta dos grandes rios. O que entretanto os padres nunca desprezavam era a proximidade dos pequenos veios, os que fornecem água para uso das lavouras e consumo doméstico. Se distanciam apenas das caudais volumosas, sobretudo das navegáveis. É mesmo possível que este detalhe venha consignado nas Leis das Índias de que apenas conseguimos a parte citada no ensaio "Raízes do Brasil" (35). Tudo entretanto leva a crer na existência de uma norma presidindo a escolha desse núcleo. Perto de riachos e fugindo dos rios caudalosos estão Carapicuíba, Iboya e Itapaccrica (em S. Paulo), Piquiriassú, Reritygba e Saquarema (no Espírito Santo).

Na aldeia de S. João, também no Espírito Santo, o príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied visita um templo muito semelhante ao de N.S. da Conceição de Itanhaém - construção jesuítica afastada da aldeia, sobre um rochedo (82). Ainda que esta solução, colocando a igreja e convento um pouco longe da aldeia, num alto, seja de natureza diversa daquela que intermedia diretamente aqui, os exemplos citados não deixam contudo de refletir o processo iniciante que procuro apontar. Sobretudo confirmam e fortalecem a ideia de planos, de sistemas.

Mas é em Piratininga que se pode constatar o problema precisamente colocado e o processo jesuítico funcionando nitidamente. Situada bem distante dos volumosos Tamanduaí e Tieté e perto do riacho do Anhangábaí, esta aldeia sugere o padre em luta contra as tendências indígenas e o imediatismo do colono. Contra o nativo nômade, infixo, que também se afasta, às vezes, do rio, porém, de medo das enchentes e não por processo sistemático de escolha, ou mesmo com intuito de defesa guerreira. Aliás, quando o índio se aproxima do rio é por causa do peixe certamente, e do caminho já aberto. O jesuíta não. É até bem provável que uma das causas agindo no sentido de afastar a aldeia dos rios volumosos tenha sido o peixe fácil, sem pedir quase trabalho. Quando o padre se localiza perto dos rios grandes é sem ligar muito à pesca. Como na Missão de S. Miguel, perto do rio Búfuro, onde em 1782 Lacerda e Almeida nota que o rio "tem pouco peixe, os matos poucas aves, os campos muitos corvos" (5-103). Em aldeias assim como em S. Miguel, sem peixe, sem caça, sem economia de extração fácil, aí é que seria um lugar próprio à imposição de um tipo de trabalho mais europeu, ao aldeão. Porque este teria uma tendência contrária: aquela que se aproveitava diretamente das circunstâncias naturais da terra. Em Piratininga, enquanto

ver item 15

os da Companhia se vão colocar no pateo distante, o cacique Tibiriçá, vindo de Santo André da Borda do Campo procura a baixada, num lugar ^{de} fácil enchente porém perto do peixe, bem na beira do Tietê (15-19).

Relativamente ao problema da localização de núcleos, a influência dos jesuítas se fez sentir no ambiente colonial paulista, não apenas no sentido de canalizar os esforços de colonização (como se verifica na mudança de Santo André) mas também chegando a tomar uma feição de luta permanente entre colono e jesuíta. A verdade que esta luta estava concentrada no problema do braço indígena que ambos viviam arrebanhando. Não se pode esquecer, entretanto, que as sesmarias indígenas dirigidas pelos padres aguçavam fortemente a ambição dos colonos. Já o fato de aforamento dessas terras pelas câmaras ora ^{colonos} um indício evidente de que a escolha dos padres satisfazia bastante aos ^{que} as pediam por aforamento, e apenas através desta substituição sofreram uma influência da política do jesuíta. Porque, apartados desta influência, a escolha de terras recaía em lugares assim como Santo André e às vezes até mesmo aceitavam pontos de primitivas aldeias nativas, como Taubaté. (58-21).

Mas a influência do jesuíta não se resumiu apenas na introdução de um sistema planejado de localização, distribuindo os assentos segundo critérios previdentes e seguros. Avançou também no que concerne à posição das aldeias em relação com a vizinhança. Na beira do rio ou córrego a aldeia missionária prefere sempre um alto, a cavaleiro de vastas extensões abertas ao olhar prevenido do jesuíta. E também obedecendo às disposições das Leis das Índias, por certo, que mandavam escolher "as regiões mais saudáveis", lugares nem demasiadamente "altos, expostos aos ventos, e de acesso difícil, nem os muito baixos, que costumam ser enfermigos, mas sim os do norte e meio dia" (35-63,4).

As aldeias dos arredores de S. Paulo obedecem sem exceção a esta norma: Barueri, Escada, S. Miguel, Itaquaquecetuba, Bicaíca, Mboy, ItapacERICA, e Carapicuíba. E parece não restar dúvida ^{de} que a primitiva situação da aldeia de Pinheiros, estando na margem mais alta do rio, também estivesse emergindo das regiões circunvizinhas. ~~anteriormente~~ No Espírito Santo, Saint-Hilaire e Neuwied apontam as aldeias de Vila Nova "numa colina que apresenta no seu cumo uma larga plataforma que domina uma vasta extensão de mar" (71), Piquiriásá "no alto de uma colina alongada que domina o correjo" (71-217) e Esquarema numa colina em declive (82).

Quem se coloque no pateo de uma destas aldeias não deixará de pensar numa intenção guerreira neste processo jesuítico de localização. Este fato devia ser ^{de} máxima importância. Talvez venha mesmo consignado naquelas leis das Índias. A exigência de clima, a fuga de lugares enfermigos e de ventos fortes seria mais um preciosismo de europeu de defendendo. A posição estratégica não. Era uma imposição derivada das próprias condições de guerra da colonização. Daí a sua importância, e a eterna conservação deste característico na redução jesuítica.

O colono, entretanto, antes da vinda dos inacianos, e mesmo depois, quando conservado distante da influência destes, usava um processo bem diferente. Escolhia lugares baixos, logo às margens dos rios, muitas vezes sem reparar que se penhasca descoberto diante das inundações. Em 313 exemplos de localização de colono observados perto de S. Paulo, encontrei-os instalados em baixada, quase ao nível da água, como a casa-grande de Guilherme Pompeu, no Município de S. Roque e, no mesmo município, a casa grande do bandeirante Manoel de Barros, hoje sítio de Santo Antonio. Raposo Barros, em Curitiba, escolheu também uma baixada para sede da sua fazenda. Todos em lugares que seriam, no mínimo, reprovados pela sabença jesuítica. Aliás, mais tarde, o filho de Guilherme Pompeu, entrado para a Companhia, vai adotar o sistema inaciano de localização na fazenda Vuturuna, perto de Araçariguama.

De resto, logo depois da fundação da bem situada Piratininga, os colonos foram obrigados a reconhecerem a ótima situação, abrigando-se na aldeia, varias vezes, contra os ataques dos indios. Assim, o valor defensivo do local, foi aos poucos, recebendo a sanção dos colonos.

Quanto ao indigena, si ás vezes mostra um jeito de localizar as aldeias parecido com o dos padres da Companhia, como exemplifica Frei V. do Salvador quando fala dos aimorés instalados em lugar "alto, descobado, com agua perto, e terra a proposito para suas sementeiras" (69-26), isso não é entretanto sistemático, pois dos mesmos indios, de gente da mesma nação, diz Gabriel Soares que "não vivem estes barbaros em aldeas, nem ha quem lhas visse nem saiba, nem desse com ellas pelos ratts até hoje" (69-51). O costume que possuíam os nativos de se manter num local apenas enquanto durassem as casas de paus e folhas de pindobas, 5 ou 6 meses (70-249) ou então três ou quatro anos, como quer outra informação (72-59), os impossibilitava de seguir um critério rigoroso na escolha dos pontos onde construíam as suas habitações. Si com a vinda dos jesuitas se verificou a aplicação de uma norma neste sentido e que essa norma tenha uma vez ou outra coincido com o costume de

certas nações, isto não quer dizer que houve da parte do português e sobretudo do jesuíta aceitação de um traço de cultura nativa, porquanto este traço era vago e não exigentemente racional.

A estrutura retangular das aldeias é também um detalhe indiscutivelmente imposto pelo jesuíta. Sobretudo por ser este traçado ^{uma forma} geométrica perfeita que jamais permitiu deformações condicionadoras no ato de instalação. As leis das Índias, a cujos dispositivos, como já procurei sugerir, não seriam estranhos os padres da Companhia, trazem a respeito instruções minuciosas. Chegam até a determinar os tamanhos diversos, segundo a população e estilo de vida do povoado (35-64). Aliás, não estaria aí mais do que a racionalização de formas mais ou menos quadrangulares que surgiam frequentemente na Europa. O quadrilátero bem projetado, de ângulos retos, desobediência muitas vezes à topografia local, tem mesmo bastante sabor jesuítico. Principalmente sabor de fórmula, de estandarização. Não era a primeira vez que uma terra conquistada recebia assim um sistema organizado de estrutura das cidades. Na própria península Iberica, a praça D'Armas talvez venha da conquista romana. O quadrado está sempre pronto para se desenvolver em cidade hipodâmica, coisa que sempre os conquistadores praticaram nos países dominados.

Aliás, o fato mesmo de a cidade ou vila se desenvolver em torno de uma área não é especificamente europeu. É antes primitivo e universal. Delafosse descreve as casas africanas "disposées, en cercle ou en carré, autour d'une cour centrale qui constitue l'emplacement réel du foyer domestique commun à toute la famille; (20-118) ~~... no negro ...~~ ~~... no índio ...~~ 1925. Mesmo o índio brasileiro usou este processo nas suas aldeias. Frei V. do Salvador fala de povoações nativas "de tal maneira arrumadas, que lhes fique no meio um terreiro, onde fação seus bailes, e festas, e se ajuntam á noite a conselho" (69-26). O tamóio, vizinho do guajará que habitava os campos de Piratininga, também construía sua "aldeia com casas arrumadas" segundo G. Soares. E com toda a certeza arrumadas em torno de uma área central. São demasiadamente conhecidas as graveras antigas, figurando tabas em torno de um espaço central. Hans Staden traz uma. Mas nem todos os nativos procediam assim. Muitos viviam espalhados, sem lugar certo para morar, com uma mobilidade que espantou o europeu, tornando impossível a existência de um sistema geral e

assentado. Traço esse, aliás, que se comunicou aos bandeirantes, dos quais o conde de Assumar dizia mais tarde possuírem uma "natural propensão" de "andarem pelos matos", o que fazia com que as povoações deles não fossem "persistentes" (25-56). Numa gente assim, como o índio, sem tipo sólido de arquitetura em material resistente ao tempo, se apresentando por outro lado com tanta diversidade na maneira de planejar povoações, a imposição de um plano racional, permanente, bastante estandardizado e racionalista, deve ter provocado muita reação. É certo que os religiosos mantiveram luta a surda e contínua para segurar os índios nas aldeias, o que se verifica através das leis, cartas, proibições que choveram sobre o caso. Luta, como falei, também contra o colono, embora, deste ponto de vista, não muito intensa, pois que o colono aparece às vezes com o plano retangular também. É verdade que nunca tão claro e perfeito como o do padre, porém "no próprio Rio de Janeiro, elle(plano) já surge em esboço" (35-61), o que seria mais uma repercussão de costume entopeu do que propriamente serviço consciente.

É impossível negar o plano quadrangular para qualquer aldeia jesuítica. É verdade que algumas delas, sobretudo as construídas perto de correios, como Mboy e Itapecerica, transbordaram, se alastrando para os lados até atingir e mesmo ultrapassar o riacho próximo. Mas isso deve ser interpretado apenas como deformação posterior. Em S. Miguel, por exemplo, existe atualmente uma grande praça retangular ao lado da igreja, coisa que também aparece em Mboy, um bocado distante e de certo sem ligação nenhuma com o desenho primitivo. Esses pátios foram acrescentados posteriormente, já numa época em que essas povoações perdiam o estilo de aldeamento jesuítico. Em S. Miguel se vê claramente isso mercê de uma solução curiosíssima adotada no edifício da igreja, onde se descobre intenção pronunciada de defesa nas janelas, que mais parecem visceras do que propriamente janelas (fig. 2)

~~Essa solução foi adotada em S. Miguel e Mboy, onde se vê claramente a intenção de defesa nas janelas, que mais parecem visceras do que propriamente janelas.~~ É ao lado deste dispositivo que se acha o grande praça. Tanto nesta aldeia como na de Mboy restam contudo vestígios evidentes dos pátios primitivos, fronteiros à igreja, retangulares, bem desenhados.

No Espírito Santo, Saint-Hilaire encontrou exemplos de pátios retangulares nas aldeias de Piquiriassú e Reis Magos. Na antiga redução jesuítica de Herigtyba, entretanto, anota a praça apresentando-a desenhada como "uma espécie de triângulo" (71-65) Não se parece que essa aldeia tenha fugido à forma sistemática adotada pelos padres.

Provavelmente ela sofreu alguma deformação profunda, nos quasi três séculos que separam a sua fundação da visita que lhe fez Saint-Hilaire em 1818.

Se seria, de fato, coisa bastante esporádica a forma triangular frequentando uma povoação jesuítica, tanto mais que ficaria sendo o único exemplo, não apenas quanto às aldeias brasileiras, mas incluindo as missões guaraníes da zona platina.

Raramente a forma do pátio se reduz a um quadrado perfeito, como parece ter sido o de Mboya. De conformidade com as Leis das Índias, (que chegam a indicar as medidas dos lados para os diversos exemplos, sempre sendo estes de tamanhos diferentes, dois a dois) a forma do retângulo quasi sempre conserva o eixo maior ^{perpendicular à} fachada da igreja. Às vezes com proporções enormes, como no caso de Itaquaquecetuba, onde devia ser vasta a população.

É interessante notar que mesmo nas cidades dos colonos onde os jesuítas se instalaram, o pátio instituído por eles passa a ser o preferido para as festas, como na cidade do Salvador, onde também surgiria o esboço do pátio quadrangular colono, tal como no Rio de Janeiro (64-137)

quanto à orientação do retângulo, nos arredores do S. Paulo o exemplo único de pátio orientado no sentido de um eixo maior se encontra precisamente na aldeia de Carapicuíba, em cujo plano também surge um pequeníssimo desvio num dos lados (fig. 3), tão insignificante porém que não dá para sugerir propriamente um desvio ou deformação. Pense antes que deve ser levado a conta de desatenção, desleixo, havido já numa época (certamente depois de 1736) em que uma longa experiência cheia de ensinamentos teria amansado de muito a ortodoxia jesuítica tornando-a mais capaz de acomodações.

Atualmente, a tendência a construir casa além do quadrado é representada sobretudo por gente de fora, atraída aí pelo trabalho assalariado que proporcionam as roças dos japoneses e algumas tentativas de fazendas no arredor. É muito significativo, neste sentido de só a gente de fora se afastar do pátio, o caso da residência X, propriedade de gente da aldeia. Em princípio, ela está construída no pátio, funcionando a atual garage-edifício VIII - apenas como elemento de entrada (fig 3).

Dentro do retângulo ou quadrado, a capela toma sempre uma posição de predominância, do mando, num lado mais alto, de maneira a ficar

com um certo ar de imponência e dando à povoação um sentido litúrgico que mais tarde vai se alastrar e generalizar mesmo nas cidades e vilas de planos mais rebeldes. Coisa lógica, aliás, sobretudo quando se põe reparo na predominância que possuía o patrimônio religioso na Colônia, pegando sempre as melhores terras, os lugares de melhor qualidade.

Nos arredores de S. Paulo, a aldeia de Itaquaquecetuba parece ser o único exemplo de fundação jesuítica onde a igreja não conseguiu um terreno de grande vantagem para se instalar. Ainda assim, há um certo rebuscamento na escolha de um lado do pátio oposto àquele que, caíndo em declive, vá alcançar a barranca do Tietê bem mais adiante.

Este processo de situar a construção religiosa na parte mais alta da praça chega às vezes, a impor soluções muito curiosas na arquitetura. Como no caso de Itapeocica onde surgem uns contrafortes para reforçar a estrutura elevada da igreja (fig. 4) Em Ibooy, Escada e Carapicuíba o desnível aparece acentuado, tomando o edifício religioso o posto mais alto. Nesta última aldeia a capela se situa de maneira que a sua parte posterior fica um pouco enterrada no declive da colina que desce. Na fachada principal, para compensar o desnível existente entre o piso e o pátio, se desenvolvem dois degraus. Daí para os lados e para a frente o terreno desce em abaulamento pequeno para, uma vez atingida as séries de casas que ocupam os lados do retângulo, adquirir uma percentagem de desnivelção bem mais intensa.

Como nos outros exemplos de aldeias dos arredores de S. Paulo, em Carapicuíba, a capela ocupa o meio de um lado. Às vezes o edifício religioso toma um lado inteiro, ou pelo seu tamanho vasto ou então por que se acrescentou à igreja a estrutura do convento, como em Escada e Ibooy, ficando ésta sempre para a banda da direita. Em Carapicuíba o lado do retângulo é completado pela largura da entrada que entra ao lado da capela e pelas casas construídas de uma banda e outra.

O processo de fazer as estradas entrarem pelas quinas do pátio é quasi sistemático. Pelo menos tres delas. Porque uma, salvo raros casos, entra quase pelo centro de um dos lados. O que também surge regularmente é o fechamento de um dos cantos. Em Carapicuíba o canto fechado fica fronteiro à capela.

A função guerreira das aldeias jesuíticas é notável não apenas

pela sua atenciosa distribuição geográfica (fig 1) e pela situação al-
teada a cavaleiro das vizinhanças, mas também pelas obras de fortifica-
ção aí dispensadas. São Paulo de Piratininga, por exemplo, teve a sua
amurada de taipa cuja fatura e conservação muito trabalho deu aos ca-
maristas. Nem todos, porém, puderam desfrutar este luxo. O que parece ter
existido em algumas foi esse a cerca de paus fincados verticalmente. É
Nada de forte . O de Umbiaçaba e mesmo a precária muralha de Pirati-
ninga é caso anormal serra-acima. Forte devia ser coisa de guerra euro-
péa. No litoral visitado pelos franceses, ingleses, etc. é lógico que
este tipo de fortificação surja com frequência. Serra-acima, porém, o
que devia ser comum era a cerca de paus a pique, mesmo. Às vezes mais
de uma e formando um labirinto atropalhante onde o inimigo se perdia.
Nisto é bem provável que o nativo tenha influenciado o ambiente da co-
lônia com a sua experiência regional. Quê ele conhecia esse uso é ca-
se indiscutível, estando de acordo, sobre esse ponto, os cronistas do
primeiro século. Gravuras bem conhecidas se encarregaram de gravar na
memória da gente esse traço de cultura material indígena que até se se
tornou um detalhe imediatamente associável à ideia de índio. Pensar em
índio, sobretudo pensar em casa de índio, era pensar logo numa casa
rodeada pela tal cerca.

Porém aí não se verifica certamente um traço exclusivamente anti-
rindio . Mesmo o europeu parece não desconhecê-lo. Cerqueira, em "Bengué-
la e seu sertão", nota que o processo é usado frequentemente nas campa-
nhas da África (16.). A intensidade do seu uso, sim, seria provenien-
te de uma acomodação dos portugueses aos métodos locais de guerra.

Parece, porém, que a aldeia de Carapicuíba jamais chegou à guerra.
Assim é provável que não tenha carecido nem de cerca e nem tampouco da
quele traço indígena de espalhar estrepes por todos os cantos para im-
pedir a caminhada livre dos guerreiros descalços (41).

DESCRIÇÃO DA ALDEIA. Tres péssimas estradas de rodagem ligam a
aldeia de Carapicuíba a S. Paulo. Uma delas, caminhando na direção nor-
doeste, atinge a estação da estrada de ferro Sorocabana 8 kilometros a
diante; as outras duas, indo para o sul, encontram a estrada retila que
serve o sul do Estado. O transporte ordinariamente utilizado pelos mo-
radores que frequentam S. Paulo é o Omnibus (jardineira) que parte de 11
hora em hora do bairro de Pinheiros em demanda de Cotia. Entre os qui-

60

lômetros 14 e 15 estão os dois entrocamentos dos ~~ma~~^{ma} sinhos que levam a aldeia; para um deles o levantamento que fiz (fig. 5) indica precisamente 2000 metros. Alguns pequenos movimentos do terreno, predominantemente de subidas, um ou outro rancho de pau-apique, ~~coças de~~^{coças de} milho, batata, cebola e um largo panorama de colinas, é o que se vê de um lado e outro do caminho. O tom predominante da paisagem é dado pelos pastos, apenas interrompido por alguma capoeira sem importância. Pouco antes de atingir a aldeia, bem no cume da colina que daí desce para ir se alargar na plataforma do pátio, à direita da estrada, um morador de S. Paulo mandou construir uma residência em estilo português. "Vivenda das Morgadas de Outiz" conta a taboleta fixada no largo portão de entrada através do qual se avista uma pequena capela desenhada em estilo irreconhecível, posta no meio de um jardim. numa dependência desta habitação funciona atualmente a Escola Rural Mista de Cerapicuíba. Em frente, do outro lado da estrada, tomando o restante do plano superior da elevação (x) se estende um campo de futebol.

Deste trecho para a povoação, o caminho desce numa rampa de uns 200 metros de comprimento para entrar quasi no meio do pátio, tendo à esquerda a capela de Santa Catarina (fig. 3). Em frente e à direita se desenvolvem os dois lados do retângulo inteiramente preenchidos com edifícios de habitação. No lado que fica à esquerda da capela só uma residência fecha o canto do fundo, o resto se abrindo numa larga visada pelos campos e colinas dos arredores. É possível que esta ~~aldeia~~^{aldeia} existisse primitivamente tomada também por construções. Não encontrei entretanto vestígios disso nem em ruínas, nem na tradição local. Todas as esquinas do retângulo, menos a impedida, são tomadas por tres das quatro estradas que servem à povoação. O caminho próximo ao canto fechado não existia dois anos atrás e foi aberto para servir uns sítios das vizinhanças.

Não há dúvida que a capela é a construção mais notável da aldeia, não só pelo seu tamanho e importância que transparece através de certos detalhes construtivos, como sobretudo pela localização dela no lado mais alto do pátio, enconstrada e protegida pela colina que lhe fi-

(x) Nesta parte da colina se fez um aterramento e foi para esse lugar que inultimamente tentaram mudar a aldeia, há uns 7 anos.

60

ca atrás. Os restantes 19 edifícios, quando não estão ladeando a capela, se dispõem em serie nos lados do pátio.

A construção residencial serinda é sistemática em Garapicuíba assim como em todas as outras aldeias jesuíticas que pude visitar. As duas casas (XIX e XX) que ladeiam a capela no seu lado esquerdo, estiveram, até pouco tempo, unidas como ainda dizem lá "oitão com oitão". Em 1936 encontrei vestígios disso num compartimento de logeção, hoje desaparecido. Ficava fundo e parecia ser depósito ou dormitório. Ainda hoje, não só as peças restantes da armadura do telhado, mas também os detalhes ~~da~~ de disposição e estrutura, indicam que primitivamente uma serie geminada de residencias completava esta parte do retangulo.

Fronteira da capela, as residencias X, XI e XII se encontram separadas por espaços desaproveitados de 30 e 40 cms, o que mostra ser a ellas de construção bem moderna. Uma informante moradora da aldeia, Da. Quirina, deu-me as casas X e XI como inexistentes há vinte anos, enquanto as outras da serie, XII, XIII, XIV, XV, XVI e XVII já ~~eram~~ eram construções antigas.

Alem de mostrar que ainda há uma vinte anos a estrutura da povoação permanecia fiel ao desenho primitivo, atrairdo os edificios para o plano fundamental em torno do pátio, esses espaços desaproveitados sugerem que a construção de ~~uma~~ dessas duas casas, embora accitando ainda uma porção de soluções procedentes da arquitetura da antiga aldeia, já se libertara, nesse tempo, do compromisso de geminação. E esse costume tradicional que trouxe as residencias X e XI para o retangulo, quando a técnica usada nelas já se desvencilhara de outros compromissos tradicionais, tudo indica ter perdido a sua força e desaparecido há bem pouco tempo; pois somente as casas muito recentes fogem ao desenho quadrangular do pátio.

Perto da capela o terreno apresenta uma plataforma mais ou menos nivelada e mais alta do que o restante do retangulo, e em cujos bordos se planteram dois ramos de coqueiros, hoje decrepitos e cuíndo de velhos. No fim desta plataforma, bem no meio do pátio, montado num base de tijolo cuja construção recente guardou a forma antiga, se ergue um cruceiro de madeira (foto 1). Permanentemente um indiano vive enrolado nos braços desta cruz. Debaxo da sua base, informa o meu amigo Vergilio, filho e morador de Garapicuíba, ter um "segredo". "Uma pedra de moinho que foi" do tempo dos indios." Quando construíam a nova

base de tijolo um tio do informante descobriu a pedra num lugar onde existia um taquaral, enterrada no leito do riacho ~~de~~ Carapicuíba que passa uns 200 metros além da aldeia. Combinaram um mufirão para trazer e enterrar aquilo ali~~a~~ debaixo por que "acharam que era uma beleza".

Nas festas de Santa Cruz os dansantes vêm "salvar a Cruz" diante deste cruzeiro e de todas as ~~cruzes~~ que então ficam em frente de cada residencia situada no pateo ~~de~~. Ordinariamente decoram essas cruzes com flores artificiais. Além deste enfeite o cruzeiro central apresentava, na festa a que assisti em 1936, cordões com bandeirolas nacionais distendidos em varias direções. Terminada a festa as cruzes são desplantadas e guardadas no quintal ou dentro das casas.

As festas de Santa Cruz e Santa Catarina atraem para a aldeia grande número de caipiras das vizinhanças e alguns moradores de S. Paulo aparentados aí. Em volta do pateo os siriós vendedores de bugigangas armam barracões de lençol, tabuleiros de queimado, arroz-doce, cocada e batata doce em calda, se dispõem nos pontos onde possam chamar a atenção do caipira. Algumas roletas e mesas e jogos de azar vão se esconder nos cantos mais escuros, se iluminando com candeeiros de carburêto ou querosene. Na sacristia encontrei uma roleta destas. Noutro compartimento da igreja, especialmente destinado a depósito dos apetrechos da festa, muitas. Completa o aparelhamento festivo um palanque de leiloeiro armado em lugar variável e o mastro com a figura da Santa padroeira. Faz uns anos, para levantar um palanque destes, fizeram 4 cativeiros num dos lados do retangulo. Terminada a festa os pauz ficaram ali criando raizes e hoje são 4 grossas arvores que os moradores apresentam como um produto de um possivel milagre.

Em volta da aldeia se estendem os terrenos que foram dados aos indigenas no primeiro século (13-22). Os mais proximos constituem "o quintal de Carapicuíba". Aí estão as roças, onde os homens passam o dia quasi inteiro. A moradora Dna. Cazilda Comargo lembra ainda o tempo em que essa parte do lugar era chamada "terreno da Santa". Provavelmente de Santa Catarina, padroeira da povoação (X). Mais para diante dessas terras fica a "invernada", a que alguns chamam de "campos da aldeia".

x - O primitivo orago era S. João. A foca parece datar da reconstrução de 1736.

No quintal cada família escolhia um pedaço para plantar e pagava foros, porém a internada era de uso coletivo e ninguém pagava nada. Ainda hoje aí mora um compadre do Sr. Vergílio que não paga foro.

Uns dez anos atrás as propriedades da aldeia não estavam ainda registradas e se deu que um tabelião de S. Paulo, tendo adquirido uns terrenos de um morador, mandou fazer o levantamento do restante e pretendia "tomar conta de tudo". Foi então que os moradores "se ajuntaram e puzeram um advogado" para tratar da questão. Daí "receberam do juiz do direito da capital uma contra-fé mandando que se apresentassem em S. Paulo com as escrituras". Os que não possuíam documento apresentariam "um arrolamento de uma quarta, um alqueire, contando as divisas". Agora, os moradores que não possuem o título oficial de propriedade tem "um arrolamento feito na colctoria de S. Paulo".

A gente de Carapicuíba paga impostos (ou foros, como dizem alguns) para a prefeitura de Cotia. Onde era a internada, um fazendeiro está tendo uma plantação de eucaliptos, parte do quintal está arrendada ou vendida aos japonezes plantadores de cereais. O transporte da produção agrícola é feito na sua quasi totalidade, pelo caminho de um morador. Pouca é a mercadoria que sai pela Sorocabana. E si hoje os caipiras vão vender os produtos das suas roças fóra da aldeia, antes não acontecia isso: só produziam o necessário para o consumo caseiro e mais um pequeno acréscimo cuja venda os aparelhava para gastos com sal, roupa, farinha.

Esta atividade no sentido quasi exclusivo de auto-abastecimento, penso que deve ser interpretada de um modo muito especial entre os habitantes de Carapicuíba, pois parece refletir um elemento muito forte da psicologia deles. Elemento que me impressionou bastante porque traduz com muita lógica, um aspeto característico da arquitetura da aldeia. É verdade que as restantes localidades jesuíticas dos arredores de S. Paulo também conservam um ou outro traço, tanto na arquitetura como nos costumes, encontráveis em Carapicuíba, porém, nunca com tamanha nitidez, sobretudo nunca tão sistematicamente. Para explicar o isolamento desta aldeia Batista Pereira lembra o fato de "uma densa floresta", existente até uns 20 anos, escondendo-la dos olhares e visita de estranhos. Me parece que outros fatores de importância estiveram colaborando nisso. Pelo menos o isolamento geográfico alegado por Batista Pereira (52-107) não é exclusivo de Carapicuíba. Itapeoceria, por exemplo, apresentava as mesmas

condições do ponto de vista de comunicação, e no entanto, subiu a vila. Por outro lado, Barueri e Escada, facilmente atingíveis, se arruinaram completamente. Penso que milhormente se explicaria o fenomeno que reaguardou e conservou Carapicuíba, com a psicologia dos seus moradores. Fechada, arredia, voltada sobre si mesma, quase sem tomar conhecimento do que se passa fóra do seu âmbito limitado. Esse carácter psicológico se retrata fielmente na disposição urbanística das casas, volta^{da} uma para as outras, num quadrado que jamais se vira para fóra.

Gilberto Freyre em Sobrados e Mucambos diz na pagina 159, que "a casa, o typo de habitação" é uma das influências sociais que actuam mais poderosamente sobre o homem". Procurando sugerir uma parecença entre o estilo urbanístico de Carapicuíba e a psicologia de seus moradores, não vejo nisto propriamente uma atração do typo da casa sobre o homem. A meu ver, tanto a casa como homem, têm a mesma sensibilidade para se modificarem e mesmo transformarem profundamente diante de um determinado fator social. Assim, em Carapicuíba os fenomenos sociais que determinaram o quadrado como plano urbanístico da aldeia, repercutiram na psicologia dos seus habitantes, deixando-os tais como ainda os encontroi atualmente. Fenômenos que quando perderam a sua força de atuação nas aldeias primitivamente iguais a Carapicuíba, foram perdendo tambem a marca da sua presença na arquitetura, como acontece em Iboý, Itapeccerica e Itaquaquecetuba, que transbordaram e fugiram do quadrado inicial.

Indícios demonstrando que os habitantes eram fechados nas suas aldeias (pode-se mesmo dizer; no quadrado das suas aldeias) se encontra principalmente na organização social que o jesuíta lhes deu. O mesmo jesuíta que instituiu o plano retangular, ferindo a paisagem com traços geométricos demais.

Um primeiro gesto que desvenda esta intenção fechadora é localizar os religiosos as aldeias sistematicamente separadas umas das -- outras, três ou mais léguas. Quanto ao documento em que os vereadores da Câmara de S. Paulo pediam que não se consentisse aos jesuitas a formação de uma "aldeia-grande" indica mais, a meu ver, o modo da possível força dos padres da Companhia que outra coisa ~~havia~~. Nesse tempo (1612) os inactanos ja haviam demonstrado suficientemente o seu estilo de localizar as aldeias indígenas, pois as que haviam sido erçadas até então mostram o processo normal de guardar certa distância uma do outra.

64

64

Demais, si os da Companhia pretendiam fundar uma "aldeia-grande", que comportasse vasto número de índios, isto não quer dizer pretendessem fundir suas aldeias numa só. Si assim fosse teriam certamente juntado, desde logo, a indiada em Piratininga, sem procurar S. Miguel e Pinheiros. Parece certo, apesar dessa acta da camara piratiningana insinuar o contrario, que os jesuitas não queriam os nativos todos juntos.

Alem de localiza-los em grupos distanciados (se poderia ter nisso até uma razão tendente a evitar uma revolta coletiva que puzesse em pé de guerra todos os índios), os inicianos faziam questão absoluta de impedir, por todos os meios, o intercambio entre estes e os brancos. Nesse sentido a documentação é farta. Os vereadores de Piratininga, a 15 de outubro de 1611, já se queixavam dos jesuitas que não permitiam a nenhum branco pouso nas aldeias (77-7); o regimento organizado no Convento de Santo Antonio do Rio de Janeiro mandava castigar com 30 açoites e três dias de tronco na primeira vez, e com o dobro disso na segunda, ao índio ou índia que recolhesse alguma peixeza de fóra da aldeia e lhe desse pernoite sem licença do padre Director (53-308); em 1716 era o superior de S. Miguel que conseguia do bispo do Rio de Janeiro uma pastoral excomungando aos que dessem trabalho para os índios, fóra do domínio d'elles, padres (51-226); de 1725 há também um documento proibindo aos índios de saírem das aldeias (51-779); em 1743 a situação continuava a mesma, pois um bando de D. Luiz de Mascarenhas, datado desse ano, instituía a pena de desterro e cadeia aos que tirassem índios das aldeias, sem licença do padre Superior (53-307). Estas indicações mostram claramente uma actividade fortemente organizada no sentido de impedir intercambio entre os aldeados e brancos.

Era natural que essa attitude jesuítica, obrigando os índios a se constituírem em comunidade separada do mundo exterior, tivesse repercussão na psicologia dos habitantes das aldeias. E que esse fechamento do grupo nativo foi se tornando desde logo um facto consagrado não há duvida que sim. Si uma vez ou outra aparece referência contendo que o índio queria fugir das aldeias (67-166), isso é no começo da colonização jesuítica, sobretudo quando elle era dizimado pelas epidemias. Depois desses rebates de fuga, o aldeado passou a viver preso naquele retângulo jesuítico sem poder se avistar com branco que não fosse padre, perdendo a-quele traço de nomadismo que tanto impressionou aos primeiros cronistas.

Isso calou tanto no espírito do indígena que chegou a tomar uma forma de reação ao que antes lhe havia sido proibido. Como no caso dos habitantes de Carapicuíba, que por duas vezes se opuseram a qualquer mudança, uma no tempo da fundação de Itapocerica e outra recentemente; ou no fato do índio Valério que, em 1806, se juntou com outros para arrazar a casa que um tal José de Araujo estava construindo na aldeia deles (67-181). Ainda hoje, aqueles que se localizam nas imediações de Carapicuíba não recebem a visita dos dançantes de Santa Cruz.

Outros fatos vêm colaborar com os indicados no sentido de confirmar o mesmo fenômeno de psicologia fechada e arredia na gente da aldeia que procuro estudar. Alguns habitantes dela não tem a mínima curiosidade de conhecer S. Paulo, ali pertinho. Alguns nunca passaram mesmo além do bairro de Pinheiros. O que parece, porém, mais importante neste sentido é a conservação de certa terminologia: pagar feros, quintal da aldeia, terreno da Santa, páteo, invernada, sem esquecer o mais importante de todos: aldeia, que permaneceu ali francamente enquanto sumia das que foram invadidas por elementos estranhos e se transformam em presença de novos dados sociais.

Não há dúvida nenhuma que este fato focaliza um aspecto interessante da influência jesuítica na formação social da região paulista. Ainda visível a olho nú entre os habitantes da povoação de que trato aqui.

Na aldeia de Carapicuíba, a maneira de dispor as casas em série e a procedência indiscutivelmente erudita da sua arquitetura, vieram impôr certos detalhes que permaneceram mesmo depois que surgiu aí a construção de fatura popular, com o uso do pau-a-pique.

A geminação seriada das habitações evidentemente que faz parte do plano geral da aldeia. O tipo desse plano, e sobretudo o seu jeito de coisa muito racional, geométrica, prestabelecida, exclue qualquer possibilidade de se pensar numa possível influencia da arquitetura indígena nesta solução. Influência daquelas casas compridas de 200, 300 ou 400 palmos, mas ôcas, vazias, sem nenhuma divisão interna.

Uma análise das plantas residenciais revela que algumas soluções tipicamente eruditas foram adotadas pela técnica popular que veio posteriormente. Neste sentido, penso, que não se deve esquecer que a primitiva construção do 1º século foi demolida, pelo menos parcialmente, no

tempo do padre Belchior de Pontes, restando do antigo assento, segundo me parece, apenas as paredes de taipa que constituem hoje os elementos laterais das casas numeradas VII e VIII (fig. 3). O plano da residência do sr. Virgílio - casa VII - não tenho dúvida que é francamente erudito, não inteiramente distribuído segundo a construção toda de taipa que teria existido nesse local. Sobretudo por causa da existência aí, de um compartimento de entrada e de um corredor, ambas essas peças com função nitidamente distribuidora. Ainda não encontrei em habitação primitiva e mesmo popular brasileira esse desperdício de área que se verifica no exemplo citado. De resto, sem esquecer que o processo é comum a todas as aldeias dos arredores de S. Paulo, uma indicação julgo suficiente para mostrar a procedência erudita do plano da residência do sr. Virgílio. O meu amigo Gliberto Chaves, viajando no Rio Grande do Sul, trouxe para mim, na antiga redução jesuítica de São Tiago do Boqueirão, um plano de habitação antiga exatamente idêntico ao deste exemplo carapicuibano. Seria coincidência muito extranhável que se encontrassem dois planos complexos iguais em lugares de mesma formação, sem que se atribuisse a sua procedência a mesma fonte, neste caso a jesuítica-erudita. Lembro ainda que o sr. Virgílio conserva até hoje a denominação de "camarinha" para designar os quartos e q(III). Esta palavra "camarinha" não tem uso popular corrente em S. Paulo. É evidente que a demolição das habitações no tempo de Belchior de Pontes, deixou ainda o plano urbanístico jesuítico, assim como algumas ruínas de paredes e alicerces, tudo isso sendo aproveitado na reconstrução de 1736. A edificação das novas residências em função do primitivo assento explica a permanência de soluções complexas eruditas nos edifícios construídos com técnica popular.

O compartimento de função exclusivamente distribuidora, que me parece ser peça erudita por excelência, pois introduz nos planos de habitação uma visível complexidade, surge nas plantas das casas nos II, VI, VII e VIII. Um pouco deformado pelo funcionamento e já bastante reduzido, encontra-se o mesmo detalhe nos planos das residências I, IX, X, XVI, XVII e XX. No edifício II, que é de data recente, o fato de aí surgir esse detalhe sugere uma notável capacidade de resistência nos planos de casas populares realizados sob a influência da arquitetura erudita, coisa que também se verifica noutras soluções sobretudo no piso e na armadura do telhado.

Foi tão forte a resistência do processo de divisão do plano

na época de reconstrução da aldeia, que nenhum plano complexo conseguiu fugir do seu esquema, e só não surge nos projetos mais simples: XI, XII, XVI, XV e XVIII. Os edifícios II, III, que em conjunto dão a ideia de muita complexidade, foram levantados há 17 anos. O autor do projeto foi o proprietário do terreno, me informou o sr. Vergilio, acrescentando, com segurança, que isto acontecera porque o dono do terreno era" o dono do terreno". A construção nº II destinava-se a uma venda.

A divisão interna da residência do sr. Lula Camargo - casa XIII - foi modificada há alguns anos. Primitivamente, os compartimentos b e g eram um só, não existindo a porta de comunicação entre as peças g e e. Havia nesta última uma janelazinha na parede de ligação com o compartimento d. Quem introduziu a modificação, criando novo elemento g - galpão - e a porta de acesso, foi uma parente dos moradores, professora, que passou na aldeia uma temporada.

Outra residência que não deve ser analisada sem alguns reparos, é a nº IX, onde reside atualmente um japonês vendeiro. Em maio de 1936, visitei ligeiramente esta habitação, que já era venda, e me lembro bem que os compartimentos b e d não existiam, assim como o e tal como se encontra agenciado. A divisão desta casa deve ser vista como a criação exclusiva do japonês e nada representa da arquitetura tradicional da aldeia. É necessário pôr reparo neste fato, pois quasi todas as modificações introduzidas nos planos antigos, são vivamente condicionadas por estes, o que não acontece no caso presente.

Nas residências XIII e XV surge um processo interessante de afastar ou apequenar uma peça do plano afim de ceder iluminação aos quartos e (XIII) e e (XV). Estes compartimentos não parecem acréscimos. O d (XV) foi feito recentemente porém em substituição ao que já existia aí. Também as paredes dos compartimentos d, e e f da residência VII aparentam ser de data posterior ao restante do edifício. De data apenas, por que estes tres compartimentos da casa VII, assim com os apontados nas construções XIII e XV fazem parte dos planos, nada havendo o que indique tenham sido acrescentados.

Caso extremamente curioso, mas esporádico na aldeia, é o que se encontra na casa X, com o acréscimo do compartimento d, posterior a Maio de 1936. Este elemento assim disposto, vem reviver um velho aspecto da hospitalidade paulista adotado em pleno século terceiro pelo

padre Manuel da Fonseca. Os senhores rurais paulistas, diz Fonseca, costumavam fabricar "recamaras para os hospedes de tal sorte unidas ás casas, que, ficando da parte de fóra, não possam servir sem detrimento, e independentes da mais familia" (23-59). Não fóra este quarto construção muito recente, eu sentiria grandemente atrapalhado o meu ponto de vista a respeito da arquitetura desta aldeia quando procuro sugerir nela uma semelhança muito viva com aspéto da psicologia de seus habitantes.

A casa X foi construída em 1937 e é de tijolo. Como já notei anteriormente, a construção desta residência por gente antiga da aldeia é bastante significativa, pois em princípio o seu plano está agenciado em relação ao pátio como se a sua fachada estivesse voltada diretamente para ele. E de fato, só pelo pátio, é que se atinge esta casa.

As residências construídas fóra do retângulo apresentam de ordinário, planos populares. A sua presença é apenas anotada aqui, pois se trata de problema diverso daquele que procuro estudar: arquitetura tradicional em Carapicuíba.

Em princípio, todas as construções de Carapicuíba estão assentadas em terreno de declive, apresentando por isso uma seriação de pisos em diferentes níveis. Sobretudo as dos lados do retângulo preenchidos inteiramente com edifícios de habitação. E são as residências II, III, IV, XVIII, XIX, XX, conservam muitos detalhes, que nas outras se percebe serem soluções condicionadas á particularidade declivente do terreno, isto se dá por puro fenômeno de tradicionalização técnica. No edifício religioso, as pérgas que funcionam como sacristia e depósito são mais elevadas que as restantes.

que este fenômeno está condicionado ao plano da aldeia e á sua disposição em plataforma não há dúvida que sim. O desnivelamento verificado para além das fachadas, obrigou o piso a um movimento acompanhante de decida, acentuado á medida que se afasta do pátio. Para se conservar o piso de cada compartimento em nível, a solução adotada foi o degrau. As vezes mais de um, como nas residências VI, VII, XII, XIV, XV, XVI e XVII. Nas casas do lado do nascente, o uso de mais de um degrau de pedra na fachada posterior é geral.

E esta nomenclatura do piso não é apenas consequência da disposição da aldeia em plataforma com bordos em rampa, mas, a meu ver, procede da arquitetura ibérica adoptada pelos jesuítas. Em localidades de

formação não jesuítica, o que se verifica é o alteamento do piso, se conservando, em princípio, um único nivelamento, como se encontra facilmente nas cidades de colonos na Minas Colonial (Fig 6). Na arquitetura primitiva, tanto africana como nativa, o que surge sistematicamente é a fatu-
ra de uma plataforma mais ou menos nivelada, ou então o alteamento da construção sobre pilares.

O chão atijolado em alguns compartimentos de casas mais ricas da aldeia, e também da capéla, segundo informes dos moradores, é melhora-
mento que data de poucos anos. Nas residências, ele frequenta geralmente os compartimentos de receber ou de dormir. Os de serviço são de terra batida. A execução deste revestimento é ^{feita} da seguinte maneira: a massa compacta de barro bem amassado é esparramada pelo chão e socada ^{ee} com maça de madeira. Secando esta primeira camada, geralmente surgem rachar que vão desaparecer quando se repete a primeira operação, ^{em} várias vezes. Uma nova camada de barro recebe sempre mais de uma socagem. Em Carapicuíba, segundo informes dos moradores, foi usado acrescentar uma camada de sangue de boi, que era socada da mesma forma que as de barro.

Este processo de revestimento do piso com sangue de animal parece ter origem religiosa (28-109,110). É certo que as primitivas construções religiosas não só tinham o piso revestido com o sangue dos animais sacrificados, mas quase todas as partes, inclusive o telhado. Naturalmente do costume religioso ficou o processo técnico, ligado aliás, a outras muita cerimônias de caráter religioso que permaneceram nos processos populares de construção.

O assoalhamento da nave da papéla data de uns 6 anos. Como no atijolamento, o nível do assoalho acompanha sempre a altura da soleira de uma porta. No assoalho da capéla se acrescentaram varios planos em plataforma que servem de base para o altar. No chão da nave, por ocasião de uma reforma havida faz 38 anos, encontraram muitas sepulturas.

A capéla está, na sua parte anterior, colocada sobre pequeno aterro revestido por escada de fatuza recente. A mesma solução de revestir o aterro da plataforma, se encontra na casa V, cuja fachada principal está num nível mais alto que o chão.

Em toda a extensão dos lados preenchidos com edificios residenciais, restam vestígios de calçada.

Tirante as paredes recente da casa **V**, que são de tijolo, todas as outras se encontram em Carapicuíba ou são de taipa ou de pau-a-pique. A capela é inteiramente construída em taipa. As outras paredes de terra socada estão na casa de Sr. Vergílio, nº **III**, ou na contígua, nº **VIII**. A capela sabe-se que foi construída em 1736, porém, as restantes paredes de taipa me parecem ser ruínas de construções anteriores. Não só pelo aspecto de velhice que têm mas também porque, se não fossem ruínas aproveitadas em construção de época diversa, não se compreenderia que a residência toda deixasse de usar essa técnica. Existe ainda um detalhe na casa número **VIII** que vem colar sobre nesta hipótese. A parede que separa os aposentos **a** e **h** é de pau-a-pique e mais estreita do que o elemento de madeira (viga), colado por cima dela, ~~ela~~ em toda a sua extensão. Certamente este elemento de madeira esteve colocado sobre a primitiva parede de taipa. Do contrário não se compreende este excesso de grossura.

As paredes de taipa são assentadas sobre alicerces também de terra socada, onde às vezes se misturaram algumas pedrinhas ou cacos. Não pude verificar a profundidade destes alicerces, porém seguramente devem ser iguais àqueles alicerces da mesma época, que encontrei no Município de S. Roque, metro e meio a dois metros enterrados.

Sobre esses alicerces eram socadas as camadas de barro amassado, que se comprimiam em caixões formados pelos taipais (taboas que limitavam a espessura da parede). Para sustentar os taipais o uso corrente era colocar travessas entre as taboas, escorando-as pelo lado de fora. Esses elementos internos permaneceram na estrutura das paredes assim como umas varas compridas colocadas no sentido longitudinal delas (fig. 7). Quando uma parede de taipa perde uma dessas travessas fica um buraco no lugar. É o cabodá. Em Maio de 1936 encontrei na residência número **VIII** um cabodá ~~que~~ que estava sendo utilizado como guardador de apetrechos do cozinha.

A solução tradicional de aproveitar a espessura vasta da parede de taipa para nela encaixar armários surge, em Carapicuíba, várias vezes na capela, com um deles (foto 10), 2 benterios e uma caixinha de pau sepe.

A terra usada na parede de taipa, quando já não apresenta as condições de aderência necessárias, é juntada com pedaços de capim ou feno

de pelos de animais. Nas paredes da capela e nas das residências encontrei vestígios muitos vagos e imprecisáveis de fios. O que leva certamente mistura é a argamassa de revestimento, a que ajuntam estrume de gado. Num monte de ^{Terra} limpa se mistura água e estrume, á medida que se remexo bem. Quanto mais estrume melhor fica o rebôco. Quando se pretende fazer o rebôco com cal é um desastre porque, invariavelmente, surgem rachas. Cair a parede sim que fica bem, mas depois do revestimento estar compactamente seco. Aliás o estrume é usado mesmo para dar maior aderencia á cal, da pintura. Certos detalhes, indispensáveis para a fatura da parede de taipa são desconhecidos pela gente desta aldeia. Só sabem alguma coisa desta técnica através do que observam nas paredes existentes e que conhecem de ter ouvido "da gente antiga".

A grande maioria das paredes existentes actualmente em Carapicuíba é de pau-a-pique. As da casa do Sr. Vergílio, elle informou que já eram velhas quando nasceu e que devem ter muito mais de cem anos. Aliás a maior parte das casas de pau-a-pique desta aldeia é muito antiga, e já estavam construídas até onde alcança a memoria dos moradores. São as paredes assentadas ou sobre os primitivos alicerces das desaparecidas construções de taipa ou então sobre o chão. Na residencia numero VII e nas outras mais velhas, pude verificar a presença de uma peça horizontal ^{colocada} ^{mente} no chão e na mesma orientação da parede que sustenta. Chama baldrame e parece proceder da técnica de construir edificações sobre pilotis. Mas também não é muito impossível que provenha daqueles elementos horizontais cuja presença verifiquei na técnica da taipa. Estariam bastante deformados no seu uso, entretanto. Em técnica de taipa regionalizada em Minas Gerais (onde aparece frequentemente a habitação elevada sobre pilotis) esta peça surge sistematicamente, não sei com que nome. Na casa numero frequenta todas as paredes de pau-a-pique e o Sr. Vergílio os chamou de soleiras. Talvez por extensão, pois eles funcionam também como soleiras nos intervalos em que se abrem os vãos das portas. Nas edificações mais recentes da aldeia não verifiquei a presença deles. Porém o seu uso é corrente em certas construções caipiras de pau-a-pique. Em Pimpora encontrei exemplos. A madeira usada aí é o jacarandá, a arceira mansa, a canela e o cedro.

O entrançado das paredes de pau-a-pique é constituído por:

a) esteios, elementos verticais essenciais na estrutura do edificio. São co-

loçados nos angulos e nos lugares onde se torna necessario para sustentar diretamente uma terça da armadura do telhado. Às vezes funcionam também como batente das portas e janelas. A madeira melhor ^{prá} esteios é cambará (*Tecoma conspicua* - Bignoniaceae), porém usam também aroeira brava (*LiThraea molleoides* - Anacardiaceae), jacaré (*Riptidemia communis* - Leguminosae), arichimbé (?). São enterrados às vezes mais de metro e apresentam sempre á extremidade superior um "nó" que engrossa a base que deve receber a carga das peças da armadura do telhado, às vezes mesmo se abrindo numa "furquilha" para isso.

b) barrotes - elementos verticais do entrançado. Quando não ha baldrame (solcira) geralmente ^é meio enterrado no chão. Nem sempre atinge toda a altura do piso ao telhado, sobretudo nas paredes internas, onde o barreamento é executado apenas até a altura do ^{na direção} da fachada e os barrotes ficam de ponta ^{prá} fóra. Nas paredes externas das casas de Carapicuíba, sempre atingem o tecto. Quando a sua amarração não é feita por endentamento no baldrame ou enterramento no chão, é conseguida com ligação de cipó. Recente é o uso do prego ^{prá} isto. As madeiras preferidas para esta peça são: capororoca (*Myrsine marginata* - Myrsinaceae), macatirão (?) e guaçatonga (*Caesaria sylvestris* - Flacourtiaceae).

c) ripas - elementos horizontais do entrançado. São geralmente amarradas com cipós nos esteios e nos barrotes. Colocadas duas a duas, uma de cada lado dos barrotes, os pares de ripas distam de 10 a 15 cms. entre si. Quando a parede atinge o triangulo formado pelos elementos do telhado com a "linha" horizontal, que fica á altura ^{do pé direito} da fachada, as ripas vão adquirindo uma ligeira inclinação, fechando mais as extremidades proximas ás paredes laterais, de forma que, quando atingem o declive do telhado o ultimo par de ripas está paralelo á ele (fig. 8). A madeira preferida ^{prá} ripa é capororoca (*Myrsine marginata* - Myrsinaceae), porém usam muito pau-d'arco (*Tecoma conspicua* - Bignoniaceae), canela-branca (canelinha) (*Winterhina canella* - Lauraceae), João-pires (?), guamirim (*Psidium* sp. - Myrtaceae) e taquára-assu (*Quadua superba* - Guianenseae).

Atualmente o cipó mais usado ^{prá} amarração é o ~~cipó~~ são-joão (?), não porque seja o melhor, porém é o mais facil de encontrar. O melhor é o cipó d'áio (*Sequinia americana* - Phytolacaceae), difficilmente achavel hoje em dia. Aliás muitas madeiras que antigamente eram usadas nas construções não se encontram mais na região. Canela preta (*Nectandra mollis* - Lauraceae) por exemplo, não é achada "nem pra remedio". Da cabreuva (*Tecmifera parvifera* - Leguminosae) "até ninguém mais fala de tanto que não tem". O que acham, ainda que com alguma difi-

culdade, é jacarandá (*Dalbergia spruceana* - Leguminosae), cambará (*Mogúnia* sp. - Compositae), capororóca (*M. Margueta* - Myrsinaceae), canelinha (*Nectandra* sp. - Lauraceae) e guamirim (*Psidium* sp. - Myrtaceae).

Nos intervalos do entrançado da parede é que o barro é colocada. É uma das últimas operações da construção. Primeiro fincam os esteios (e baldrames, quando os ha), depois fazem a armadura do telhado, cobrem, então é que vem o barroamento. É costume tradicional em Carapicuíba "fazer muxirão" pra barrear uma casa (X). Depois que termina o barroamento o pessoal que tomou parte no muxirão faz uma festa dentro da casa recém-construída.

Tanto o barro que vai nos interstícios do entrançado como o do revestimento necessitam ser bem amassados e, se a terra não apresenta muita consistência por ser "muito magra" então se junta, na hora do amassamento, que é feito num buraco raso e grande no próprio chão, um pouco de capim cortado ou pêlo de animal. E também estrume de gado pra revestimento. O barro usado no revestimento das casas de pau-a-pique e (provavelmente o do enclimento também) é ~~um cinzento~~ cinzento escuro tirado dali mesmo do chão próximo da aldeia.

De algumas paredes de pau-a-pique o revestimento já caiu. Quando isto acontece na parte posterior ou interna das residências, não se dão ao trabalho de fazer reparos. Só nas fachadas é que não deixam o entrançado aparecendo.

(X) A prática do muxirão na construção das habitações de pau-a-pique me parece um resíduo de festa religiosa primitiva. Tal como muitos outros detalhes constructivos da habitação: a sua defesa por meio de árvores protetoras, revestimento do piso com sangue de animais sacrificados, etc. Sobretudo um aspecto desta prática sugere isso: o acabamento da construção é seguido de festas nas quais a dança, comessaima e bebidas são elementos obrigatórios. Em algumas descrições de cerimônias desenvolvidas durante a factura da casa de certas regiões da África (notadamente daquelas de onde se importaram escravos para o Brasil) surgem tabús nas relações sexuais, tabú de fogo enquanto dure o trabalho da construção, defumação da casa com ervas, etc. ao lado de aspectos encontrados no muxirão brasileiro (37-38 até 310), tudo tal como acontece aqui, no meio de festa "Organisée et très originale" (37 - 345). No muxirão banta descrito por Ju-

Si hoje a pintura das casas é feita sempre com cal, antigamente não usavam sinão taguá branco ~~ou então tabatinga~~. Taguá é uma pedra terrosa que dissolvida na água dá a tintura branca ou vermelha. Taguá não precisa mistura. O que precisa mistura de "cola de arroz" é a tabatinga. Um punhado de arroz é cozido e posto numa panela com um pouco d'água para ser coado. O caldo grosso resultante dessa operação é misturado com a tabatinga dissolvida. Uma pintura de tabatinga assim preparada pode durar mais ^{de} 30 anos, resistindo perfeitamente á chuva. Para pintar uma casa basta um litro de arroz. Tabatinga com cola de arroz "fica muito bonito, mas vem uma chuva e fica que é só poeira".

Da mesma forma que muitos outros detalhes encontráveis na arquitetura tradicional de Carapicuíba, este processo de pintar com argila dissolvida, e ás vezes misturada com cola, é uma prática encontrável nas regiões africanas de onde vieram negros para o Brasil ~~(37-96, 334, 5 e 20-136)~~

Na pintura das paredes das casas de Carapicuíba as cores preferidas são a branca e a azul. Usam também cor de rosa. Quasi nunca a vermelha. O azul ou o cor de rosa é destinado á "faixa", á barra das paredes. Externamente as faixas têm mais ou menos um metro de altura, nas paredes internas porém atingem ás vezes, quasi dois metros. Algumas portas internas são pintadas, ~~o que~~ não é sistematico. Sistematico é pintarem os batentes das portas e janelas voltados para o exterior da habitação, sobretudo da fachada.

Todas as residências de Carapicuíba são servidas por duas portas externas, uma na fachada e outra na parte posterior do edificio. Excepção disto só ~~há~~. not, os negros revestem de argila duplamente as paredes da casa. Este detalhe me parece muito interessante, pois indica a prática do mutirão e do uso das paredes de pau-a-pique, como elementos tradicionais da cultura material desse povo. Ainda nesta região dos bântus é interessante notar que muti quer dizer aldeia.

No Brasil, as festas dos mutirões foram tão de uso corrente que certas posturas chegam a prever os abusos decorrentes do excesso de bebidas espirituosas, impondo para os possíveis desordeiros af presentes, prisão de 4 a 8 dias, e o dobro do caso de reincidência (Postura de Batatais, 1865)

só se encontra nas casas XVIII e XX nas quais uma entrada é lateral (fig. 3). Internamente, a não ser nos planos complexos, o compartimento que apresenta mais de uma porta é também compartimento de passagem. Na residência número V, na parede que separa os compartimentos a e c surge um sistema de duas portas completamente esporádico. Uma destas portas foi aberta quando o edifício servia de agência do correio.

Nem todos os elementos dos planos das casas de Carapicuíba apresentam janela. A própria condição de casa geminada obriga alguns compartimentos a se absterem dela, como no exemplo das duas camarinhas c e g da residência VII. Processo curioso é aquele da janelinha interna que existia no quarto e da casa XIII. Encontrei ^{exemplos} ~~exemplos~~ de solução igual em várias outras construções antigas no Estado de São Paulo, principalmente em algumas cidades do vale do Tietê. Em certos casos, para a criação do elemento janela, chegam a modificar sensivelmente o tamanho do compartimentos ou então afastá-los para obter o vão necessário. O que se pode constatar nas casas XIII e XVI com os compartimentos f e d respectivamente. Em compensação, mesmo sem nenhuma dificuldade a vencer, desprezam o uso da janela, como no caso dos compartimentos b e e (casa X) e f (casa XX). ~~exemplos~~

Também na residência II surge um exemplo de janela interna.

Na igreja, os elementos porta e janela são distribuídos segundo a maneira tradicional desse plano de edifício religioso. Somente uma pequena modificação foi aí introduzida, com a abertura da porta exterior do compartimento e e eliminação do funcionamento da porta, que ligava este elemento ao contíguo d.

O processo de ligação das portas e janelas na estrutura das paredes no caso da igreja, é o tradicional da técnica de taipa; num vão que sistematicamente se alarga para o lado da parede, oposto àquele onde são fixados os batentes. Numa parede externa a abertura se alarga para o interior, ficando sempre os batentes visíveis do lado de fora, às vezes, mesmo, saindo da parede quasi um centímetro. A porta que comunica a sala dos milagres (a. I) à sacristia é de envergadura livre (fig. 9). Porta com envergadura fechável é a que liga a sacristia à nave. Exceção da porta de ligação da sala dos milagres, que apresenta apenas uma tábuca da largura da parede, atravessada horizontalmente na parte superior com função de suportar a parte da estrutura que lhe fica por cima, todas as outras portas e as janelas têm um sistema de batentes encaixados no vão, por meio de tacos de madeira.

restante, o que se encontra é dobradiça comum fixando as folhas. E para fechá-las, fechadura e tranças; quando também não aparece um reforço de tranca, nas portas de entrada. Raramente se foge a isto cobrindo a envasadura de uma janela com uma cortina de pano (casa III, compartimento f), ou então deixando o próprio entrançado nú da parede de pau-a-pique (casa VI - compartimento c)

O velho costume europeu de serrar a porta de entrada em duas partes, e deixar só a de baixo fechada, é também encontrável em Carapicuíba. Não serrando as portas, porém criando peças independentes para esse funcionamento. Na parte posterior das residências, essas peças são feitas num gradeado simples de madeira, nas fachadas existem ainda algumas antigas, apresentando certo trabalho no xadrezado de pequenas varetas (foto 2).

A cor preferida para a pintura das portas e janelas é o azul. Um azul de tinta comprada na venda do japonês, que nem sempre tem aquele tom transparente e característico das casas antigas. Mas azul, na forma do costume.

Si na igreja se encontra a solução de telhado somente com duas águas, nas casas de residência surge entretanto vestígio vivo de que a solução com quatro águas foi ali utilizada desde a edificação primitiva. Si o telhado com tacaniça não é usado na igreja, pela exigência lógica do frontão com janela-sincira, aquela solução é empregada como acabamento das residências em série. No tipo de residência portuguesa, que influenciou bastante a construção correspondente nesta zona de São Paulo, o telhado era sempre resolvido em quatro águas, como em alguns exemplos encontrados no Município de São Roque. E nas construções tradicionais de casas em série, as extremidades da série nunca são solucionadas em duas águas apenas, mas em três. Além disso, outros fatos sugerem, nas construções de Carapicuíba, a presença de conhecimentos técnicos capazes de resolver o telhado com tacaniça. Sobretudo um, que se encontra na riqueza de movimento da cobertura das residências do lado A (foto I). Aplicação existente hoje de telhado com tacaniça, observa-se nas extremidades dos lados A, B e C (fotos 1 e 2). É verdade que os edifícios dos lados A e C não são os primitivos, porém o lado B, apesar de ligeira reforma que houve na residência V, é ainda a casa antiga com toda a segurança.

Na igreja, a armadura do telhado se apoia diretamente sobre as quatro paredes longitudinais do edifício. No vão dos compartimentos laterais, as peças inclinadas paralelas aos caibros (travessas) se apoiam sobre as paredes. Sobre as travessas se apoiam as terças que, por sua vez sustentam a trama formada pelos caibros e ripas. No vão da nave surge o processo tradicional de resolver o ferro em três planos (fig. 13) com o aparecimento de uma peça horizontal (travessa também ^{que tem a} ~~tem a~~ função de impedir a deflexão das paredes diante do esforço exercido pelo peso do telhado, e mais outra que liga esta última à terça da cumieira (escora). O ferro da nave é de fatura recente e acompanha o movimento dos três planos, formados, em parte, pelo próprio declive da armadura comum e mais um plano horizontal criado com o acréscimo de elementos horizontais ligados aos caibros. Tirante a nave forrada, o mais da igreja é todo de telha vã. As madeiras utilizadas na armadura do telhado não apresentam nenhum trabalho de carpintaria. Apenas a peça horizontal (travessa) da sacristia é pintada com figuras geométricas e flores. Esta pintura é executada em partes distintas de 30 centímetros (foto 3). Seguramente executada por gente antiga da aldeia, talvez mesmo índio, é certo que seja pintura mestiça, ainda que os habitantes de Capricuíba a tenham como pintura indígena. As florzinhas sobretudo têm jeito de mestiças, diferindo bastante da pintura encontrada no armário da sacristia ^(p. 10) esta indiscutivelmente portuguesa (1).

Nos edifícios de residência é que se encontra alguma complexidade na solução dos problemas do telhado, por causa das extremidades terminadas em três águas e do movimento da armadura na cobertura das casas II, III e IV. Enquanto a solução é de duas águas, as terças se apoiam nos esteios. Somente nos casos em que restam ainda paredes de taipa (casas VII e VIII) aparecem por cima das

(1) - Na parede lateral externa da sala dos milagres ainda se vê vago vestígio, quasi inteiramente escondido pelas várias camadas de pintura, de umas letras ou inscrições. Só mesmo um trabalho mais completo de pesquisa, importante no mínimo em retirar a pintura, é que poderia esclarecer o significado destas inscrições. Me parece, entretanto, que não se trata sinão de símbolos jesuíticos. O pessoal da aldeia, e gente de fora também, acha que é coisa de índio.

paredes perpendiculares á fachada, umas peças horizontais que devem ter pertencido á primitiva construção, e que sustentam uma escórra que por sua vez vão apoiar a terça da cumieira. Nas fachadas, onde o encachorroamento é horizontal, as peças que formam ~~uma~~ se apoiam sobre o frechal e se prolongam para o interior do edificio, num tamanho igual ao constituido propriamente pelo cachorro. Na extremidade interna do cachorro assim prolongado se apoia uma peça horizontal a que também chamam de travessa.

Sobre ^a travessa, alternadamente se fixa um elemento vertical (bracinho), que vai se ligar á uma terça média. Os caibros vão se apoiar na extremidade exterior do cachorro, completando assim o sistema de equilibrio do conjunto (1) (fig. 14)

(1) Já tentei analisar este detalhe de armadura do telhado, procurando mostrar que não passa de uma deformação de tesoura, condicionada a certos detalhes construtivos dos edificios desta aldeia (Revista do Arquivo Municipal, nº XL, pgs. 15 e seguintes). Resumirei aqui o que pode ser encontrado na referida análise:

1- Das cargas actuantes na tesoura classica apenas levamos em conta as ~~cargas~~ fixas, uma vez que as acidentais são despreziveis para o objectivo da análise. ~~As acidentais são despreziveis para o objectivo da análise.~~

2) Uma carga fixa atúa na extremidade do cachorro no sentido de fazer com que este ceda para baixo e que o seu prolongamento, agindo como braço de uma alavanca apoiada sobre o frechal, sofra uma impulsão para cima (fig. 14)

3- Esta impulsão é anulada pela reacção da travessa e, indirectamente, do bracinho.

4- A chanfradura que liga o bracinho á terça media (linha de escora) confirma a observação anterior.

5- A travessa funciona como estabilizador do conjunto dos cachorros, estendendo á todo o comprimento do telhado, o trabalho do sistema que age com o bracinho.

Em uma tesoura de forma classica, que em principio é formada por três peças apenas (tensor e duas empenas), o pendural funciona somente impedindo a deflexão do tensor. Neste sistema encontrado em Carapicuíba, depois de analisados os diversos elementos e esforços presentes, vê-se ni-

81

tidamente que o bracinho tem a mesma natureza funcional que o pendural e que aí, a tesoura classica se encontra deformada porém com todos os seus elementos essenciais. que o processo está completamente aderido á técnica popular se percebe pondo reparo que caibro e cachorro (com prolongamento) se confundem respectivamente com empena e tensor. Exemplos parecidos ou iguais foram encontrados em varios lugares do Estado de São Paulo. As diferenças surgidas na maneira especial de resolver certos detalhes do sistema vêm apenas confirmar as observações feitas no exemplo encontrado em Carapicuíba. Alíás nesta mesma aldeia, já em construção mais recente (casa II) se encontra uma variante onde a peça bracinho desaparece e a sua função é exercida pela linha de escóira que se aproximou bastante do angulo formado pelo cachorro e caibro (fig 14A).

Em construção mais recente (casa II), a peça bracinho desaparece, para no seu lugar funcionar uma terço. O sistema entretanto continua com as mesmas características de tesoura, deformada. Sobre as terços se assenta a trama de caibros e ripas. Na parte posterior dos edifícios, o telhado se prolonga num comprimento muito maior do que o da água da fachada. O piso acompanha sensivelmente este movimento de decida do telhado, adoptando níveis cada vez mais baixos (fig. 15).

A tesoura mais ortodoxa surge no caso das extremidades de telhado, onde se combinam três águas. Também deformada, entretanto. Com os pontalotes um tanto inclinados, como si fossem meio mãos francêssas, meio pontalotes. Nestas extremidades solucionadas com três águas, a de fechamento não toma toda a extensão da profundidade do edifício, se limitando a um comprimento máximo nunca maior do que a profundidade correspondente a dois compartimentos. O restante da parte posterior da construção é coberto com a água posterior que aí se prolonga. Nos ângulos de três águas, o encachorramento se distribue normalmente, sendo entretanto acrescentada uma peça (cachorro) perpendicular à arista formada pelas duas paredes do ângulo. Normalmente a armadura foge destas características gerais, com o aparecimento de um sistema accessorio de travas, composto de duas peças cruzadas e fixadas em dois esteios consecutivos, com função de reforçar a estabilidade deles. Ou então com um pontalote colocado por cima de uma das primitivas paredes de taipa, na residência numero VII. Na casa II, o ponto médio do tensor central é apoiado num esteio que fica no centro da sala b.

A solução de movimento do telhado, que se encontra na cobertura das residencias II, III e IV se faz encaixando simplesmente, no encachorramento da água lateral da casa II, o sistema de duas águas do restante da coberta. Ainda neste conjunto das casas II, III e IV, na parte posterior, aparece um elemento de armadura do compartimento e (canal) solucionado em duas águas e de uma maneira independente do restante do telhado. Esta maneira de fazer independer a solução de cobertura de compartimentos accessorios ou acrescentados, é geral. Surge na cozinha da casa VI (compartimento e) e na cobertura dos compartimentos e e f da casa IX, em ambos estes exemplos com duas águas. Com uma água somente (em bico de pato ou de nambú, segundo o informe do proprietário da casa IX) se encontram os telhados dos fornos, como por exemplo na casa VII ~~XXXXXX~~ e na ~~XXXXXX~~, sempre cobertos com folhas de zinco.

No telhado das residências, onde não se encontra a solução adotando o sistema que se age com o braçinho, os esteios sustentam as terças e sobre estas se apoia a trama de caibros e ripas. Nas construções geminadas, a ligação das armaduras se faz apoiando duas terças num só esteio. Curiosa é a solução da cobertura das residências X e XI, não geminadas, e no entanto a apresentam ^{proveniente de} esta mesma ligação de telhado.

Somente na cobertura de uma privada (foto 5.) encontrei a armadura ^{horizontal} com coberta de folhas de zinco.

Os elementos mais fortes da estrutura são geralmente de canela braca (*Winterania canella - Lauraceae*). sobretudo as peças compridas, pois é muito difícil encontrar outra madeira com "linha" comprida. Para as terças usam guamirinzinho (*Psidium* sp. - *Myrtaceae*) que é diferente do guamirim (*Psidium* sp. *Myrtaceae*) usado no entrançado de pau-a-pique, pois enquanto este é madeira de capão e pouco resistente, o guamirinzinho é de beira-bréjo e de muito maior durabilidade e resistência. Para caibros a madeira deve ser guamirim (*Psidium* sp. - *Myrtaceae*), capororóca (*Myrsine marginata - Myrsinaceae*) e nha-catião ~~?~~ [?]. Guamirim também e mais canela ~~?~~ [?], quaçotonga ~~?~~ [?], pau-d'arco ~~?~~ [?] e João-pires ~~?~~ [?] são as madeiras usadas no ripamento do telhado.

A não ser poucas peças como os cachorros, e uma ou outra madeira encontrável nas construções mais recentes, os galhos e troncos de árvores não são trabalhados mais do que numa simples limpeza de casca e brotos.

Com toda a segurança, desde a aldeia primitiva, a cobertura é feita com telhas. Pelo menos nas construções da aldeia propriamente dita, pois sempre deve ter havido um ou outro elemento acessório coberto com palha. Sugerindo o uso antigo da telha concorre não só a estrutura especializada da armadura, como também o argumento de que, desde o segundo século, o uso da telha era corrente em S. Paulo, e intensa a sua fabricação (17-35). Só mesmo nas residências mais pobres, como as que hoje se localizam fora do quadrado da aldeia, ou então como uma que existia, segundo o Sr. Vergílio, uns duzentos metros para os lados do poente, só mesmo essas usam e usavam palha na coberta. De maneira aliás bem diversa da usada pelos japonezes, que apresentam um processo muito mais complicado de arrematação no capote e de superposição dos feixes de palha por cima da armadura.

Sistematicamente o encachorramento não é revestido, e no interior das residências também não se encontra forramento. A não ser um ou outro caso, 83

como num compartimento da casa III, onde pude encontrar, sobre taquáras atravessadas de lado a lado do quarto, na altura da parede exterior, um forramento com sacos vazios e um encerado velho. Dona Cazilda, moradora da casa XIII, me informou que antigamente os forramentos dos quartos era feitos com esteiras de fibras, iguais às que usam hoje para a cobertura dos catres de toldo. Atravessavam taquáras de um a outro lado do compartimento e colocavam as esteiras por cima. Às vezes sem amarração alguma, outras porém, ligando as esteiras com cipós ou fibras.

Fóra do edificio proprio da habitação, se encontram os poços, latrinas, e raramente um ou outro cercado para criações ou um tanque de lavar roupa. Nem todas as casas têm poço. O pessoal mais pobre da aldeia vai buscar água no córrego e na bequilha próxima. Porque para fazer poço os especialistas locais, Sr. Manoel Correia e Avelino não trabalham por menos de 100000 ou 150000 por metro de obra. Afóra a tampa de madeira, que é paga separadamente. Às vezes esses especialistas trabalham por empreitada também. As paredes são sempre revistidas com tijolo e a tampa do poço consta de um caixão de madeira com uma armadura por cima onde se encontra o sistema de movimentar o balde que retira a água. Às vezes um só poço serve a dois vizinhos, como acontece com o da casa do Sr. Vergilio. Ficam sempre distantes da habitação uns 20 metros.

Distantes também da habitação, e às vezes mais de 20 metros, estão as latrinas. Mas nem todas as casas as têm. Quando acontece de uma residência não ter latrina os moradores "servem-se nomato". Qualquer um pode fazer a latrina. Faz-se um buraco bem limpo de 3 a 4 metros de profundidade que é coberto com um "forro de tabuas com mais um caixão de tampa furada, chamado assento". Depois de certo tempo costumam colocar um bocado de cal, sobretudo quando aí "mina água por baixo". Quando não, põem creolina, como na casa do Sr. Vergilio. A latrina sempre é fechada por paredes de pau-appeque com cobertura de zinco (foto 5) e colocase escondida no meio de bananeiras ou arvores.

Tanque de lavar roupa é certamente coisa nova em Carapicuíba, pois só existe nas residencias II, IV e V. Ficam afastados da habitação e debaixo de uma cobertura de telhas levantada sobre 4 esteios.

O forno grande surge em Carapicuíba de duas maneiras: ou encostado na habitação, no lado de fóra, ou então mesmo dentro da cozinha, como no exemplo da casa II. Apresentam uma estrutura abobadada de tijolo, colocada sobre

uma estiva de paus. Seu uso não aparece em ^{Todas as} habitações (fig 16).

Em certas residências encontra-se um cercado quadrangular feito com taquáras fincadas no chão e amarradas uma ás outras com cipós através de uma vara horizontal de uma altura de dois terços da cerca. Ali fecham galinhas. O restante dos animais domésticos da aldeia vivem soltos, entrando ás vezes numa convivência laxada dentro das casas.

A utilização das construções de Carapicuíba deve ter sofrido uma transformação muito considerável, desde a sua fatura até hoje. Se encontra muito quarto, muita sala, muito compartimento quasi desaproveitado. Até mesmo casas inteiras sem moradores. Como por exemplo as numeradas II, III, IV, V, parcialmente, que são todas.

A igreja por exemplo, deve ter tido um funcionamento muito diferente daquele que apresenta hoje, quasi sempre fechada, com compartimentos ~~vários~~ ^{vários} ou transformados em depósito. Numa sala dormiria o padre, se é que ele não estivesse instalado numa das casas do pátio. Hoje quando acontece vir um religioso á aldeia, o que é coisa bastante rara, e ficando ele ^{para} dormir ali, o que é mais raro ainda, tem uma cama e esperando no compartimento d. Um dos compartimentos terá sido a sala de aula, onde os padres da Companhia tentavam ensinar aos curumins a palavra de Deus. Hoje o compartimento d está praticamente abandonado, só com uma cama, sem ninguém ^{ou} ~~pr~~ dormir nela. e é depósito dos apetrechos das festas ~~de~~ - roletas de jogo, enfeites, tableiros, etc.; e o a é a sala dos milagres, apresentando pregada na parede, uma porção de fotografias de gente manca, doente, gente que tem feridas na cara, gente que caiu de cavalo, que ficou em baixo de carro de bois, retratos de recém-casados e de recém-nascidos e até mesmo desenho de animais. Da sala dos milagres se passa ^{para} ~~para~~ sacristia. É o compartimento mais iluminado da igreja. Encostada na parede do fundo está uma comoda velha, cujas gavetas teriam antigamente a função de guardar os paramentos. Hoje guarda papéis velhos sem interesse, restos de enfeites de flores artificiais, trapos. Em cima desta comoda, que é coberta com uma toalha bordada se encontram uns vasos de flores, uma caixinha com gavetas vazias e dois oratoriosinhos com santos ~~em~~ ^{vários}, na parede ~~estão~~ ^{estão} algumas imagens de gravura. Uma velha resinha, uns bancos estragados e uns restos de andôres recobertos com papel de seda, uns bastões, isso constitui o mais que completa o aparelhamento desta sacristia. (foto 6), juntamente com um armário embutido na parede da esquerda e um bentoário. Também cava-

do na parede. O armário tem restos de pintura e guarda papéis velhos, livros de missa, etc. Antigamente foi muito bem cuidado. É pelo menos o que sugerem as pinturas ^(foto 7) e uma ruína de renda ^{de} fibra que encontrá, aí.

Da sacristia se passa á nave. O altar está colocado sobre um estrado, que se eleva do assoalho três degraus, dos quais o primeiro consta de uma verdadeira plataforma, tomando a largura toda da nave. O altar mesmo é apoucado de enfeites e pobre. O que tem é que vive recoberto de flores artificiais (foto 7). Aliás, a maneira de enfeitar a nave é, predominantemente com flores e ramos distendidos em todas as direcções, caindo aqui e ali uns pingentes de ramos de melindro. A parte superior do altar está colocada sobre armadura de madeira, cujos elementos se ligam através de caxolas ~~de~~ ~~esta~~ ~~armadura~~. Esta armadura é sempre recoberta com uma vasta toalha bordada. O sacrário foi ~~reformado~~ reformado, e ~~atualmente~~ ^{hoje} só as partes laterais apresentam trabalho pobre de talha, que primitivamente deve ter se estendido ^{conjunto interno} ~~do altar~~ ~~de~~ ~~esta~~ ~~armadura~~ ~~de~~ ~~esta~~ ~~armadura~~. O esquema do altar é em estilo jesuítico, com um nicho central tomando a altura inteira, e mais 4 outros menores dispostos dois a dois, de cada lado. A actual imagem orago da capéla é uma Santa Catarina velha, porém não me pareceu muito antiga. O primitivo orago é, seguramente, o S. João ^{anteriores} que se vê na foto 8. Esta imagem e o Cristo, ambos de madeira, me parecem ~~antigos~~ ^{antigos} ~~de~~ ~~esta~~ ~~armadura~~ ~~de~~ ~~esta~~ ~~armadura~~ reconstrução da capéla, em 1736. Também muito interessantes são outras duas imagens, uma santa vestida, com cabelos naturais, e um santo Antonio de Padua (foto 8). No mais, uma imagem do Espirito Santo, que mais parece sabiá do que pomba, uma ~~santa~~ ~~de~~ ~~madeira~~ e massa (foto 8) e mais algumas outras, sem nenhuma importancia, de barro ou então de gesso. Dos lados do altar mór se dispõem duas mesas cobertas e com toalhas onde são colocados alguns dos santos anotados, uns castiçais velhos e vasos com flores. O corcamento do altar é em timpano, com a ponta superior encavada e encimada por uma cruz de madeira. Com poucas molduras, e pintado recentemente, conserva entretanto uns filetes folheados a ouro, e duas cabeças de querubins dispostas a meia altura e outras duas na base, nas partes laterais (foto ~~antiga~~ ⁷). Por sua pobreza mesmo, me parece ser o altar de terceiro seculo, ~~antigo~~ ^{depois} reformado. Num dos lados, na base, tem uma inscrição com as iniciais F.J.A. e a data 1898. Deve ser de uma reforma feita nesse ano.

No lado esquerdo, metido na parede, dentro de uma caixinha de madeira, tem um precepe pobre e com algumas figuras velhas. A nave é toda assoalhada

da e de pintura renovada. Em duas fileiras se dispõem os bancos recentes. No fundo, do lado esquerdo fica a pia batismal feita de um grade tronco de madeira recordada, e em parte torneada (fig 18), uma bacia de barro, cheia de cabelos velhos, fica debaixo de uma tampa de madeira, que cobre esta pia. Do lado esquerdo está a escada, que dá acesso ao côro (corôto). Ainda que certos elementos da estrutura do côro sejam antigos, é certo que êle foi reformado ha uns 30 anos, se fazendo, dessa feita, a actual escada e o assoalho ~~da~~ ^{existente}. Um harmonio a. Foi comprado em 1924.

Em dois esteios que sustentam a base do côro estão pregados dois avisos:

"Pede-se não trazer baliãs, frutas para comer na Igreja"

"Pede-se favor não trazer seu cão, na igreja. Sim?"

Atraz do caixão, base do altar mor, encontram-se uma porção de antigas molduras, onde são colocadas as effigies dos santos mastreados por ocasião das festas religiosas (figura 19).

A utilização actual da arquitectura tradicional de Carapicuíba importa sempre na presença de certos característicos, que devem ser recentes. A sala de visita, por exemplo, é um deles. A não ser nos casos em que a habitação tem a sua parte dianteira funcionando com venda, a sala de receber sempre se localiza logo no primeiro compartimento de entrada. Na casa III, onde a porta de acesso dá entrada imediatamente a uma saleta, sem outra função a não ser a de ^{distribuir} ~~receber~~, a sala de receber é a que fica imediatamente á direita. Na residência III, a sala de receber fica situada depois da venda e do corredor, compartimento d. Também na residência II, onde a parte da frente da construção era ocupada por uma venda, a sala de visitas fica logo a seguir da entrada lateral, compartimento c. Em geral, é muito pobre de apetrechos, esta sala. A mais ricamente acondicionada é a do Sr. Vergilio, com uma mesa, um armario cheio de livros e papéis velhos, moringa, tinteiro (o Sr. Vergilio, é a autoridade local e meo dado á leitura dum Pedro Taquez, muito manuscado, que tem ali), cabide e alguns retratos de familia na parede. Na sala de receber da residência III tem, meo em jeito de coisa amontoadas, 2 armarios e um sofá antigo. Nas outras casas, uma pequena mesa, uma ou outra cadeira ou banco. Raramente uma figura na parede e um cabide. Aliás sala de receber parece ser coisa recente em Carapicuíba, e o seu aparelhamento dá impressão de muita influencia urbana.

Onde se pode encontrar maior dose de resistencia á influencias foras-

teiras é nos quartos de dormir e nas cozinhas. Aí permanecem uma porção de apetrechos antigos, que devem servir desde muito tempo. E não é só na maneira de preparar o compartimento que vai funcionar como quarto ou cozinha que se pode encontrar mais "tradição". Esta se verifica desde a escolha do compartimento. O principal quarto de dormir, por exemplo, é quando possível, sistematicamente situado num compartimento de frente, ao lado da sala de visitas. Só não se verifica isto quando a parte anterior da residência é usada como varanda, ou então quando não é dividida, como nas casas ^{XV, XVI, XVII, XVIII}. As residências ^{XV e XVIII}, que apresentam apenas 2 compartimentos, o de frente é sempre o quarto de dormir. Além do dormitório principal. Algumas casas, ^{IX} e outras, nem sempre sendo utilizadas, entretanto, como n. casa ^{VII} que tem 3 dormitórios e apenas um é utilizado, enquanto os outros dois estão vazios por falta de moradores. No dormitório principal sempre há uma cama de casal, às vezes de ferro, ~~com colchão e fôfos~~. Cama comprada e recente, com vastos colchões altos e fôfos ~~altos~~, com uma porção talvez excessiva de colchas, cobertores, panos bordados. Um vasto armário e às vezes uma cómoda e algumas cadeiras ou bancos completam esse tipo de dormitório. Nos outros, secundários, geralmente quartos dos 4 filhos ou de gente que se mudou da aldeia, é que não se encontra quase cama comprada. Aí há sempre ou catre de toldo ou então cama de estiva. A cama de estiva é uma peça fixa. Consta de quatro esteiras fincadas no chão e atravessadas, na sua parte superior, por duas guardas horizontais, sobre as quais se estende uma estiva formada de pedregos de taquira postos em serie ^(p. 20). Este tipo de cama, não só pelo seu nome, mas também por co incidir exatamente com aqueles descritos pelos cronistas da África ⁽²⁰⁻²⁸⁾ ¹³⁵ me parece tradição africana. A presença do nome Cama de estiva me parece argumento bastante forte para indicar que este móvel era desconhecido pelo português que o nomeou fixando um detalhe de sua fabricação, ~~que se trata de uma cama de estiva~~.

Catre de toldo é peça móvel que consta de um leito de forma comum, cujos pés se prolongaram até uma altura de mais de dois metros. Na parte superior desse prolongamento se atravessaram varas sobre as quais são postas esteiras de fibra ^(p. 21). Um outro tipo de leito, que deve ter sido muito usado em Carapicuíba, hoje entretanto só existindo poucos exemplares (um dos quais = colhido para o Museu de Etnografia e Folclore do Departamento de Cultura de S. Paulo), ~~apresenta o seguinte aspecto~~ ^{apresenta o} estrado de

constituído por entrançado de couro cru. Nestes quartos secundários, além de catre ou cama de estiva, só se encontra uma ou outra mesa, um banco, e ás vezes, um pequeno armário. Raramente uma espingarda ou uma bolsa de pano para caça, ~~ou~~ (boró), lamparinas ou espelho.

A cozinha é indiscutivelmente uma das peças de maior importância na habitação de Carapicóiba. Serve também de sala de refeições, de salão de conversar, e a maior parte do dia, as mulheres e mesmo os homens, quando estão em casa, vivem nela. Geralmente o piso de terra batida, tem as paredes e o tecto permanentemente escurecidas de fuligem. O fogão é feito sobre uma estiva sustentada por quatro estacas. O material usado na sua fatura é tijolo, disposto sempre em três camadas, uma de base, outra que constitui propriamente a parte funcionadora do fogão e uma terceira que se dispõe atrás, fechando o conjunto (fig. 22). A lenha, consumida nele, geralmente é guardada em baixo da estiva, no chão. Um armário, uma mesa (fig. 23) e uma prateleira ^{de madeira} o que ha mais em materia de peças grandes. Prateleira ás vezes, fixada na parede com o auxilio de dois ^{pregos} e nos estacos fincados no chão (fig. 24). O que encontra em grande quantidade, são peças pequenas: latas servindo de cacevas, potes de barro, garrafinhas (fig. 25) ~~dispositivo de andar do andar do tecto para levantar pedregal de tecto~~ ^{funções} (fig. 26), placas (suportas para lamparinas (fig. 27), candores (fig. 28), cuscuzeiro de barro, pilões de varios tamanhos, bolsas de pano, cestas de cipó, etc. Numa ou outra casa se encontra certos apetrechos curiosos como a guampa (chifre de boi) que o pai de Sr. Virgilio usava para beber agua, quando estava na roça, ou então a combuca que outros chamam de purunga e que serve para pescarias ou para "mariscar". É uma purunga vazia com um fio ligado nos bordos da boca. Para "mariscar", se dependura a combuca no pescoço e se vai collocando nela o peixe que vem na peneira. Muitas peças encontradas nestas cozinhas são anotadas tambem pelos viajantes que percorreram a Africa: esteiras, pilões, almofarizes, cuscuzeiros, vasos de argila, cabaças, etc. O facto de os indigenas brasileiros conhecerem estas peças não tira a importancia desta constataçã, pois se sabe perfeitamente que muito processo técnico nativo se degradou e perdeu pelo contacto com o branco, enquanto por outro lado, certos traços da cultura material negra vieram, de certa forma, revividos.

Poucas vezes, se foge desse conjunto geral, com mais pobreza ou então com certos detalhes diferentes, como o fogão da casa XIII, que

apresenta uma forma completamente esporádica em Carapicuíba, embora conheça
 ve o mesmo processo tradicional de fatur, com estiva ~~XXXXXXXXXX~~. Único é
 aquele e se encontravel na casa II, em cuja cozinha o forno se combina com
 o fogão. Como também o de uso do girau, se encontrei na residência III, de
 Da. Mirina. O girau consta do petro esteios altos fincados no chão, nos 2
 quais, em duas alturas, se colocaram, ^{2 peças que sobre as quais} ~~XXXXXXXXXX~~ se eston-
 dou uma estiva de taquira, com amarração de cipó ou couro crú sobre estas
 duas prateleiras assim formadas se colocam os apetrechos de cozinha, in-
 cluindo o mantimento.

O restante dos compartimentos, quando os há, é geralmente usa-
 do como depósito, ou então fica inteiramente vazio, desutilizado.

A defesa da casa está sobretudo a cargo do santo de devoção
 do morador, segundo Da. Mirina. Alguns moradores usam pregar, atrás da por-
 ta, uma oração impressa e distribuída pelos padres - "Estrella do Cor". Entre
 coloca-se no mesmo lugar um ferradura velha. Além da defesa por meio de ora-
 ções, usam plantar ^{portante,} ~~XXXXXX~~, por exemplo, livra de raio, enquanto que o pinhei-
 ro atrá o raio e ~~XXXXXX~~ nas proximidades da residência. Numo casa um
 pouco afastada do pátio, plantam sanano, para evitar que o raio caia al-
 gus raio. Ainda para livrar de raio, ali se usam cruar uma palmeira benta,
 melman-na, juntando-lhe incenso. Existem ~~de~~ na aldeia um velas benta,
 com ligações São João de que feito com S. Dom Jesus, N. Senhora da Terra e
 Sta. Catarina, juntando um deusar, também livre de raio.

~~XXXXXX~~, ~~XXXXXX~~ ^{porém} É este ~~XXXXXX~~ se estendem a todos os habitantes
 da aldeia. Mas os adota em quanto outros os dessem com inteiramente. De
 uso geral é o sinal-santo. Defesa comum da habitação, em tempos normais, ele
 se torna necessario quando alguma féta possa facil ~~XXXXXX~~ de espiritos
 máus. Como, por exemplo, o nascimento de um criança, ou de se o heras ^{em} ~~XXXXXX~~ as
 assembléas e viagens cost man ~~XXXXXX~~. O sinal-santo pode ser feito
 de varias modos. As vezes, a companhia a sua falta um oração que não con-
 segui colher. Na porta é feito a carvão ^{XXXXXX} ~~XXXXXX~~ de S. Jo de F. H. em cr-
 den est boleada para executar o desenho (fig. 29). Outra maneira, esta
 sobretudo usada no caso de viagens, é executar este sinal com os braços,
 cruzando-os de maneira que cada mão fique na altura do ombro oposte.

TECNICA DA TAIPA: O uso da técnica da taipa se verificou atualmente em Carapicuíba, tanto na construção religiosa, como na arquitetura residencial, e ainda que nesta o seu aparecimento esteja restrito apenas a elementos parciais da estrutura. Penso, porém, que a sua aplicação tenha se estendido, primitivamente, a toda a aldeia. Pelo menos esse era o processo construtivo geralmente empregado pelo português no planalto, no tempo da fundação de Carapicuíba. Pelos jesuítas sobretudo. Nesta aldeia, por muitas razões, deve ter acontecido isto.

Mesmo antes da fundação deste núcleo, já se encontra facilmente a técnica da taipa imperando folgada nos edifícios piratiningueses. A casa jesuítica descrita por ~~um~~ "Pernão Cardim" com um corredor e oito cubículos de taipa, quarcada de certo barro branco e oficinas bem acomodadas antecede Carapicuíba. Com taipa, trabalhava aquele Afonso Braz que viera do Espírito Santo para, no meio da índia e dos outros jesuítas, ser mestre de obras, tracejista, carpinteiro e até carregador de água e barro (81-46). Além, muito de indústria tina, ele sido chamado para Piratininga. Era um técnico de reconhecida competência no Espírito Santo, onde já "se houvera distinguido" no mister arquitetônico (72-18). A importância estratégica da povoação paulistana exigiu a presença dele. Não foi certamente o único, pois, desde que os padres da Companhia afirmam seu prestígio serra-acima, não só na política arrebanhadora de índios, mas também como homens de saberes e úteis para o serviço da colonização, a futura arquitetura com paredes de taipa passa a ser usada com notável frequência. Têm os jesuítas um posto de técnicos, de mestres, ensinando aos negros e índios o processo de levantar paredes de terra socada com as quais se encheria o planalto de edifícios civis, religiosos, muros de defesa, etc.

Nas aldeias iniciais dos arredores de S. Paulo, foi normal o uso da taipa, tanto nos edifícios de maior importância, como no conjunto inteiro delas. Evidente que haveria ali um ou outro rancho de palha; porém, a parte essencial da povoação, a construção que encheria o retângulo tradicional, e essa seria certamente feita em paredes de terra socada em taipais. Nasquelas núcleos jesuíticos, onde até hoje se encontram vestígios da primitiva arquitetura, essa técnica surge sistematicamente na parte que constitui o esquema. E, desde que se trate de edifício indiscutivelmente primitivo, ainda não encontrei um exemplo que fugisse a esta norma. Principalmente na arquitetura religiosa.

Nos conventos de Escada e Iboý, indiscutivelmente superiores às demais construções jesuíticas como estrutura, são de taipa as paredes principais e o esquema geral dos edifícios. As capelas e igrejas das outras aldeias também apresentam o mesmo fenômeno de emprego exclusivo dela. Em S. Miguel, Itapecerica, Itaquaquecetuba e Carapicuíba é assim. Em Piratininga se sabe também que acontecia o mesmo.

Também na arquitetura residencial das aldeias paulistas, a taipa era técnica preferida pelos padres, ^{nos} quais se resumia a totalidade da experiência arquitetônica que funcionava até o trabalho dos índios e, negros se resumiria à execução da parte manual, mecânica, da futura. Plano ^{direção da} obra e tudo o que significasse propriamente solução arquitetônica, estaria a cargo dos padres da Companhia. Em Iboý se encontram ainda restos de antigas construções de terra, conservando a mesma divisão interna tradicional ~~das residências jesuíticas~~ das residências jesuíticas. Em Escada, as ruínas de paredes e alicerces das casas que constituíam o retângulo primitivo, identificam o uso exclusivo da taipa ali. Em Itapecerica aliado surge um outro edifício antigo de terra socada, na parte que certamente foi o pátio primitivo. Barroco este tão desoladoramente em ruínas que não apresenta sequer um exemplo de edifício antigo. Um morador de Itaquaquecetuba me informou que os mais velhos habitantes de lá contam que as construções antigas eram todas de taipa. Em Piratininga se tem uma informação de Anchieta contando que as moradias de índios ali levantadas era de taipa ^{(12) 9}.

Nas regiões coloniais de formação parecida com a do planalto paulista - Espírito Santo, por exemplo - se verifica o mesmo. Wied-Neuwied constata isso na aldeia de S. Pedro dos Índios ~~de S. João~~. Na de S. João, idem, acrescentando que as paredes tinham sido construídas por 50 escravos ali existentes (102); certamente sob a direção dos padres.

E não é apenas nos edifícios residenciais jesuíticos que se encontra isso. É geral a técnica entre os colonos também. Casal cita, por exemplo, que a habitação urbana do paulista é de terra socada em taipas ~~de terra~~. Em S. Paulo aliás, a documentação é farta por demais para ser enumerada aqui.

Fora dos núcleos jesuíticos e das cidades, as fazendas também apresentam frequentemente o uso da técnica da taipa nas construções. Na de Anador Busno, em S. Paulo, segundo relata Fonseca (23 -106), estavam levantando umas taipas quando uma chuvazada obrigou este potentado pa ulis-

ta a mandar cobrir as paredes em rebo. Nas casas grandes que encontrei no Município de S. Roque, na de Guilherme Pompeu, na de bandeirante Paes de Barros e noutras que não se sabe ainda de quem foi - a futura é sistematicamente de terra socada. Na capêça da fazenda de Paes de Barros, surge esporadicamente uma torre de pedra. Este exemplo é porém tão sozinho no meio da taipa redonda que carece de importância generalizadora.

E, á medida que a população mais assentada se afasta pelo deserto a dentro, e que vai levando á taipa. Laro, mesmo no segundo e terceiro seculos, apparecer um "pedregulho pilado" como em Itá, e uso da pedra como em Paranaíba ou então um edificio de pedra e cal como a cadeia de S. Paulo (4-83). No litoral vicentino usa-se o uso da pedra trabalhada arquiteticamente em diversas variantes de bôneas-simples, com ligações de canjanda e, possivelmente, com óleo de baleia, como em Dertloze, ou em aparelho de pedra-e-cal como em Santos e S. Vicente (35-42) e convento de N.S. da Conceição de Itanhaen - se verifica desde o inicio da colonização, pelo menos nas construções portuguezas de maior importancia. Flanalto nelma porém, e tambem nas regiões caudaterias dele, a construção cruda de taipa domina sem concorrência, reunindo a totalidade da experiencia técnica europea presente á. N. sugerindo que talvez não baste, para explicar esse fenomeno, a facilidade de material sempre á mão. O emprego tão generalizado desta técnica sugere, ao contrario, que fortes razões de ordem cultural contribuíram para isso. Pelo menos, que os colonos portuguezes povoadores do planalto também conheciam tradição litoral esse processo construtivo. Não seriam unicos a meios padres especialistas como um frade Braz em S. Paulo, e Espirito Santo (31-39) e aqueles que Vasconcelos vai encontrar na Bahia funcionando como traçistas e mestres (81-76). Não se pode negar, contudo, que os padres tiveram uma pronuncia tendencia á especialização architectónica, pois, ainda no terceiro século, constata-se a presença de um em S. Paulo, que fazia umam concorrência desleal, em serviços de obras á custa do trabalho dos índios administrados e sem je mal (63-77) Demais, se creou em me uma tradição de padres exercendo officios diversos dos religiosos - padre fazendeiro, pintor, escultor, banqueiro, politico, etc Não ^{que} eles trouxeram um apreensão técnica dos seus estados. O que se dá dav antes é que eles possuíam um gosto vário. Si a arte religiosa e politica monopolizava a toda a técnica architectonica em me, e durante o periodo colonial, é a esgraj monopolizava a toda a arte architectonica.

Ou atraindo-os para as ordens, ou então pagando-os bem. Escultores e pintores sobretudo. Assim não seria unico aquele caso do padre Jesuino do Monte Carmelo, santista nascido para artear, acabando a sua vida viuvo e a pintar telas religiosas e retratos de irmão, depois de ver os filhos criados. Aliás, um destes tambem vá seguir, mais tarde, o exemplo do pai (49-15), herdando dele o gosto pela arte e pela batina.

Relativamente ás construções de taipa, porém, os padres não conseguiram ser os únicos especialistas, nem açambarcar os técnicos existentes para as obras religiosas. Os especialistas deste género de trabalho se tornaram propriedade quasi exclusiva das camadas burguesas, isso sim. Os talpeiros eram logo contratados pela gente de prestigio economico, politicos, fazendeiros, ricos e potentados, acompanhando mesmo esta aristocracia economica na sua distribuição geografica pelos vales e terras paulistas. Os religiosos, quando apossados pela decadência de economia e de prestigio, foram muitas vezes obrigados a abandonar a técnica da taipa, desaparecendo então das cidades aquelas igrejas enormes, e, das fazendas, as capelas que ás vezes tomavam conta de uma parte da casa-grande sem nenhuma cerimonia, para se limitarem a pequenas construções de pau a pique, capelinhas de estrada, quasi sempre construidas pelos próprios negros, sem nenhuma interferência dos padres.

A organização economica do vale do Paraíba, forte a valer em prestigio diante de outras zonas da provincia, fez surgir técnicos especialistas em construções de terra socada. Certos edificios antigos de cidades desta zona, Taubaté, Pindamonhangaba, Lorena, etc., atestam a presença ali de gente que só poderia ter feito aquilo sendo especializada. Sugere isto sobretudo a presença de certos detalhes constructivos, notavelmente fieis á experiencia erudita: soluções de telhado, de disposição de plano, etc.

Quando a grandeza economica dessa região começa a fugir para as zonas novas-média paulista e mogiana - se nota tambem o desaparecimento do emprego de taipa nas grandes construções. E a ascensão verdadeira social da técnica de pau-a-pique. Certas grandes residencias, com emprego de técnica popular, quando a tradicional erudita seria o uso de paredes de taipa, me parecem bastante significativas neste sentido. Encontrei exemplos disso em São Luiz do Paraítinga e mesmo mais perto de S. Paulo, entre Mogi das Cruzes e Jacareí. Neste ultimo exemplo, então, se trata de edificio rural, alpendrado, grande, importante, quasi inteiramente erudito si não fossem as paredes de pau-a-pique. O exemplo de S. Luiz de Paraítinga surge em residencia urbana, tambem muita vasta e de certa importância. Caso identico fui encontrar em Tietê, já numa outra zona que tambem sofreu violenta decadência, numa casa urbana de enormes proporções, que aliás, apresentava certos detalhes de construção peculiares a uma técnica que de maneira nenhuma, seria o pau-a-pique, porem taipa.

Esta substituição da técnica erudita pela popular e a sobrevivência, nesta última, de detalhes técnicos da erudita, me parece que só pode sugerir que os seus especialistas se tenham bandeado para outras regiões mais lucrativas.

Ora, com os padres açambarcando o serviço dos técnicos em construções de taipa, não acho provavel que possa ter acontecido isso. A mudança

seria certamente acompanhada de uma diminuição de importância nos edifícios, em tamanho e riqueza. O fazendeiro e o senhor feudal, em geral, mesmo depois de desaparecida a sua grandeza, ficam curtindo a grandeza de expressão. Isso é notório.

Depois de tanto prestígio, depois de ter sido vigorosamente alimentada pela fartura econômica de várias regiões paulistas, depois de ter sido coisa privativa das construções ricas, parece que a técnica da taipa decaiu muito no decorrer do século passado, chegando ao seu fim sem admiradores, sem partidários, sem ninguém que a quizesse mais. Assim, quando em 1880, Cesar de Rainville vai escrever o seu livro cujo título "Vinhola Brasileiro", bem mostra as suas intenções, diz que a taipa só serve para "casas ordinárias", ainda que afirme logo adiante que é técnica preferível à de paredes de entulho (pau-a-pique) (56-39). Para um processo construtivo que servira galhardamente durante três séculos à aristocracia paulista, era um franco desacato considerá-la apenas preferível às paredes de entulho, não tem dúvida.

O tijolo, o pedreiro italiano, que vinha com vasta tradição renascentista dificilmente esquecível, as novas formas que invadiram o feitiço das cidades e mesmo das fazendas, tudo isto acabou de vez com o uso da taipa. Aquela cruel expressão do Vinhola Brasileiro é bem o índice de sua decadência, do seu fim.

Durante mais de três séculos da sua carreira serra-acima, é notável que a taipa tivesse mantido uma linha ininterrupta de fidelidade à experiência erudita, atravessando todas as vicissitudes de um ambiente diverso daquele de onde trouxe a maior dose de soluções, sem perder os traços mais importantes dessa experiência, sem se deformar em presença de novos dados sociais, sem ver quebrada a sua unidade diante de possíveis influências índias ou negras. Este fato pode ser medido sobretudo pela permanência de certos detalhes de ordem construtiva. O uso de pau-a-pique nas paredes divisórias, por exemplo. Na península ibérica é uma solução corrente essa. Foi, pelo menos, o que me contou um espanhol, sitiante no Município de S. Roque, o Sr. Tujilo. Segundo este senhor e outros informantes que posteriormente me confirmaram a observação dele, em Portugal e Espanha, o uso de paredes de paús trançados se restringe apenas às paredes divisórias dos edifícios. Desta maneira é comum se encontrar lá o pau-a-pique, não recoberto com terra como aqui, porém com gesso.

A assiduidade com que surge idêntica solução na arquitetura paulista de taipa, é um fato incontestável. Nas construções mais antigas e conservadas, ele sempre aparece. Na capela do bandeirante Paes de Barros, por exemplo, frequenta uma parede divisória. No Convento de Mboy, surge o mesmo detalhe. Em edifícios residenciais, sobretudo naqueles de dois pavimentos, é também corrente o processo que então vem resolvendo inteligentemente o problema de resistência criado com a colocação de paredes de védo no pavimento superior sem correspondência com as do andar térreo.

A permanência deste detalhe construtivo, e também de outros, na fatura das portas e janelas, divisão interna das habitações, igrejas e conventos, me parece fenômeno suficiente para mostrar a fidelidade da técnica da taipa à experiência erudita. E, portanto, sugerir a existência

de especialistas. Importando estes dois fatos, de certo modo, não participação popular neste sistema ~~de construção~~ de construção.

Em Carapicuíba, além de seu uso já indicado para o edifício religioso e para três paredes de residência, são ainda verificáveis alguns indícios de ter ela sido usada, extensivamente, na aldeia toda, em época anterior a demolição que houve quando lá esteve o padre Belchior de Pontes.

Na capela (fig 3), as paredes são todas de taipa, tanto as externas como as divisórias. Seria isso uma fuga ao processo erudito tradicional que é frequentado por elementos de pau-a-pique. É preciso notar, entretanto, que a construção apresenta apenas um pavimento, não havendo propriamente exigência da solução característica apontada. Demais, esta construção religiosa, além de datar já do terceiro século é resolvida dum plano muito simples, onde o único problema mais sério seria aquele de algum esmero no sentido de uma construção sólida capaz de resistir a possíveis ataques de índios. Aliás, neste sentido, os padres se mostraram sempre grandemente prevenidos, não permitindo detalhe nenhum no edifício que lhe fraquejasse as condições de resistência e fortaleza. Mesmo nos conventos onde se encontram paredes divisorias de pau-a-pique, estas estão localizadas nos pontos onde não possam prejudicar a estrutura, às vezes, quegreira da construção.

As paredes que restam da primitiva construção residencial (casa VII, VIII) atingem uma profundidade de 5,5 ms. Nessas casas, mesmo as paredes da fachada e do fundo, essenciais na estrutura, já são de pau-a-pique.

Como já procurei sugerir anteriormente, esta residência conservaria quasi integralmente o plano erudito da casa anterior a 1736 que, por sua vez, apresentaria um tipo de edifício inteiramente levantado em paredes de taipa. De fato, si as paredes divisorias atuais são posteriores a 1736, com toda a certeza estão colocadas no mesmo local onde estiveram as de taipa. É verdade que tenho encontrado em casas antigas e os acréscimos de vãos populares recentes modificando sensivelmente o plano tradicional. Na casa-grande do atual Sitio Velho, ~~na~~ antiga residência de Guilherme Pompeu e na do sitio Santo Antonio, todas no município de S. Roque, as divisões recentes são situadas com prejuízo evidente da divisão antiga. Na do sitio Santo Antonio os atuais moradores transformaram parte do alpendrex em quartos de receber e dormir.

Nesses exemplos, porém, se percebe claramente a transformação havida, enquanto que no caso da casa VII de Carapicuíba, dificilmente se poderá imaginar que as paredes de pau-a-pique viessem, por acaso, recriar o plano tradicional. Como já procurei sugerir noutra lugar, a minha impressão é que, com a destruição das residências, no tempo de Belchior de Pontes, este plano foi o que mais se livrou da ruína completa, conservando claro o sistema antigo e, pelo menos, pedaços da armadura do telhado. Na reconstrução da aldeia, as paredes e demais detalhes que restavam e, foram aproveitados na edificação nova. Daí a mistura que houve entre soluções populares e eruditas. As razões que levaram os padres a não adoção da técnica da taipa no 3º século se prendem evidentemente à perda do prestígio da parte deles. Já era o tempo em que a força e a riqueza do inaciano se apoucava e a taipa se tornara de uso mais especial da a -

ristocracia econômica paulista. A colonização leiga criou uma força bem grande firmada no braço negro e índio. Estes, onde estiveram, sem aquela forte pressão cultural dos jesuítas, possuíam um campo mais vasto de ação e influência, certamente conformando as soluções de arquitetura ao seu tipo de vida

Técnica de pau-a-pique:

Nas construções atuais de Carapicuíba, além do pouco que resta dos edifícios primitivos de taipa, o mais que ficou deste processo de construção foi incorporado à técnica de pau-a-pique, sugerindo nesta uma notável capacidade de mestiçagem, coisa que não se encontra tão forte em nenhum dos processos construtivos usados em S. Paulo, nos séculos passados. Estes, sobretudo taipa e pedra-e-cal, se mantiveram numa situação de visível fidelidade à experiência ibérica, conservando as soluções gerais e invenções de detalhes, e mesmo se circunscrevendo num campo de aplicação limitado, onde o técnico especialista teria um funcionamento indispensável.

O fato mesmo de permanecer fiel à experiência adquirida em outras terras, condicionou bastante o uso de taipa e pedra-a-cal, fazendo este se limitar àquelas zonas de influência predominantemente portuguesa, restringindo o seu aparecimento aos lugares onde as condições de economia ou de política criavam senhores, fazendeiros, abastados (com muita escravaria, capitães -mores e ouvidores). Além disso, esses processos de construção, por estarem intimamente ligados ao elemento ibérico, de certo andariam sempre procurando ares, materiais, condições parecidas com as que os teriam cercado até então, na outra banda do mar.

Anteriormente, anotando algumas indicações sobre o uso da taipa, já procurei sugerir o acontecido na região do vale do rio Paraíba, em S. Paulo, de onde a técnica da taipa se teria bandeado para zonas de vida econômica florescente - mogiana e média paulista. Mas deixando rastros da sua passagem nas construções posteriores, geralmente de pau-a-pique.

A pedra-e-cal teve uso muito limitado, planalto-acima, na Capitania de S. Vicente. Raro uma vez por outra aparecer, mesmo em construção de grande vulto. O seu campo foi, em principal, na zona fronteira ao mar. Talvez porque aí as condições de material fossem mais favoráveis. Ou então porque os seus especialistas preferissem serra-abaxo. Nas Minas Gerais, onde a tintura portuguesa era vasta e forte, e as condições de material propícias, ele se verifica intensamente, sobretudo na sociedade caracteristicamente emboaba.

Às vezes essas técnicas eruditas são abandonadas, em benefício de outros processos, também eruditos. Mas isso é bem mais tarde, na época em que se deu a imigração européia de procedência não ibérica, já quasi no fim do quarto século portanto. E continuavam vivas, nesses lugares, aquelas condições econômicas e políticas que possibilitavam o trabalho dos especialistas. Pois quando a situação político-econômica propícia desaparece, o que passa a ser usado, mesmo em edifícios vastos de importância e tamanho, é o pau-a-pique. Como fui encontrar em casas-grandes de S. Luiz de Paraitinga e Tietê, com paredes fortes de pau-a-pique que estariam conservando, na sua considerável grossura, um restinho do jeito

das paredes de taipa.

Estes contatos da técnica de pau-a-pique com a experiência erudita ibérica, criaram naquela, o teor de mestiçagem com que hoje se apresenta.

O ambiente onde se processa essa mestiçagem é a cidade, o engenho, a fazenda, a aldeia. Porque muito senhor rural teve que apelar ~~para~~ ^{por} conhecimentos técnicos do escravo, quando veio a decadência econômica, impossibilitando o luxo de pagar especialistas. Nas cidades, sobretudo nas cidades da zona rural, muito fazendeiro teve a casa construída exclusivamente pelo escravo, que então funcionaria apenas com o lastro da experiência tradicional. Às vezes essas residências usavam até o madeirame arrancado de antigas casas-grandes de taipa, como uma que encontrei em S. Roque, Estado de S. Paulo. Nas cidades grandes, verdadeiramente cidades, aí é que os campos de aplicação das diversas técnicas devem ter se distanciado bastante, conservando cada uma de seu lado, coisa da própria experiência e evitando mistura.

Nas aldeias jesuíticas, que afinal não foram exclusivamente ajuntamentos de índios, sob a direção de um branco, mas verdadeiramente um sector de larga mestiçagem, ~~estas~~ constituem uma zona para verificação desse fato. Nas aldeias dos arredores de S. Paulo, principalmente em Carapicuíba, pude encontrar material suficiente para sugerir algumas soluções construtivas, que me parecem tipicamente mestiças.

Si atualmente a técnica de pau-a-pique se apresenta, em geral, bastante mestiçada, antes do contato que manteve, por longo tempo, com a arquitetura erudita, da qual tirou elementos para mestiçar-se, certamente se apresentaria com caracteres diversos dos atuais. De certo uma pesquisa mais vasta poderá mesmo ajuntar material para um possível estudo das contribuições de diversas procedências, de dados e soluções que se apresentam hoje como patrimônio das populações pobres mestiças do Brasil. Porque a técnica de pau-a-pique seguramente não foi uma contribuição particularmente indígena autóctone, sino um processo talvez universal de construção. Pelo menos também europeu e africano.

Que não foi invenção exclusivamente indígena prova aquela tela de ~~Gerolamo~~ ^{Jerônimo} Bosch - Adoração dos reis magos - onde se verifica claramente que a parede de estrutura de galhos entrançados recoberta de argila, era uma solução arquitetônica conhecida na Europa no fim do século XV ~~1500~~.

Na África é uma solução corrente. O prof. Abel Hovelacque, estudando a habitação do negro da Senegambia, Guiné, Sudão e Alto-Nilo, indica a parede da casa típica como "faite en branchage, en pieu, en bêtons entrelacés, généralement recouverts d'une couche de terre argileuse" (17-21). O viajante Labat encontrou na mesma região africanas o tipo de casa cuja parede surge com ossatura de galhos, onde os negros "appliquent dedans et dehors une couche de terre grasse bien battue" (73-211). Muron d'Arcenent e Sandorval indicam igualmente a parede da casa africana como "formé de pieux et de branches recouverts de terre argileuse" (34-212), em habitação ainda circular ou cilíndrica, com tecto cônico de palha. Precisamente como surgem em fotos recentes de casa indígena da Somália italiana (24-49) e da Etiópia (30-38). Também na África teria havido mestiçagem nesta técnica de construção, quer na fatura da parede, quer também no plano de re-

99

sidência, tornando-o retangular, de circular que era. É pelo menos o que sugere o mesmo citado prof. Abel Hovelacque, quando põe reparo que, na habitação do negro mandinga, já "parfois carrée et distribuée en plusieurs pièces" haja uma influencia estranha (37-211). No Camerum tambem surge a construção retangular, coberta de palha, e com paredes de pau-a-pique (38-62). Aliás, os detalhes de fatura das habitações africanas, ainda circulares ou cilíndricas, diferem bastante daqueles que se encontram normalmente na casa de pau-a-pique brasileira. É o que se pode concluir vendo os fotos citados. Na casa etiópica ~~///~~, os espaços entre os elementos verticais da estrutura são quasi nulos, e as varas horizontais parecem funcionar apenas como elementos de ligação, este ultimo característico tambem aparente na casa da Somália italiana ~~///~~. Esta aproximação acentuada dos elementos verticais seria, tecnicamente, um compromisso com a forma circular ou cilíndrica do edificio. Com a adopção do plano retangular, desapareceria automaticamente este compromisso.

Na Europa, especialmente na Europa meridional, proxima e influenciada pela Africa, tambem se encontram exemplos de uso de paredes de pau-a-pique. Na Italia, pude verificar isso através de uma foto de casa meio encostada na rocha, em cujo balcão se nota o entrançado de paus, formando a estrutura da parede (24-104). Sugerindo que aquele pintor do século XV - Jeronimo Bosch - não teria fixado o detalhe notavel no seu quadro, indo buscá-lo fóra da Europa^(*). Na península ibérica, se constata tambem a presença desta técnica de construção das paredes, pelo menos das divisões internas das casas de taipa.

Talvez uma pesquisa mais vasta pudesse clarear o que apenas se pode supor assim de longe: que a presença de paredes de pau-a-pique em regiões da Europa meridional não passe de influencia africana. Por ora, me limito aqui a reunir as indicações indispensaveis para mostrar que não se trata de coisa exclusivamente indigena autoctone.

*) Jeronimo Bosch ou Gerônimo de Aeken foi um pintor muito popular na Europa latina, no fim do sec. XV, sobretudo por causa das suas espantosas pinturas sobre o Inferno e as tentações de Santo Antonio. Era originario dos países baixos, e por demais realista. Numa das suas telas pintou a fuga do Egito, colocando os personagens sacros no meio de uma quenesse. O quadro Adoração dos Reis Magos está atualmente no Museu do Prado em Madrid. As figuras são tratadas numa paisagem oriental com um fundo de cidade. NO primeiro plano, surge a casa coberta com peles e com paredes de pau-a-pique. Ha até um detalhe mostrando o barro caído e a estrutura livre.

Aliás outras razões além da indicada, me levam a acreditar na não exclusividade da influência indígena no uso de pau-a-pique no Brasil. Me refiro ao fato de hoje se encontrar essa técnica tão espalhada por todas as regiões brasileiras, quando, si fosse apenas uma contribuição indígena, estaria circunscrita às zonas de influência direta ou indireta das tribus que possivelmente praticassem esse uso, no tempo da descoberta. Então, certamente, não seria como é, um tipo de construção generalizado e completo. Porque, em quasi todas as tribus, o que o colonizador veio encontrar foi a casa de palha. Precária. Causi um abrigo. Algumas durando apenas poucos meses (40-249). De 17 tribus que A. Métreux menciona no seu trabalho sobre a civilização material das tribus tupi-guaraní, 6 apresentariam o uso do pau-a-pique, como técnica tradicional de construção: guaraní, caingua, chiriguano, guaraní, chipaya e mundukurú. E, relativamente à habitação dos cainguas, Métreux acha que primitivamente apresentaria parede e teto indistintos, e que somente o contato com os brancos introduziu, entre eles, o uso de construção na qual esses elementos surgem independentes. Provavelmente também introduzindo então o uso de pau-a-pique, pois o frei Luiz de Cemitille indica, para esta tribu, uma maloca coletiva sem divisões internas, citando apenas a cobertura de palha, sem dar um pio quanto às paredes (78-89). Tribus em cuja habitação teto e paredes constituem elementos indistintos contam-se: os tapirapés, os jurumas, os chipaya e os cumaxas do baixo Xingú. Paulmier de Gouneville anotou apenas paredes de ervas e folhas (29-173). Fernão Cardia vem encontrar casas construídas com madeira e palha (12-169) Vaas de Caminha, Nobrega, Gandavo e Jean de Lery, idem (30-126). No litoral do Rio Grande do Sul Soares de Souza anota a tapagem das paredes feita com cascas de arvore (64-116), o que Knivet encontra entre os tamójos, do Rio de Janeiro (39-250) e Barbosa Rodrigues entre os tambés, do Maranhão (54-46). Algumas tribus, o padre Cristovam da Gouvêa foi encontrar sem "povoação, nem casas" (31-245), outras como os aimorés, apenas "dormindo na terra" (31-241). E ha também aquela velha historia ainda não tirada a limpo de indios vivendo "em covas pelo campo" (61-117), em "casas como casvas debaixo do chão". Não só os tamójos, obacoatiaras, caixaras e guaranaguás (12-111), mas tambem pertinho de S. Paulo, em lugar onde mais tarde se localizaria a aldeia de Escada (76-213)

-Para esclarecer este caso não se deve esquecer a existencia, entre os indios brasileiros, de lendas como aquela que o texreno Naliki contou a Herbert Baldus: - "Eu indio saí da terra. Vanone (os Vanone eram uma tribu grande de gente pequena e como bicho) teve dó de mim. Quando nasci, não achei nada. Agora saí da terra e arrumei depois aqui a minha casa. Então chegaram os vizinhos á minha terra. Eu indio nasci. Hoje tem aqui estes vizinhos. Eu sou daqui, nesta terra está minha casa". Demais esses mesmos texrenos se apilidavam poké-poké, o que significa terra, segundo a indicação colhida pelo mesmo pesquisador (11 - 228, 229)

Mesmo nos lugares onde o europeu vem encontrar o uso da técnica de pau-a-pique (taipa de mão), encontra também casas com paredes de palha (8-13). Talvez em maior número. Constituído possivelmente uma técnica primitiva. Si é que não fosse já o produto de uma influência estranha, como sugere uma pontinha de dúvida levantada por A. Métreux quando comenta que "il n'est pas toujours ais  de d cider si un tel rev tement est d'origine indig ne ou non" (47-55). Ser m, as razões que indico, as mesmas que levaram A. Métreux a fugir da afirma o definitiva?

Si em contrário a este uso limitado da técnica de pau-a-pique, entre os indios, no tempo da conquista, a gente pode encontr la atualmente alastrada por todas as regiões brasileiras,   porque seguramente outras causas, além da influencia indig na, intervieram na sua divulga o. Causas tais como a presença do português e do negro, sobretudo a presença do mestiço, que não a alastraria quando já realizada, com a influencia da arquitetura portuguesa, em certos detalhes de estrutura e plano, e do negro e do indio na soluço da fatura da parede e talvez mesmo da orienta o da habita o. Quando, portanto, esta técnica já tivesse sido coada por um longo processo de mestiçagem e adapta o e com uma porão de dados e solu es novas incorporadas ao sistema ou sistemas primitivos.

Dificilmente também se pode imaginar os portugueses introduzindo, sozinhos, o uso de técnica de pau-a-pique na constru o das paredes das casas. Principalmente das paredes externas predominantes da estrutura. Porque, para as divisões internas, já apontei esse costume como de uso corrente na peninsula ibérica.

Na começo da coloniza o os portugueses viviam em casas de taipa, terreas e cobertas com palha, diz Gardavo (36-42).   verdade que em especialissimas condi es teriam eles feito levantar uma ou outra edifica o "acomodada   ocasião do tempo", em técnica de taipa de mão (82-176). Coisa insuficiente entretanto, para explicar o atual alastramento do pau-a-pique na habita o popular brasileira. Aquelas "cabanas espaçosas e bem construidas.... de madeira e barro, e cobertas de folhas de palmeira ou bamb s, como as dos portugueses" (102) que um viajante foi encontrar entre os coroados e corop s, parecem mais sugerir o uso de taipa do que propriamente de pau-a-pique. Porque, afinal, a parede de taipa não passa também de uma combina o de madeira e barro (X).

Nas aldeias jesuíticas a influencia arquitet nica ibérica teria-se restringido a quanto participa da técnica da taipa. E eles a impuseram, a-prioristicamente, pois, ainda não tinham nenhuma experiencia das condi es locais

(X) - Se deve mesmo acentuar que os cronistas, que anotam indica es sobre a arquitetura indig na são muito menos explicitos do que os viajantes da Africa. Enquanto se encontra, naquelas, apontamentos mais ou menos vagos, como por exemplo taipa de mão, os informes que temos sobre a arquitetura africana são mais explicitos, chegando mesmo às vezes a descrever detalhes minimos.

Só mais tarde é que as condições de colonização foram introduzindo maior liberdade e mais possibilidades de acomodação nos núcleos jesuíticoss do Brasil. Quando, portanto, já o elemento negro passa a ser usado, não só como instrumento de trabalho, mas também como fator de mestiçagem, que teria a função de aumentar a capacidade da produção do índio e o número de habitantes das aldeias. O cuidado que tiveram os padres da Companhia de preservar o índio de contato com estrangeiros, foi em relação aos brancos. Quanto ao negro, até promoveram o mestiçagem. Este fato de misturar negros com índios é uma razão que, aos olhos de Machado de Oliveira, justifica a riqueza da aldeia de Guarulhos, onde "houve o bom senso de amalgamar a raça indígena..... com a africana, cuja introdução em S. Paulo ia progredindo; derivando-se dessa mistura "o curiboca (51-229). Aliás, já no primeiro sec. não devia ser pequeno o número de negros no Brasil. O padre Cristovam da Gouvêa, cuja viagem é quinhentista, vai encontrar um padre que era "língua" dos escravos da Guiné (31-319). Dester, só num engenho, encontrou nada menos de 200 (31-319). E certamente aquele padre não seria "língua" de negros só pelo prazer de ensinar-lhes a palavra de Deus, sinão para utilizá-los no trabalho das fazendas, que apelidavam de aldeias. E ali mesmo, em Carapicuíba, com Afonso Sarinha parece que houve negros, pois, o padre Manuel da Fonseca indica, numa passagem do seu livro sobre Belchior de Pontes, que este potentado paulista legou aos jesuítas a fazenda, índios trazidos do sertão em mais "alguns escravos, que no mesmo local o serviço" (23-12). De certo que não seriam índios ~~indígenas~~ esses cativos, pois era da técnica jesuítica "Libertar" os índios cativos. É verdade que muitos negros fugiam para o sertão, indo formar raça mestiça com os indígenas, como informa M. Alcide d'Orbigny, ^{na} zona das florestas de Santa Ana das Areias (50-169). Mas, isso não tem importância, porque muitos ficariam por ali mesmo, nas aldeias e fazendas jesuíticas, se mestiçando e trabalhando.

Portanto, o material humano que usou a técnica de pau-a-pique, desde o primeiro século, não seria apenas formado de portugueses e índios, mas também de negros. De negros que, como já indiquei, conheciam o uso do pau-a-pique, na fatura das suas habitações.

Em presença dos diversos fatores que venho procurando indicar desde o início, as formas arquitetônicas primitivas do negro e do índio sofreram uma série de transformações, adotando muitos detalhes e soluções existentes na arquitetura ibérica erudita, com a qual estiveram em contato. Em Carapicuíba, tal como se encontra essa aldeia atualmente, se pode exemplificar esse fato em varias partes das construções.

O movimento do piso da habitação, constatável, na maioria dos edifícios de técnica popular, só pode ser aí uma influencia ibérica. Não só diretamente, pois é certo que o primitivo tem a sua habitação construída ou em plataforma ou em elevação sobre pilotis, sempre entretanto num nível só, em principio, mas também como influencia remota da localização da aldeia numa esplanada, que se movimenta para além das fachadas das casas. ^{na direção da casa} As causas da adoção desta solução ~~eram as mesmas que levaram os~~ ~~reconstrutores da aldeia a adotar~~ ~~uma técnica popular, em substituição à erudita. Esta detalhe assim solu-~~ ~~cionado, se incorporou de tal maneira à técnica popular de pau-a-pique,~~ ~~na~~ ~~parecem~~ ~~ser~~ ~~aqueles~~ ~~que~~ ~~levaram~~ ~~os~~ ~~reconstrutores~~ ~~da~~ ~~aldeia~~ ~~a~~ ~~adotar~~ ~~uma~~ ~~técnica~~ ~~popular,~~ ~~em~~ ~~substituição~~ ~~à~~ ~~erudita.~~ ~~Este~~ ~~detalhe~~ ~~assim~~ ~~solu-~~ ~~cionado,~~ ~~se~~ ~~incorporou~~ ~~de~~ ~~tal~~ ~~maneira~~ ~~à~~ ~~técnica~~ ~~popular~~ ~~de~~ ~~pau-a-pique,~~

que é facilmente encontrável nos núcleos posteriores, que estiveram em contato com as aldeias. Em diversas cidades dos arredores de S. Paulo, pude encontrar o mesmo ^{processo} ~~processo~~, condicionado às mesmas causas imediatas de desnível do terreno.

Aliás, este mesmo fato de se construir em terreno desnivelado importou também numa outra solução, esta já na armadura do telhado. A presença de uma tesoura deformada, certamente esteve condicionada ao prolongamento da água posterior da habitação. Este prolongamento também é uma solução que foi definitivamente incorporada à técnica de pau-a-pique. Juntamente com a solução que utiliza a peça bracinho, anotei a sua presença em diversas vilas e cidades dos arredores de S. Paulo e, mesmo ali em Carapicuíba, isso é constatável em construção relativamente recente, na qual não é absolutamente necessária essa forma. A sua aplicação estaria explicada então, apenas por razões de ordem tradicional.

O baldrame também é uma peça cuja presença na técnica de pau-a-pique, me parece ser uma influência da arquitetura ibérica. É verdade que peça com igual funcionamento se encontra em habitação elevada sobre pilotis, porém, neste caso regional do arredores de S. Paulo, onde nenhum cronista anotou a presença de casas sobre pilotis, só se pode compreender o fato como influência da experiência ibérica erudita incorporada à técnica popular. Também é certo que solução erudita, utilizando baldrame, não houve em Carapicuíba e então este detalhe seria inteiramente esporádico aí. Devo confessar que ainda não compreendi as razões dele surgir na aldeia em questão.

Me parece que uma das influências mais importantes da arquitetura erudita na formação da técnica de pau-a-pique foi a instituição do plano retangular. Não apenas como estrutura geral, mas sobretudo como presença das divisões internas. Na habitação indígena o comum, sistemático mesmo, era a habitação ~~peça~~, sem divisões internas. Na negra também. E a adoção deste detalhe está tão intimamente ligada a fatores de importância social, como o tipo de organização familiar em moldes bastante influenciados pelo modelo europeu, que a incorporação do plano, solucionado com influência direta e indireta da cultura ibérica, se alastrou definitivamente, de tal maneira, a determinar o desaparecimento de qualquer forma circular ou cilíndrica. Estas, entretanto, com toda a certeza foram conhecidas e utilizadas às vezes até com exclusividade, por algumas tribus isentas de contágio europeu.

A instituição do plano retangular com divisões internas, procedente da arquitetura ibérica erudita, implicar numa série de compromissos que podem ser focalizados claramente no caso das janelas e portas. A disposição destas e sobretudo o uso de "batentes", que são verdadeiros sistemas eruditos, tirados, quasi ínteiros da experiência ibérica, ficaram tão incorporados à arquitetura popular, que podem ser encontrados nas formas mais regionais e rebeldes a acomodações. São traços que já se tornaram característicos da habitação mestiça brasileira. Às vezes mesmo, encontráveis em técnica mais primitiva, onde as paredes não têm revestimento de terra, mas sim de palha ou folhas.

Outra solução, evidentemente derivada da arquitetura ibérica, é que dá respeito à orientação da residência. Em certos lugares, onde

104

a técnica indígena ou africana permaneceu meio afastada e resistente à influência portuguesa, a orientação da habitação conservou-se bastante primitiva, fazendo-se as portas e, em geral, a entrada da residência na fachada perpendicular às duas águas. Como nos grandes centros intensamente urbanizados, nos quais a população negra conservou-se meio afastada e arredida do ^{núcleo} europeu. Nos bairros de mucambos do Recife se constata isso com bastante clareza (26). Nas povoações de pescadores, afastadas dos centros urbanos e de influência européia, também se encontra o mesmo característico na habitação. Na região de S. Paulo, porém, onde as formas populares, tanto de arquitetura, como de organização de família e sociedade, foram bastante influenciadas pelo jesuíta e pelo colono, a orientação predominante é aquela que faz a fachada principal situar-se no mesmo sentido do caimento das águas do telhado. Ainda que na habitação popular não se verifique intensamente a presença do beiral horizontal (coisa que no entanto se encontra em Carapicuíba, mesmo nas construções relativamente recentes), a orientação influenciada pela arquitetura erudita portuguesa permaneceu de uma maneira bastante intensa, passando até a constituir, na região de S. Paulo, um elemento permanente e geral.

Como menor clareza e também com menor intensidade, se verifica uma influência da arquitetura erudita na revestimento da habitação popular de pau-a-pique. Sobretudo naqueles detalhes e peças intimamente ligados às portas e janelas, nas quais ^{se} conservou o costume de deixar os batentes um pouco saídos das paredes, aparecendo geralmente pintados de azul.

Em ^{um} ~~uma~~ ^{casas}, si alguns detalhes eruditos incorporados à arquitetura popular de Carapicuíba são encontráveis só aí ou em zonas intensamente influenciadas pelas aldeias, outros se alastraram tanto, na região paulista, que hoje surgem como coisa francamente generalizada, como no exemplo daquela casa de Carapicuíba, construída há não muitos anos, em lugar certamente determinado pela técnica tradicional da arquitetura do aldeamento, porém, já demonstrando uma independência completa na sua fatura geral (casas X e XI)

.

CONCLUSÕES

Todo o interesse existente no estudo da arquitetura tradicional de Carapicuíba reside no fato de serem nela encontráveis, bem visíveis, os fenômenos que presidiram a sua formação e desenvolvimento. As outras aldeias dos arredores de S. Paulo, mercê das profundas transformações sofridas na vida social e na arquitetura, já não apresentam os dados indispensáveis para a caracterização dos aspectos de interesse tradicional. Em Carapicuíba, tese e programa arquitetônicos, apesar das ligeiras deformações sofridas, são ainda visíveis a olho nú. O estudo e especificação dos fenômenos que incidiram na estrutura da aldeia, e das transformações que eles determinaram na arquitetura, permite que se levante uma hipótese muito provável de como se teria mestiçada a habitação tradicional do caipira paulista, se distinguindo daí a procedência dos diversos detalhes que a frequentam.

É evidente que nenhuma afirmação poderá ser levada em conta de definitiva, pois ainda resta estudar o mesmo fenômeno de mestiçamento nas fazendas e pequenas cidades; é possível, porém, no caso particular de Carapicuíba, se tentar uma caracterização dos elementos de procedência ibérica (jesuíta ou colona) e primitiva (afro-negra e ameríndia).

A influência ibérica, particularmente jesuítica, se deve à estrutura essencial da povoação, fortemente limitada a forma retangular, elemento esse que se retrata com bastante clareza na psicologia dos actuais moradores da antiga redução. Além das soluções ibéricas e primitivas, se distinguem em Carapicuíba algumas formas de arquitetura já mestiça.

Soluções ibéricas de importação jesuítica.

TESE-A solução que os jesuitas deram à tese "aldeia" permaneceu integralmente em Carapicuíba: localização em posição de carácter estratégico guerreiro e colonizador. A inclusão desta aldeia num círculo de núcleos que avançavam sobre o sertão, a topografia do assento e circunvizinhanças, são características que permanecem inalterados.

PROGRAMA-O programa desenvolvido na aldeia não correspondeu totalmente, é verdade, à evolução social do núcleo. Se a parte essencial permaneceu intata, com o plano retangular, vários detalhes se acomodaram às influências de fenômenos democráticos, étnicos, econômicos. Ficou, contudo, o retângulo, a

seriação das habitações, a forte influência da estrutura primeira das residências.

DETALHES TÉCNICOS:

a) A seriação dos pisos das casas em diferentes níveis, é de influência ibérica, não só por ser consequência da colocação da aldeia em plataforma de bordos em rampa, como também a solução mais comum tradicional até entre primitivos, coloca a habitação, em princípio, num único nível, quer em plataforma de aterro, quer sobre esteios. Neste caso, pode-se mesmo afirmar que a movimentação dos pisos é uma imposição especificamente de jesuíta, pois o colono adoptou, no Brasil, um ou outro dos dois processos acima indicados como também primitivos.

b) A forma do telhado, e mesmo certos detalhes da sua armadura, são de procedência ibérica e importação jesuítica. Condicionada à seriação geminada de residências, a solução que faz o acesso da habitação ficar no lado caimento de uma das águas do telhado, se propagou fortemente e frequentemente com quase exclusividade a habitação tradicional do caipira paulista. Na arquitetura primitiva, a entrada da residência se faz, tradicionalmente, pelo lado onde as duas águas da cobertura se encontram. Em regiões brasileiras onde a influência jesuítica não foi tão forte como em S. Paulo, a solução procedente da arquitetura primitiva é predominante. Exemplos: mucambos urbanos de algumas capitais nordestinas, arquitetura rural mais primitiva do nordeste.

c) O conjunto e a divisão interna da habitação revelam, sobretudo nas casas mais antigas da aldeia, um plano que foi certamente imposto pelo jesuíta. A opção de tal plano nas habitações cuja técnica de fatura (pau-a-pique) se explica melhormente aceitando uma influência primitiva (afronegra e ameríndia), esteve condicionada à superposição havida quando se reconstruiu a aldeia (1736) sobre ^{as} ruínas da antiga redução do primeiro século. O processo de divisão interna encontrado em Carapicuíba não é especificamente de jesuíta, pois frequente a habitação popular mestiça do Brasil em qualquer região, mesmo naquelas onde não houve, diretamente, influência jesuítica.

d) As portas e janelas são também soluções impostas pela técnica ibérica. Isso é visível não só por estarem estes elementos condicionados ao processo de divisão interna da habitação, como também porque as portadas até hoje encontráveis na aldeia, constituem verdadeiros sistemas retirados integralmente da experiência ibérica.

e) O revestimento das paredes, a sua pintura com barra colorida, revelam uma tradição ibérica.

f) No mobiliário da habitação de Carapicuíba se encontram muitas peças de procedência exclusivamente ibérica: catre de toldo, catre simples, sofás, etc.

Soluções de procedência primitiva (afronegra e ameríndia)

Nem sempre foi possível com precisão determinar de um detalhe indiscutivelmente resíduo de cultura material primitiva, si procede da arquitetura ameríndia ou da afronegra. Certamente muitos dos indicados aqui eram comuns a ambas as culturas. Alguns talvez sejam mesmo universais. Em todo caso, numa situação de dúvida, penso que não se deve esquecer que os afronegros presentes na vida das aldeias paulistas, tiveram um comportamento tal, relativamente às possibilidades de influência, que podem ser muitas vezes considerados ressuscitadores de traços primitivos comuns também aos ameríndios. Certo comentador da vida das aldeias paulistas chegou mesmo a considerar os negros como fator decisivo na vida de uma delas.

Detalhes técnicos primitivos caracterizáveis em Carapicuíba:

a) Técnica de pau-a-pique na estrutura das habitações. Não resta dúvida que esta técnica era conhecida na Europa mesmo antes da descoberta da América. A sua enorme generalização pela África negra parece indicar a sua existência multiseccular entre os negros. Parece ser um processo universal. O seu uso nas aldeias jesuíticas de S. Paulo e, particularmente, na de Carapicuíba, com certeza só se verificou depois que o programa dos núcleos iniciais sofreu modificações. Se não se pode afirmar, em definitivo, que a sua aplicação se deve exclusivamente à influência afronegra, a participação fortíssima da cultura material afronegra não pode ser negada aí. Porque então o uso, hoje nacional, desta técnica não seria satisfatoriamente explicado. É, pelo menos, também de influência afronegra.

b) O mutirão de barrar as habitações é outro traço de cultura material primitiva que dificilmente se poderá especificar si afronegro ou ameríndio. É comum a ~~ambas~~ estas duas culturas. Da mesma forma que a técnica do pau-a-pique (pois está ligado a ela) este uso contém fortíssima tradição afronegra.

c) O revestimento do piso das habitações utilizando sangue de animais. Na África é costume ligado também a cerimônias religiosas. Me parece ser resíduo dessas cerimônias afronegras. Foi adoptado também pelo ibérico.

d) A pintura das habitações com tabatinga e água. Aceita para a cultura a-

meríndia, o uso do pau-a-pique, facilmente se poderá aceitar esta técnica de pintar como auctótone. É certo, contudo, ser tradição também afronegra, e o seu uso indica influência desta.

e) A cama e outras peças domésticas que utilizam a estiva. A nomeação portuguesa da peça inteira por um detalhe da sua fatura indica que o ibérico de lá conhecia o uso da estiva em peças como as que se encontram em Carapicuíba. A descrição que alguns cronistas fazem das camas afronegras coincide perfeitamente com as da aldeia. Como não encontrei referência igual para nações ameríndias, imagino ser, este detalhe, de exclusiva procedência afronegra. É verdade que nos fogões, por exemplo, já se encontraria uma forma mestiça. Mas a cama de estiva, tradicional em Carapicuíba, me parece adopção afronegra exclusivamente.

f) Certas peças de cosinna, cabaças, gamelas, pilões, etc, parecem ser traços comuns ao afronegro e ao ameríndio.

g) O comportamento da população primitiva das aldeias (afronegros e ameríndios) diante da pressão cultural jesuítica, teve consequências que influíram diretamente na arquitetura, não só no tratamento posteriormente dado ao programa arquitetónico jesuítico (abandono de compartimentos da habitação, predominância dada a outros, etc.) mas sobretudo agindo de maneira a manter praticamente uma tradição conservadora que resguardou o plano retangular de possíveis deformações.

Soluções arquitetónicas mestiças:

Certas habitações de Carapicuíba já apresentam uma técnica completamente mestiça. É, entretanto, na habitação comum do caipira paulista desta região que se poderá caracterizar, com mais precisão, as formas mestiçadas de arquitetura. O conjunto é mestiço, mas nas suas partes se encontram elementos caracterizáveis como sendo de procedência ibérica ou primitiva. Os detalhes tipicamente mestiços como solução arquitetónica são aqueles determinados pela combinação de diversos elementos, utilização especial de certas peças, etc.

Assim, teríamos como caracteristicamente mestiços os seguintes detalhes:

- a) Divisão da habitação e utilização especializada de cada compartimento.
- b) Técnica do pau-a-pique combinada com soluções de procedência ibérica.
- c) Detalhe da armadura do telhado que utiliza a peça bracinho. E o sistema

tesoura deformado. He parece imediatamente ligado à influência jesuítica, pois só o encontrei em zonas influenciadas pelos padres da Companhia. d) fogoes de estiva.

FIM.

BIBLIOGRAFIA.

- 1-Almanak da Provincia de Sao Paulo-1873. Luã
Organizado por A.J.B.de Lerree e P.D.da Fonseca.S.Paulo-1
- 2-Anchieta(Joseph)-in Os Jesuitas na Villa de S.Paulo-Padre S.Leite.
Revista do Arquivo Municipal-vol.XXI-1936-S.Paulo.
- 3-Almeida Prado(J.F.de)Primeiros Povoadores do Brasil(1500-1530)
B.Brasiliãna-Serie V.Vol.XXVII.Cia Editora Nacional.S.Pau
lo-1935.
- 4-Arçenant(Muron d')in Les Règres de l'Afrique sus-equatoriale de Abel Ho-
velacque-Paris-1889.
- 5-Almeida(Dr.Fracisco J.de L)e Memoria a respeito dos rios Baures,Branco,
da Conceiçao,de S.Joaquim,Itonamas e Mapuxo e das trez mis-
soes da Magdalena,da Conceiçao e de S.Joaquim.
Revista do Inst.Hist.e Geog.Brasileiro-Tomo 12-1849-Rio de
Janeiro.
- 6-Archivos do Distrito Federal-XXXXIX
Rio de Janeiro-1911.
- 7-Apontamentos Historicos da Provincia de Sao Paulo-
Sao Paulo-1876.
- 8-Actas da Camara de S.Paulo.
Publicaçao do Departamento de Cultura de S.Paulo.
- 9-Arquivo da Curia Metropolitana de S.Paulo.
- 10-Almeida(Joao Mendes de)Dicionario Geog.da Provincia de S.Paulo.
S.Paulo-1902.
- 11-Baldus(Herbert)M. Successao Hereditaria dos Chefes de Tribu dos Indios
Terenos.
Revista do Arquivo Municipal-XXXXIX vol.XVII.
- 12-Cardim(Fernao)Tratados da terra e da gente do Brasil.
Rio de Janeiro-1925.
- 13-Cartas de Datas de Terra(1555-1600)
Publicaçao do Departamento de Cultura-S.Paulo.
- 14-Carta de Conta do Estado das Aldeas em S.Paulo.
Rev.do Inst.Hist.e Geog.Brasileiro.Tomo 5-1849-Rio de Janei-
ro.
- 15-Colletanea de Mappas da Cartographia Paulista Antiga-19vol.
S.Paulo-1922.
- 16-Cerqueira-Benguella e seu sertao.
Sem indicaçao.
- 17-Camargo(padre Paulo S. Notas para a historia de Parnahyba.
S.Paulo-1935.
- 18-Demangeon(A.) e A.Weler-Les maisons des Hommes de la hutte au gratte-
ciel.
Paris-1937.
- 19-Documentos Interessantes para a historia de S.Paulo.
Publicaçao do Departamento de Cultura de S.Paulo.
- 20-Delafosse(Maurice)Civilisations Nègre-airicane.
Paris-1925.

- 21-Evreux (padre Yves d')-Viagem ao Norte do Brasil.
Sem indicação.
- 22-Espanha Incognita.
Sem indicação.
- 23-Fonseca (padre Manuel da)-Vida do Veneravel padre Belchior de Pontes
da Cia. de Jesus.
- 24-Ferrari (G. -L'Architettura rusticana nella arte italiana.
Col. Hoepli.
- 25-Freyre (Gilberto)-Sobrados e Mocambos.
S. Paulo-1936.
- 26-Freyre (Gilberto)-Mocambos do Nordeste.
Publicação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico
Nacional-Ministerio da Educação.
- 27-Fernandes (padre Antonio C. Missionarios Jesuitas no Brasil do tempo
de Pombal.
Porto Alegre-1936.
- 28-Frazer (J. J.)-Fameaux d'or.
Paris-1923.
- 29-Gonneville (Paulmier de)-in Primeiros Povoadores do Brasil
S. Paulo-1935.
- 30-Gandavo (Pero de M.)-Tratado da Terra do Brasil, etc.
~~Rxxxxxxkxkxkx~~Revista do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro. Tomo 72
~~Rxxxxk~~Rio de Janeiro-1910.
- 31-Gouvea (padre Christocam da)-in Tratado da terra e da gente do Brasil
Rio de Janeiro-1925.
- 32-Gill (Mrs. Richard C. Mrs. Robison Crusoe in Equator-in National Geogra-
phic Magazine. 1934. U.S.A.
- 33-Grá (padre Luiz da)-in Jesuitas na Villa de Sao Paulo-Padre S. Leite.
Revista do Arquivo Municipal-vol. XXI. Sao Paulo.
- 34-Hovelacque (prof.)-Les Negres de l'Afrique sus.equatoriale.
Paris-1889.
- 35-Hollanda (Sergio Buarque de)-Raizes do Brasil-
Rio de Janeiro-1936.
- 36-Jaboatam (Frei A. de Santa Maria)-Novo Orbe Serafico etc.
Revista do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro. Tomos I e II
Rio de Janeiro-1958. Tomos III, IV e V-1859 e 1862.
- 37-Junot (Henri A.)-Poems et coutumes des bantous-
Paris-1936.
- 38-Kreus (prof. Norbert)-Geografia Humana.
Barcelona-1926.
- 39-Knivet (Anthony)-The admirable adventures etc.-In Metraux. La civilisation
materielle des tribus tupi-guarani.
Paris-1928.
- 40-Lery (Jean de)-Le voyage aux Bresil.
Paris-1927.
- 41-Lery (Jean de)-Historia de uma viagem ao Brasil.
S. Paulo-1926.
- 42-Leite (padre Serafim)-Os Jesuitas na Villa de S. Paulo.
Revista do Arquivo Municipal do Departamento de Cultura de S. Paulo

- 43-Labat-in Les Negres de l'Afrique sus-equatoriale, Abel Novelacque.
Paris-1889.
- 44-Marques (Manuel Eufrazio de Azevedo) Apontamentos hist., geog. biol. est. e
noticioso da Provincia de S. Paulo.
S. Paulo-1879.
- 45-Madre de Deus (Frei Gaspar da)-Memorias para a historia da Cap. de S. Vi-
cente.
sem indicaçao.
- 46-Martius (Drs. Epix e von)-Reise in Brasilien.
sem indicaçao.
- 47-Metreux (A.) La civilisations materielle des tribus tupi-guarani.
Paris-1928.
- 48-Nobrega (Padre Manuel da)-in Os Jesuitas na Villa de Sao Paulo-padre S.
Leite.
Revista do Arquivo Municipal-vol. XXI. Sao Paulo
- 49-Nardy Filho-A Cidade de Ytu.
S. Paulo-1928.
- 50-Orbigny (A. Alcide d') Voyage Pittoresque dans les deux Ameriques.
Paris-1803XXVI.
- 51-Cliveira (coronel J. Joaquim Machado de)-Noticia Raciocinada sobre as
aldeas de indios da provincia de S. Paulo, desde o seu começo ate
a actualidade.
~~Revista do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro. Tomo VIII.~~
Revista do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro. Tomo VIII.
Rio de Janeiro-1846.
- 52-Pereira (Baptista)-A Cidade de Anchieta.
Revista do Arquivo Municipal. vol. XXIII. S. Paulo.
- 53-Pedon (J. Arouche de Toledo).
Revista do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro. Tomo ?
Rio de Janeiro-1842.
- 54-Rodrigues (J. Barbosa)-Relatorio sobre o rio Capim.
Rio de Janeiro-1875.
- 55-Ribeiro (Major Francisco de Paula)-Descripçao do terrotorio dos Pastos
Bons dos Sertoes do Maranhao.
Revista do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro. Tomo V da segunda serie.
- 56-Sainville (Cesar de)-Vinhola Brasileiro.
Rio de Janeiro-1880.
- 57-Registro Ceral da Camara Municipal de S. Paulo.
Publicaçao do Departamento de Cultura de S. Paulo.
- 58-Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo. vol. XVII.
- 59-Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo. Vol. XVI.
- 60-Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo. Vol. VII.
- 61-Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo. vol. XIX.
- 62-Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo. vol. II.
- 63-Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo. vol. IX.
- 64-Coares (Gabriel)-Tratado Descriptivo do Brasil.
S. Paulo-1938.
- 65-Campaio (Theodoro)-Mapa Guayana da Cap. de S. Vicente.
Revista do Museu Paulista. Numero VIII

112

- 66-Sandorval-in Les Negres de l'Afrique sus-equatoriale.
Paris, 1889.
- 67-Silva (Ignacio Joaquim Norberto de Souza e)-Memoria historica e Documentada das aldeas de indios da Provincia do Rio de Janeiro.
Rio de Janeiro-1855.
- 68-Silva (Ignacio Accioli de Cerqueira e)-Corografia Paraense.
Bahia-1833.
- 69-Salvador (Frei Vicente do)-Historia do Brasil.
Rio de Janeiro, 1889.
- 70-Silva (Ignacio Accioli de Cerqueira e)-Dissertacao Historica, Ethnographia e Politica sobre as tribus aborigenes.
Revista do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro. Tomo V da segunda serie
- 71-Saint-Hilaire (Augusto de)-Segunda viagem ao interior do Brasil.
S. Paulo.
- 72-Saia (Luis)-Um detalhe de arquitetura popular.
Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo. vol. III.
- 73-Schmidl (Ulrich) Histoire Veritable etc. in
Revista do Inst. Hist. e Geog. de S. Paulo. vol. IX.
- 74-Taunay (A. de T.)-Sao Paulo no seculo XVI.
~~xxxxxx~~ Tours-1921.
- 75-Taunay (A. de T.)-Fortuna do Padre Pompeu.
Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo. Vol. XIX.
- 76-Taques (Pedro) Mobiliario da Paulistana.
sem indicacao.
- 77-Taques d'Almeida (Paes Leme) (Sargento-mor Pedro) Noticia Historica da Expulsao dos Indios do Estado de S. Paulo.
Revista do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro. Tomo V.
- 78-Taunay (Visconde)-in Entre os Nossos Indios.
S. Paulo-1931.
- 79-Toledo (Eraharel Formoso Francisco de Paula) Historia do Municipio de Taubate.
S. Paulo-1877.
- 80-The National Geographic Magazine. Setembro de 1935. U.S.A.
- 81-Vasconcellos (Simao de)-Chronica da Companhia de Jesus do Est. do Brasil
Lisboa-1831.
- 82-Med. Henried (Principe Maximiliano de) in Jornal do Commercio.
Rio de Janeiro-30 de Novembro de 1930.



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio
Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado
UPPH – Unidade de Preservação do Patrimônio Histórico

113

PROCESSO CONDEPHAAT	00339	1973	
---------------------	-------	------	--

Despacho: 5219-2010

Int.: CONDEPHAAT

ASS.: Estudo relativo à Aldeia de Carapicuíba

Ao NAA/CD
A/C – Norma Suely Rocha

A presente documentação foi elaborada pela então Conselheira Neide Barrocá Faccio, no Grupo de Trabalho formado no âmbito do Conselho em 2009, para discutir preservação de Centros Históricos tombados.

Considerando tratar-se de estudo bastante denso sobre a Aldeia de Carapicuíba, solicito juntada ao Processo 00339/73, de tombamento do referido bem.

CAAC/UPPH, 28.09.2010

Elisabete Mitiko Watanabe
Diretora do CEIT/UPPH
(Prestando serviços no CAAC)

**A ALDEIA DE CARAPICUÍBA E SUA RESOLUÇÃO
DE TOMBAMENTO**



111

111

Cronologia/História: Aldeia de Carapicuíba

- 1580 – Criação da Aldeia de Carapicuíba.
- 1698 – Mudança dos índios da Aldeia de Carapicuíba para a Aldeia de Itapecerica.
- 1714 – Chegada dos peregrinos na Aldeia de Carapicuíba, para festejos em honra da Santa Cruz.
- 1736 – A Aldeia de Carapicuíba foi reconstruída a partir dos remanescentes da antiga instalação.
- 1768 – Dispersão dos índios com a intromissão e invasão de fazendeiros vizinhos.

Cronologia/História: Aldeia de Carapicuíba

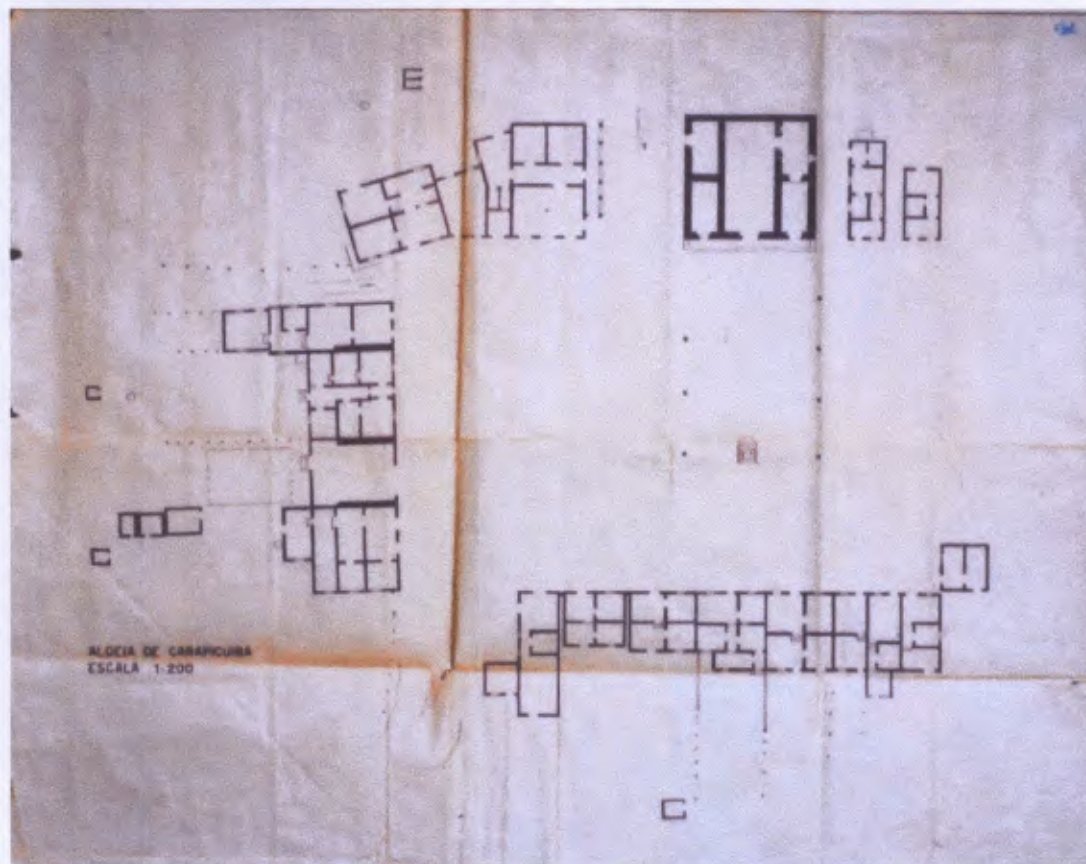
- 1937 – Foi criado o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
- **1938 - A monografia de Saia sobre Capicuiba.**
- 1940 – Tombamento ex-offício do Conjunto Arquitetônico e Urbanístico da Aldeia de Carapicuíba pelo IPHAN (13 de maio).
- 1973 – Abertura de Processo de tombamento ex-offício da Aldeia de Carapicuíba, pelo CONDEPHAAT.

Perspectiva da Aldeia de Carapicuíba de Luís Saia, 1938,
com destaque nosso (seta vermelha) para a Capela de
São João Batista. Fonte: Andrade (2006: 24).



**Aldeia de Carapicuíba, localizada no Município de Cotia,
Estado de São Paulo.**

Fonte: Secretaria Regional do IPHAN do Rio de Janeiro

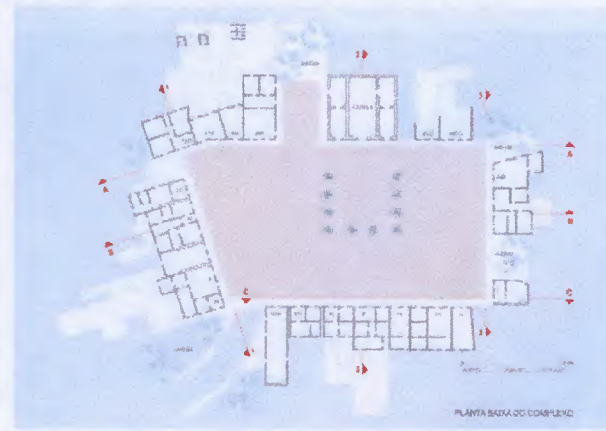


**Aldeia de Carapicuíba. Carapicuíba, SP.
Fonte: Cartão
Postal – Circuito Taypa de Pilão.**



Planta Baixa do Complexo de Carapicuíba.

Fonte: Lemos et al, 2008: 95.



Capela de São João Batista, no ano de 1937. Aldeia de Carapicuíba, SP.

Fonte: Germano/Acervo IPHAN/SP



Cronologia/História: Aldeia de Carapicuíba

- 1984 – Criação da Lei Municipal 714/84, que tem por objetivo a preservação da Aldeia de Carapicuíba.
- 1985 – A Sociedade Amigos do Bairro da Aldeia de Carapicuíba cria um programa, com objetivos para a proteção da aldeia, datado de 29 de março.
- 1985 – A Prefeitura Municipal de Carapicuíba, SP, com a colaboração efetiva dos demais órgãos de preservação e comunidade local elaboraram um Plano de Preservação para a Aldeia de Carapicuíba. O plano visaria, prioritariamente, plotar uma via que desviasse o trânsito do centro da Aldeia e preservar o núcleo de acordo com as normas de restauro e conservação. Para esse trabalho, a FUMEFI liberou 150 milhões de cruzeiros no ano de 1986.
- 1985 – Proposta de Emenda à Lei Municipal 714/84, que tem por objetivo a preservação da Aldeia de Carapicuíba.

Cronologia/História: Aldeia de Carapicuíba

1988– A 9º SR IPHAN/SP registra como principais problemas na área da Aldeia de Carapicuíba:

- 1) deterioração física dos imóveis,;
- 2) mudança no uso dos imóveis;
- 3) imóveis vazios temporariamente;
- 4) imóveis abandonados;
- 5) intensificação do uso do solo;
- 6) crescimento desordenado;
- 7) alteração no parcelamento do solo;
- 8) residência destelhada;
- 9) diminuição da massa arbórea do entorno e intenso fluxo de veículos (ônibus e caminhões);

Cronologia/História: Aldeia de Carapicuíba

- 2009 – O IPHAN inclui Carapicuíba no PAC, que além de Carapicuíba contemplará outros núcleos históricos;
- 2009 – O CONDEPHAAT criou um grupo de trabalho para estudar quatro núcleos históricos, dentre eles Carapicuíba, a fim de rever as resoluções de tombamento desses núcleos.

Vistoria não Interventiva

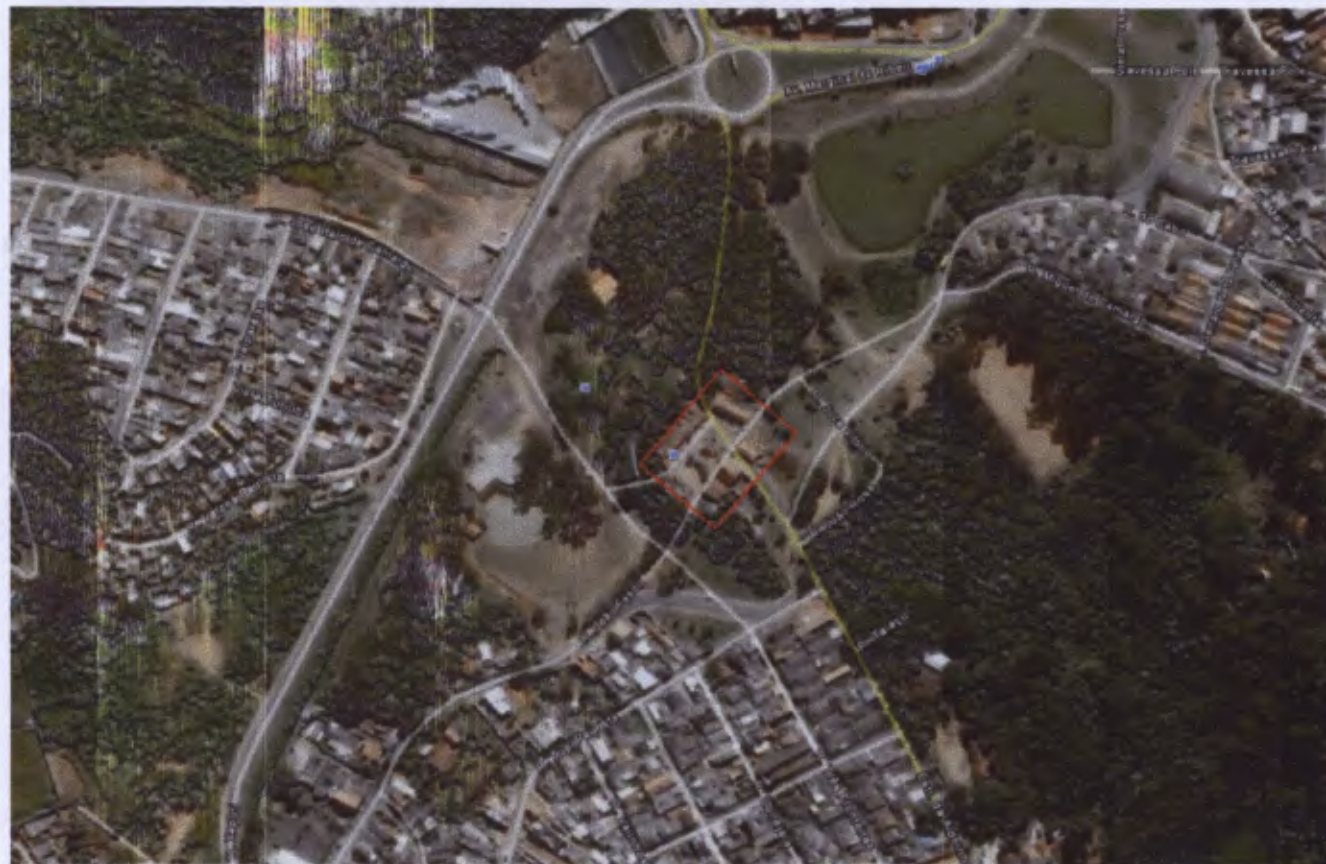


Base: Google Earth, 18/08/2009

Entorno do parque da Aldeia de Carapicuíba



Estrada Aldeinha (em amarelo) e Rua João Fasoli (em branco) cortando o pátio central da Aldeia de Carapicuíba (em vermelho), SP.



Base: Google Earth, 18/08/2009



- As construções, na área da aldeia, são na maior parte dos casos geminadas; somente nos cantos tem-se a separação das construções. Nesses espaços aparecem caminhos, estradas ou ruas. A exceção é para a Capela de São João Batista, que não está geminada a outras construções;
- Além da capela, existem três casas ocupadas como moradia e comércio e uma ocupada somente como moradia. Outras duas são ocupadas somente por comércio. As outras construções estão ocupadas por serviços ligados ao Município de Carapicuíba, como posto de polícia, casa da cultura, biblioteca etc.

FIAÇÃO



INTERVENÇÕES



PLACAS/LETREIROS



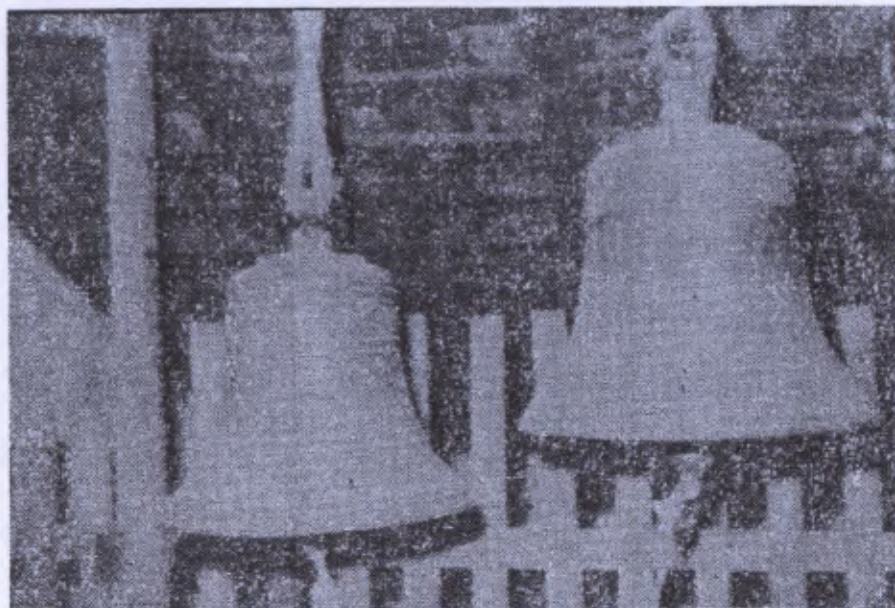
PLACAS/LETREIROS



CAPELA DE SÃO JOÃO BATISTA



SINOS DA CAPELA



Sinos deixados na Aldeia de Carapicuíba depois da retirada dos originais, 1973. Fonte: Folha de Carapicuíba.

● ●

**Casa secular em péssimo estado de
conservação, 1979**



CASA 15



MINUTA DE TOMBAMENTO DA ALDEIA DE CARAPICUÍBA

- Tombamento da Aldeia de Carapicuíba pelo IPHAN, em 1940, foi ex-offício;
- Abertura de processo de tombamento da Aldeia de Carapicuiba, em 1973, também foi ex-offício;
- Não existe no IPHAN ou no CONDEPHAAT minuta de resolução de tombamento que direcione as ações da prefeitura ou dos ocupantes da área.

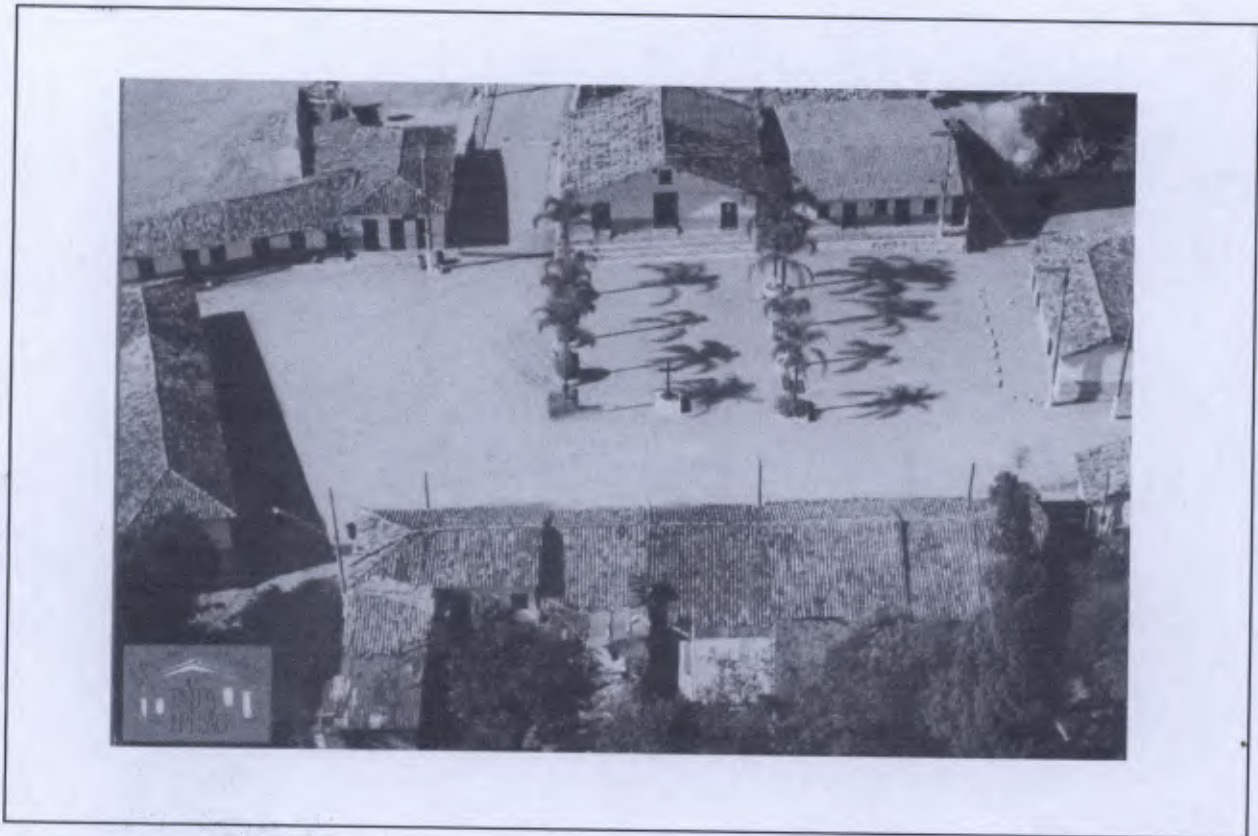
PROPOSTA DE RESOLUÇÃO DE TOMBAMENTO DA ALDEIA DE CARAPICUÍBA

- Para a elaboração da minuta de tombamento da Aldeia de Carapicuíba, sugiro que o corpo técnico do CONDEPHAAT faça visita técnica na área para:
 - Realizar documentário fotográfico individual de cada edifício;
 - Preencher ficha técnica de cada edifício;
 - Conferir planta dos edifícios, incluindo as coberturas, modificações etc (Anexo 3);
 - Inventariar objetos de interesse para a preservação;
 - Inventariar os objetos da Capela de São João Batista;
 - Inventariar as palmeiras do pátio da aldeia;
 - Inventariar as espécies arbóreas do entorno da aldeia;
 - Definir a área envoltória junto à Prefeitura de Carapicuíba, IPHAN e com o grupo de estudos de área envoltória nomeado pela presidência deste CONDEPHAAT;
 - Definir o que deve ser preservado nos edifícios tombados etc.
 - Verificar a possibilidade de reservar uma área para estacionamento na área da Aldeia de Carapicuíba;
 - Verificar a possibilidade de melhores acessos ao pátio da Aldeia de Carapicuíba etc.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Antônio Luiz Dias de. Aldeia de Carapicuíba. In: Patrimônio: Atualizando o Debate. Org. Victor Hugo Mori, Marisa Campos de Souza, Rossano Lopes Bastos e Haroldo Gallo. São Paulo: 90 SR/IPHAN, 2006.
- CAMACHO, Marco Aurélio Ramírez et al. Hacla uma Política de Vivienda em el Centro Historico de la Ciudad de México. In: Ata do 20 Foro de Defensa del Centro Histórico y Vivienda em Monumentos. México, 17 e 18 de junho de 1789.
- Documentos Interessantes para a História de São Paulo. Vol. LXIV. São Paulo. Arquivo do Estado.
- CARTÃO POSTAL. Rota Carapicuíba do Circuito Tappa de Pilão. IPHAN, sd.
- CARTA DE ATENAS. Escritório Internacional de Museus Sociedade das Nações. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Outubro de 1931.
- CUBILLO, Gilda et. al. Investigación y patrimonio cultural. In: Ata do 20 Foro de Defensa del Centro Histórico y Vivienda em Monumentos. México, 17 e 18 de junho de 1789.
- FUNARI, P. P.; PELEGRINI, S.C.A. Patrimônio Histórico e Cultural. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2006.
- FOLHA DA REGIÃO – CARAPICUÍBA. Hoje tem festa na Aldeia. 1980: 3.
- LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira; MORI, Victor Hugo; ALAMBERT, Clara Correia d'. Antiga Aldeia de Carapicuíba. In: Patrimônio 70 Anos. Org. Marisa Campos de Souza e Rossano Lopes Bastos. São Paulo: 90 SR/IPHAN, 2008.
- MAYUME, Lia. Monumento e Autenticidade: a preservação do patrimônio arquitetônico no Brasil e Japão. São Paulo, USP, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 1999. Dissertação de Mestrado. 314 p.
- MENESES. Ulpiano Toledo Bezerra de. A Cidade Como Bem Cultural – Áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e Alcance de preservação do patrimônio ambiental urbano. In: Patrimônio: Atualizando o Debate. Org. Mori, Vitor Hugo et al. IPHAN, 2006.
- MENESES. Ulpiano Toledo Bezerra de. Iporanga: Porque tornar uma cidade. CONDEPHAAT. Boletim 3. sd.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Aldeia de Carapicuíba: Justificação. S.d.
- MORI, Victor Hugo. 70 anos do Patrimônio em São Paulo. In: Patrimônio 70 Anos. Org. Marisa Campos de Souza e Rossano Lopes Bastos. São Paulo: 90 SR/IPHAN, 2008.
- PROCESSO CONDEPHAAT nº 339. Solicitação de Tombamento do Acervo Arquitetônico da Aldeia de Carapicuíba, Particularmente a Capela de São João Batista, Zona Rural do Município de Cotia. 1973, FLS 1 – 23.
- PROCESSO IPHAN 218/39. Livro Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, folhas 3, número de inscrição sete, dispõe que a obra denominada Conjunto Arquitetônico e Urbanismo da Aldeia de Carapicuíba, localizada no Município de Cotia, Estado de São Paulo, de propriedade da Prefeitura Municipal e outros, consta do registro do tombamento ex-officio de 13 de maio de 1940, FLS 1 – 12.
- PROCESSO MTSP 1.2; 1.2 e 2, da 90 Secretaria Regional do IPHAN. Programa com objetivos para a proteção da aldeia, datado de 29 de março de 1985.
- RANGEL, Rafael Lopes. Hacia Uma Política de Resgate Popular del Centro Histórico. In: Ata do 20 Foro de Defensa del Centro Histórico y Vivienda em Monumentos. México, 17 e 18 de junho de 1789.
- SAIA, Luis. A Aldeia de Carapicuíba. Texto datilografado depositado no Arquivo da 90 SR/IPHAN (São Paulo), 1938.
- SCATAMACCHIA, Maria Cristina Mineiro. Algumas Considerações Sobre os Núcleos Históricos Tombados pelo CONDEPHAAT: O Núcleo Histórico de Itu. Agosto de 2009.
- UPPH. Orientações para elaboração de minuta de resolução de tombamento, CONDEPHAAT, SP, setembro de 2009.
- **Sites**
http://www.capicuiba.sp.gov.br/origem.htm (14/8/2009).

A ALDEIA CARAPICUIBA E SUA RESOLUÇÃO DE TOMBAMENTO



Neide Barrocá Faccio

Presidente Prudente, Setembro de 2009

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	04
I. DIAGNÓSTICO DO NÚCLEO URBANO DE CARAPICUÍBA.....	04
1.1. Histórico.....	04
1.2. Cronologia dos Acontecimentos na Aldeia de Carapicuíba.....	16
1.3. Vistoria não Interventiva.....	19
1.4. Conclusões.....	35
II. MINUTA DE TOMBAMENTO DA ALDEIA DE CARAPICUÍBA.....	42
III. PROPOSTAS DE RESOLUÇÃO DE TOMBAMENTO DE NÚCLEOS HISTÓRICOS.....	43
IV. PROPOSTA DE RESOLUÇÃO DE TOMBAMENTO DA ALDEIA DE CARAPICUÍBA.....	46
BIBLIOGRAFIA.....	47
ANEXOS.....	50
1. Emenda a Lei Municipal 714/84	
2. Diretrizes para a Preservação da Aldeia de Carapicuíba: Justificação	
3. Planta da Aldeia de Carapicuíba	
4. Orientação Para a Elaboração de Minutas de Resoluções de Tombamento do CONDEPHAAT	

RESUMO

O trabalho de análise e revisão das resoluções incidentes nos Núcleos Urbanos de Amparo, Itu, Santana de Parnaíba e Carapicuíba está sendo realizado em atendimento à deliberação do Conselho do CONDEPHAAT, de dois de março de 2009. Esse estudo surgiu da necessidade de análise das diretrizes contidas nas resoluções dos processos de tombamento, e se for o caso, propor diretrizes mais completas, no que se refere, principalmente, às intervenções nas áreas de bens tombados, "listados" e localizados em áreas envoltórias. Trata-se, aqui, do diagnóstico do acervo arquitetônico da Aldeia de Carapicuíba. Essa aldeia está localizada em um distrito de Carapicuíba, a 22 quilômetros da capital paulista, portanto na região metropolitana de São Paulo. O IPHAN, em 1940, tombou o Conjunto Arquitetônico e Urbanismo da Aldeia de Carapicuíba. Já o CONDEPHAAT em 1973 tombou apenas a Capela de São João Batista. Diante do estudo realizado propomos algumas diretrizes para a área da Aldeia de Carapicuíba.

INTRODUÇÃO

Patrimônio é um legado de bens que podem ser naturais, sociais ou culturais, que se recebe como herança dos pais ou dos antepassados (...) o patrimônio de um indivíduo, de um grupo humano ou de uma comunidade ou sociedade, não é tão somente a relação e soma de seus bens herdados, senão o conjunto e síntese dos mesmos que configura um todo singularizado com identidade essencial. (CÂMERA, apud CUBILO et. al., 1989:171-172).

O trabalho de análise e revisão das resoluções incidentes nos Núcleos Urbanos de Amparo, Itu, Santana de Parnaíba e Carapicuíba está sendo realizado em atendimento à deliberação do Conselho do CONDEPHAAT, de dois de março de 2009.

Esse estudo surgiu da necessidade de análise das diretrizes contidas nas resoluções dos processos de tombamento, e se for o caso, propor diretrizes mais completas, no que se refere, principalmente, às intervenções nas áreas de bens tombados, "listados" e localizados em áreas envoltórias.

Apresenta-se neste relatório somente o diagnóstico do acervo arquitetônico do Núcleo Histórico de Carapicuíba, localizado na região metropolitana de São Paulo.

Tendo em vista as especificidades de cada um dos núcleos selecionados para o estudo, não poderíamos tratá-los como "se constituíssem formas de realidades únicas e homogêneas" (FUNARI 2006:34).

I. DIAGNÓSTICO DO NÚCLEO URBANO DE CARAPICUÍBA

1.1. Histórico

Trata-se, aqui, do diagnóstico do acervo arquitetônico da **Aldeia de Carapicuíba**. Essa aldeia está localizada em um distrito de Carapicuíba, a

22 quilômetros da capital paulista, portanto na região metropolitana de São Paulo.

Consta do Livro Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, folhas 3, número de inscrição sete, que a obra denominada Conjunto Arquitetônico e Urbanismo da Aldeia de Carapicuíba, localizada no Município de Cotia, Estado de São Paulo, de propriedade da Prefeitura Municipal e outros, processo número 218/39, o registro do tombamento ex-officio de 13 de maio de 1940.

A figura 1 apresenta a planta da Aldeia de Carapicuíba.

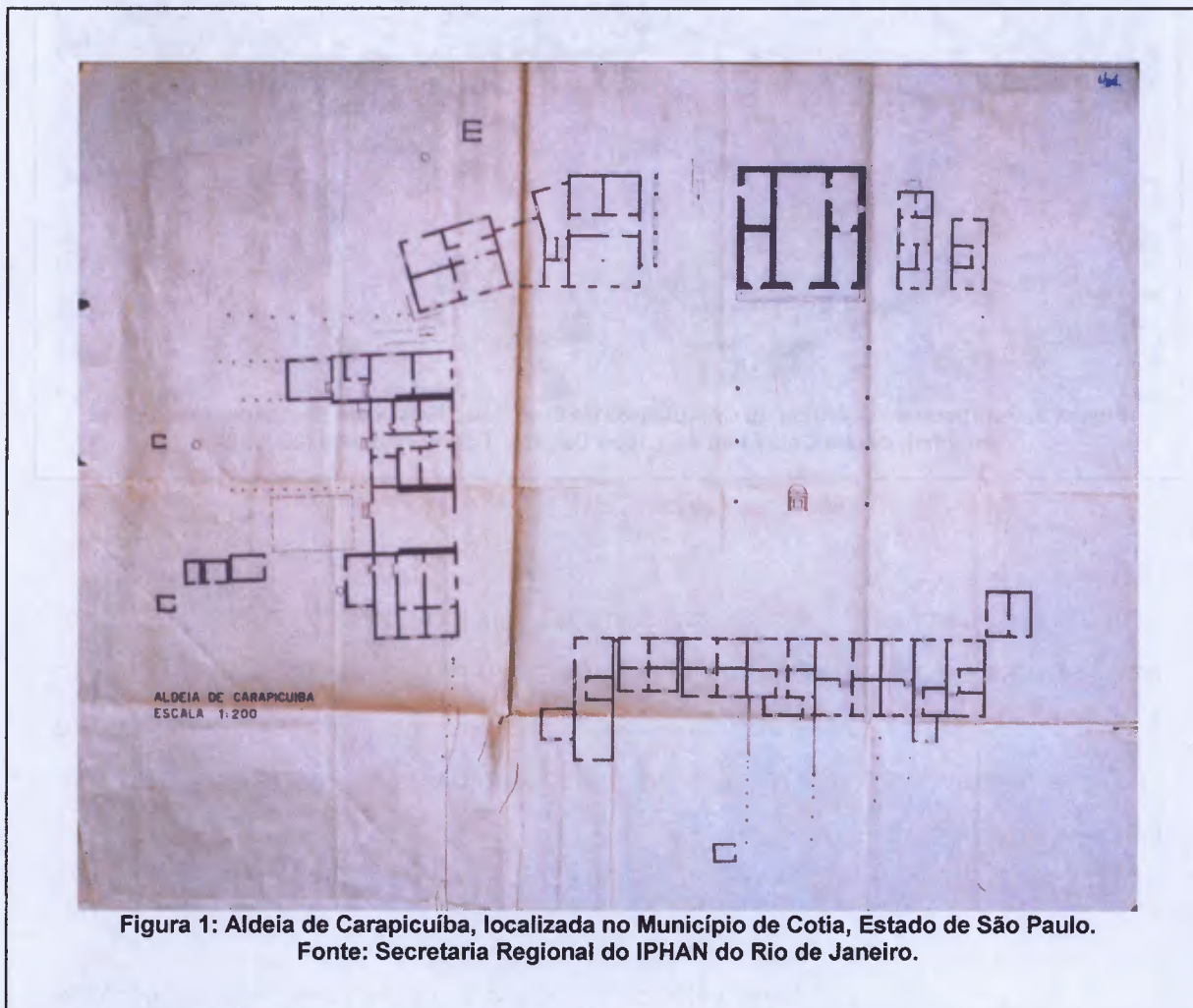


Figura 1: Aldeia de Carapicuíba, localizada no Município de Cotia, Estado de São Paulo.
Fonte: Secretaria Regional do IPHAN do Rio de Janeiro.

A planta da Aldeia de Carapicuíba apresentada na figura 1 foi enviada para nós pela Secretaria Regional do IPHAN, do Rio de Janeiro, quando solicitamos a minuta de tombamento da aldeia em tela. Não sabemos precisar a data dessa planta, mas deve ser do período do tombamento da aldeia pelo IPHAN.

Dessa aldeia, o CONDEPHAAT tombou, apenas, a Capela de São João Batista, conforme consta do Processo CONDEPHAAT nº 339/1973, fls. 9 (Figura 2¹).



Figura 2: Perspectiva da Aldeia de Carapicuíba de Luís Saia, 1938, com destaque nosso (seta vermelha) para a Capela de São João Batista. Fonte: Andrade (2006: 24).

Contudo, trata-se, também, de um tombamento ex-officio, tendo em vista ter sido o referido conjunto anteriormente tombado, em 1940, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a partir de critérios que definem um Núcleo Histórico, restituindo-lhe os traços de 1736. Esse tipo de núcleo:

(...) tiene valor como conjunto, no es una série de edificios aislados, es un conjunto, no es un bloco construído, son bloques construídos; la tendencia a conservar este sí, éste no; éste no cumple con las reglas de oro; éste no es um barroco

¹ As figuras 1 e 2 apresentam o mesmo número de edifícios.

puro, éste sí, este no ...; es estética. El valor de las manzanas, el valor de todo el sector que hay que conservar. (RANGEL, 1989: 110).

Da Aldeia de Carapicuíba, texto encartado no processo CONDEPHAAT nº 339/1973 (fls 4), sem autoria, relata-se que a:

Aldeia de índios confinados sob a orientação dos padres jesuítas, foi criada em 1580, em terras concedidas por Jerônimo Leitão a Afonso de Sardinha, que as doou aos padres da Companhia de Jesus. (PROCESSO CONDEPHAAT nº 339/1973, fls 4).

De acordo com Francisco de Assis Carvalho Franco, citado por LEMOS et al (2008: 93), Carapicuíba nunca foi uma verdadeira aldeia criada pelos jesuítas destinada a confinar indígenas conversos. Ela de fato nasceu como um depósito de índios caçados por Afonso Sardinha. Já Manoel da Fonseca, também citado por LEMOS et al (2008: 93) explica que:

Sardinha fez doação "testamentária" de uma área de sua sesmaria para ali serem aldeados tão somente os índios forros e dando outro destino, que hoje não sabemos qual, aos escravizados recém-chegados do sertão. (LEMOS et al, 2008: 93).

Por esses relatos verificamos diferentes posições a respeito dos índios que ocuparam Carapicuíba. Mas, de fato, parece estar certo que sua função inicial não foi a de confinar índios conversos.

A **foto 1** mostra a Capela de São João Batista no ano de 1937. Verifica-se nessa foto o barrado azul, a presença dos coqueiros, do cruzeiro, o não calçamento e a ausência dos postes da Light na área do pátio. A **figura 3** mostra equipamentos domésticos da Aldeia de Carapicuíba.



Foto 1: Capela de São João Batista, no ano de 1937. Aldeia de Carapicuíba, SP.
Fonte: Germano/Acervo IPHAN/SP.

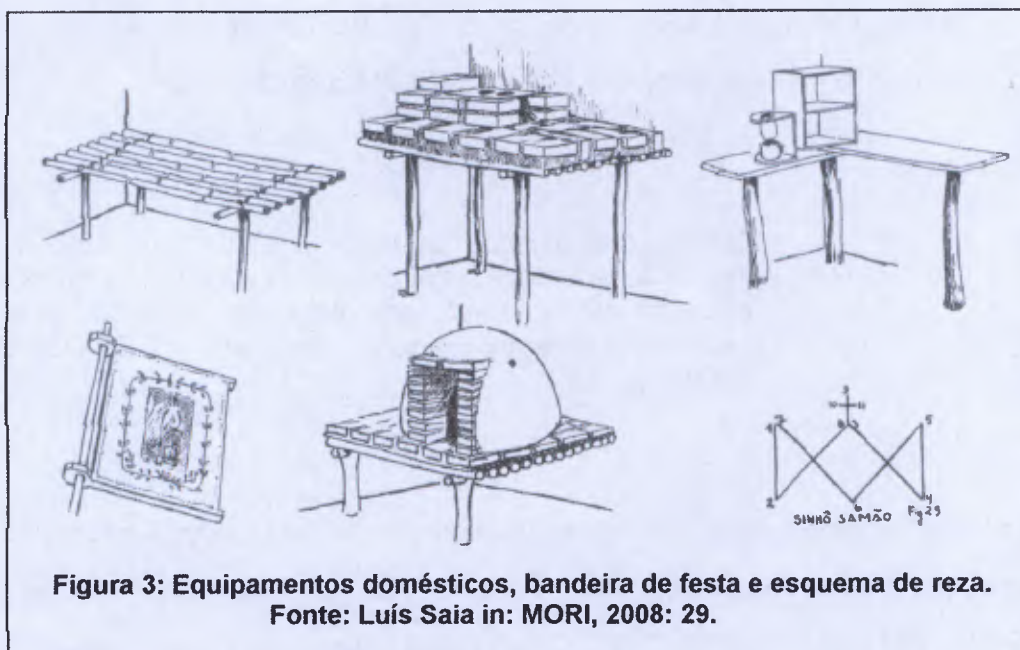


Figura 3: Equipamentos domésticos, bandeira de festa e esquema de reza.
Fonte: Luís Saia in: MORI, 2008: 29.

Em 1698, quando a Aldeia de Carapicuíba era assistida pelo Padre Belchior de Pontes, foi feita a mudança dos índios dessa aldeia para a de Itapecerica, sob a alegação de que as terras de plantio estavam cansadas.

145

Essa primitiva aldeia foi particularmente destruída pelos jesuítas para que os índios a abandonassem. (PROCESSO CONDEPHAAT nº 339/1973, fls 4 – Grifo nosso).

A mudança dos índios de Carapicuíba para a Aldeia de Itapecerica foi uma decisão política. Ao que tudo indica, essa mudança favoreceu apenas os interesses da Companhia de Jesus, tanto que muitos índios retornaram para a Aldeia de Carapicuíba. (LEMOS et al, 2008: 96).

Em 1736, a Aldeia de Carapicuíba foi reconstituída, a partir dos remanescentes da antiga instalação da Capela de São João Batista, que a partir de então passou a se chamar Capela de Nossa Senhora da Graça². A reconstituição foi realizada a partir de três paredes que restavam do século XVI, de taipa, que subsistem até hoje.

Em documento encartado no Processo MTSP 2, da 9^o Secretaria Regional do IPHAN, consta um acordo entre a Mitra Arquidiocesana de São Paulo e o Patrimônio Histórico a respeito da Capela Santa Catarina na Aldeia de Carapicuíba. Esse nome para a capela da Aldeia de Carapicuíba não consta de nenhum outro documento.

A Aldeia de Carapicuíba:

condicionada a tais remanescentes, reuniu meios de evoluir para uma arquitetura caipira, de que hoje é amostragem fidedigna.

Carapicuíba desenvolveu-se em torno de uma praça retangular, delimitada por modestas casas de taipa de mão. (LEMOS et al, 2008: 93).

Registra-se desde 1714, no dia 2 de maio, em Carapicuíba, a chegada de peregrinos para festejos folclóricos em honra da Santa Cruz.

LEMOS et al (2008) relata que:

² Em documento encartado no Processo MTSP 2, da 9^o Secretaria Regional do IPHAN, consta um acordo entre a Mitra Arquidiocesana de São Paulo e o Patrimônio Histórico a respeito da Capela Santa Catarina na Aldeia de Carapicuíba. Esse nome para a capela da Aldeia de Carapicuíba não consta de nenhum outro documento. Junto a esse documento existe um programa da Sociedade Amigos do Bairro da Aldeia de Carapicuíba com diretrizes para a proteção da aldeia, datado de 29 de março de 1985.

Após a expulsão dos jesuítas de São Paulo em 1768, a aldeia ficou espiritualmente sujeita ao pároco de Cotia e, assim, teve início a sua decadência, com a dispersão dos índios e com a intromissão e invasão de fazendeiros vizinhos. Azevedo Marques, no verbete “Aldeia”, diz que Carapicuíba, em 1774, “já não existia”. (LEMOS et al, 2008: 96).

De acordo com a publicação “Documentos interessantes para a História de São Paulo, Vol. LXIV”, a desocupação de Carapicuíba seria datada de 1772 e não de 1774. Já Saia (1938) cita Joaquim Machado de Oliveira que atesta a presença de Carapicuíba até 1823.

O Almanak da Província de São Paulo atesta a presença de Carapicuíba até 1873. Ainda segundo essa fonte, sua população em 1873 se confundia com a civilizada, não havendo no local nenhuma ação catequética (LEMOS et al, 2008: 98).

Atualmente a Aldeia de Carapicuíba faz parte do Circuito Taypa de Pilão que:

é composto de bens tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional, representativos do período da colonização do entorno oeste metropolitano por jesuítas e bandeirantes, entre os séculos XVI e XIX. A Taypa de Pilão é a técnica construtiva que utiliza barro socado entre formas, características comuns nos monumentos das cidades de Barueri, Carapicuíba, Cotia, Embu das Artes, São Roque e Santana de Paranaíba.

A Aldeia de Carapicuíba – fundada em 12 de outubro de 1580, fazia parte do projeto de Aldeamento Paulista ao redor de São Paulo de Piratininga, consistia em 12 aldeias, a de Carapicuíba é a única que preserva suas características iniciais. Seu traçado urbano revela a solução construtiva dada pelos jesuítas naquele período, um núcleo de residências baixas, fechado de forma quadrangular, ladeando a capela e mantendo um cruzeiro ao *centro do pátio*. Tombada em 1940. (CARTÃO POSTAL, sd.).

A **foto 2** apresenta o cartão postal da Aldeia de Carapicuíba³.

³ Neste Cartão Postal, sem data de publicação, verificamos a presença de construções não identificadas nas figuras 1 e 2 deste relatório.



Foto 2: Aldeia de Carapicuíba. Carapicuíba, SP. Fonte: Cartão Postal – Circuito Taypa de Pilão.

A Festa da Santa Cruz, que teve início em 2 de maio de 1714, junta dança indígena do “Sarabaquê” praticada pelos índios em volta da fogueira, com a festa religiosa européia em homenagem a Santa Cruz, utilizada pelos padres jesuítas para cristianizar os indígenas.

A Aldeia de Carapicuíba é o único exemplo de aldeamento jesuítico que sobreviveu aos momentos posteriores, segundo os padrões pré-estabelecidos de organização social. (ANDRADE, 2006: 24).

A história de preservação da Aldeia de Carapicuíba se mistura com a história do IPHAN e de Luís Saia, em São Paulo. Em 13/01/1937 quando o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) foi criado ligado ao Ministério da Educação e Cultura, Mário de Andrade foi nomeado Assistente Técnico do SPHAN. Mario de Andrade, então, convidou Nuto Sant’Ana (historiador) e Luiz Saia (estudante do curso de engenharia) como seus colaboradores. Como Mário de Andrade acumulava o cargo de Assistente Técnico do SPHAN com o de Diretor do Departamento de Cultura da Prefeitura

de São Paulo, em 1/11/1937, Mário de Andrade sugere a Rodrigo de Mello Franco, o nome de seu discípulo Luíz Saia para substituí-lo no cargo de Assistente Técnico do SPHAN. Como não houve resposta à solicitação, Mário de Andrade demitiu-se da representação do SPHAN de São Paulo em janeiro de 1938, recomendando para o seu posto Paulo Duarte. Por conta da situação política implantada pelo Estado Novo, em 1938, o nome de Paulo Duarte não foi aceito e Mário de Andrade foi afastado da Diretoria do Departamento de Cultura, abrigando-se no Serviço de Patrimônio do Rio de Janeiro, sob a proteção de seu amigo Rodrigo de Mello Franco. Por fim, Rodrigo de Mello Franco aceita a sugestão do nome Luiz Saia (engenheiro recém formado), mas antes o desafia a fazer um trabalho de capacitação que seria julgado por ele próprio. (MORI, 2008: 25 - 28).

O trabalho versaria sobre a **Aldeia Jesuítica de Carapicuíba** nos arredores da capital paulista. Como incentivo ao discípulo, Mário se comprometeu a publicar posteriormente a monografia na Revista do SPHAN. (MORI, 2008: 28).

Luíz Saia aceitou o desafio e escreveu sobre a arquitetura histórica e manifestações culturais que existiam no local. Seu trabalho é considerado pioneiro ao tratar um monumento, tanto no seu aspecto de artefato histórico, quanto de vestígios da cultura material. (MORI, 2008: 28).

Nas diversas intervenções que fez em Carapicuíba sempre conservou o barrado azul caipira nas paredes brancas das casinhas e o adro de palmeirinhas no centro do terreiro destoando da concepção jesuítica original. O espaço definido pelas palmeiras era o que marcava os passos das danças tradicionais e o barrado azul era a marca da cultura caipira – todos os moradores pintavam suas casas com este mesmo padrão. (MORI, 2008: 28).

O trabalho de Saia (1938) intitulado “Aldeia de Carapicuíba” foi aprovado por Rodrigo de Mello Franco, mas recebeu críticas de Mário de

147

Andrade, que o intitulou de monografia com cara de livro, o que para ele era um defeito.

Luíz Saia em seu livro clássico "Morada Paulista" justificou a não publicação do texto em nota de rodapé: "Em 1937, quando auxiliar de Mário de Andrade e candidato à chefia do então SPHAN, a fim de suprir a falha de não ser ainda arquiteto diplomado, realizei um estudo sistemático da aldeia de Carapicuíba. Trabalho exaustivo cheio de erros – éramos tão inocentemente ignorantes em matéria de arquitetura tradicional que nem sabíamos – de observação e de visão global (...). Nunca publiquei nem publicarei tal estudo, o qual tem estado à disposição dos estudiosos na sede do 4º Distrito. E tem sido usado não poucas vezes". (MORI, 2008: 29).

Luís Saia permaneceu no comando do IPHAN, em São Paulo de 1938 até o seu falecimento em 1975. (MORI, 2008: 30).

A monografia de Saia dá conta da forma como as aldeias retangulares eram orientadas no espaço, longe dos grandes rios, mas próximas de seus afluentes, da disposição das casas e da igreja que sempre ficava no meio, do lado da parte mais alta do terreno. Já as estradas comumente entram pelas quinas do pátio. Também essas aldeias sempre ficavam em áreas altas, de onde ora é possível ver o entorno. As construções residenciais são sistemáticas a partir do modelo de geminação seriada. Saia também dá conta do estudo da arquitetura tradicional descrevendo cada um dos edifícios e as transformações pelas quais passaram no decorrer do tempo, relacionando essas transformações com diferentes grupos étnicos.

A partir da década de 1980, documentos encartados no Processo MTSP 1.2; 1.2 e 2, da 9ª Secretaria Regional do IPHAN, apresentam programa, emenda de lei ou propostas que visam à proteção/preservação/revitalização da Aldeia de Carapicuíba.

O Processo MTSP 2 da 9ª Secretaria Regional do IPHAN da Sociedade Amigos do Bairro da Aldeia de Carapicuíba apresenta um programa com objetivos para a proteção da aldeia, datado de 29 de março de 1985:

1 – O que Pretende a Sociedade:

- a) através de recursos vindouros, promover a educação de base;
- b) promover através de contatos com proprietários de terrenos baldios, organizar mutirões para a realização de hortas comunitárias;
- c) aproveitamento de terrenos, sem construção, para o lazer;
- d) lutar em prol do povo do bairro a que pertence a Sociedade procurando dar mais segurança;
- e) melhorias na praça de esportes;
- f) defender o patrimônio histórico nacional, que é a Aldeia.

2 – Das reivindicações da Sociedade:

- a) lutar para que no bairro seja instalado um posto de saúde;
- b) lutar por um posto policial na Aldeia;
- c) solicitará melhoramentos nos sistemas de água, iluminação e construção de esgotos e calçamentos;
- d) lutar pela colocação de mais telefones públicos (orelhões);
- e) lutar por uma representatividade municipal dentro da Aldeia;
- f) lutar pela criação de mais escolas públicas no nível de 1^o e 2^o graus;
- g) lutar por melhores condições de transportes;
- h) lutar pela instalação de uma creche pública e parque infantil. (PROCESSO MTSP 2 - 9^o SR IPHAN/SP).

Do exposto, verificamos que a comunidade da Aldeia de Carapicuíba e do entorno se preocupa com a área do bem tombado, o que é um importante fator para sua preservação. Por outro lado, verificamos nessa ocasião certo descuido do poder público, tendo em vista pontos citados como: falta de esgoto, calçamento etc.

Contudo, ainda neste ano de 1985, a Prefeitura Municipal de Carapicuíba, SP, com a colaboração efetiva dos demais órgãos de preservação e comunidade local elaboraram um Plano de Preservação para a Aldeia de Carapicuíba⁴. O plano visaria prioritariamente plotar uma via que desviasse o

⁴ Do Plano de Preservação para a Aldeia de Carapicuíba participaram a Prefeitura Municipal de Carapicuíba, o CONDEPHAAT, a EPLASA, o METRÔ e a Comunidade.

trânsito do centro da Aldeia e preservar o núcleo de acordo com as normas de restauro e conservação. Para esse trabalho a FUMEFI liberou 150 milhões de cruzeiros no ano de 1986. De fato, o projeto contemplou o desvio da estrada e sua ligação com o sistema viário dos loteamentos do entorno; o traçado de nova via circundando a área verde; nivelamento do piso da Aldeia, evitando a criação de patamares; construção de galeria para escoamento das águas pluviais; manutenção das calçadas de pedra; manutenção das palmeiras; restauração, quando necessário dos edifícios com instalação de mobiliário urbano adequado.

Contudo, após todo esse trabalho seria necessário uma lei do uso do solo⁵ e ainda a implantação de um projeto de revitalização da área que poderia optar por duas linhas básicas: 1) Centro de Comércio e Serviços Para a População Local ou 2) Área de Visitaçao e Interesse Histórico. Para a definição do projeto seriam consultadas as entidades locais.

O Processo MTSP 2, da 9^o SR IPHAN/SP apresenta uma proposta de emenda à Lei Municipal 714/84, muito bem elaborada, em papel timbrado da EMPLASA (Empresa Metropolitana de Planejamento da Grande São Paulo S.A.), que tem por objetivo a preservação do conjunto arquitetônico de Carapicuíba (**Anexo 1**). Ainda esse processo apresenta um texto de duas páginas intitulado "Aldeia de Carapicuíba: Justificação", em papel timbrado do Ministério da Educação e Cultura, sem autoria e sem data. Nesse documento verificamos propostas de diretrizes para a preservação da Aldeia de Carapicuíba, ao que tudo indica escritas por funcionários do IPHAN (**Anexo 2**). As propostas apresentadas nesse documento estão contempladas integralmente na proposta de emenda à Lei Municipal 714/84 e a nosso ver foram escritas anteriormente à proposta de emenda a referida lei.

Em 1988 a 9^o SR IPHAN/SP (PROCESSO MTSP 1.2⁶) registra como principais problemas na área da Aldeia de Carapicuíba: deterioração física dos imóveis, mudança no uso dos imóveis, imóveis vazios temporariamente, imóveis abandonados, intensificação do uso do solo, crescimento desordenado, alteração no parcelamento do solo, residência

⁵ Propõem-se 400 metros de área envoltória, mas fica claro que isso precisa ser definido.

⁶ O processo não possui numeração de página.

destelhada, diminuição da massa arbórea do entorno e intenso fluxo de veículos (ônibus e caminhões).

O problema do fluxo de ônibus e caminhões no pátio da Aldeia foi solucionado com o desvio do trânsito. Contudo, pequenos automóveis ainda circulavam pelo pátio da aldeia, até agosto de 2009, quando realizamos vistoria na área da aldeia. Já em setembro de 2009, quando retornamos à Aldeia de Carapicuíba, o trânsito havia sido retirado da área.

Do exposto, concluímos que sobre a história de Carapicuíba existem muitas lacunas que precisam ser investigadas. Talvez as respostas a essas lacunas possam ser dirimidas com novas pesquisas. Quando analisamos a cronologia apresentada no item 1.2, a seguir essas lacunas ficam evidentes.

1.2. Cronologia dos Acontecimentos na Aldeia de Carapicuíba

- 1580 – Criação da Aldeia de Carapicuíba, sob a orientação dos padres jesuítas, em terras concedidas por Jerônimo Leitão a Afonso Sardinha, que as doou aos padres da Companhia de Jesus (12 de outubro).
- 1698 – Mudança dos índios da Aldeia de Carapicuíba para a Aldeia de Itapeperica. Nesse ano a Aldeia de Carapicuíba estava sendo assistida pelo Padre Belchior de Pontes.
- 1714 – Chegada dos peregrinos na Aldeia de Carapicuíba para festejos folclóricos em honra da Santa Cruz (2 de maio)
- 1736 – A Aldeia de Carapicuíba foi reconstruída a partir dos remanescentes da antiga instalação da Capela de São João Batista, que passou a se chamar Capela de Nossa Senhora da Graça.
- 1768 – A Aldeia de Carapicuíba ficou espiritualmente sujeita ao pároco de Cotia e, assim teve início sua decadência, com a dispersão dos índios e com a intromissão e invasão de fazendeiros vizinhos.
- 1772 – Desocupação da Aldeia de Carapicuíba por parte dos índios (Documentos interessantes para a História de São Paulo, Vol. LXIV)
- 1774 – Azevedo Marque, no verbete “Aldeia”, diz que Carapicuíba, em 1774, “já não existia”.

- 1823 – Luiz Saia cita Joaquim Machado de Oliveira, que atesta a presença de Carapicuíba até 1823 (SAIA, 1938)
- 1873 – O Almanak da Província de São Paulo atesta a presença de Carapicuíba até 1873. Ainda segundo essa fonte, sua população em 1873 se confundia com a civilizada, não havendo no local nenhuma ação catequética (LEMOS et. al., 2008: 98).
- 1937 – Foi criado o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, ligado ao Ministério da Educação e Cultura. Mário de Andrade foi nomeado Assistente Técnico do SPHAN. Mário de Andrade convidou Nuto Sant'Ana (historiador) e Luiz Saia (estudante do curso de engenharia) como seus colaboradores. (13 de janeiro).
- 1937 – Mário de Andrade sugere a Rodrigo de Mello Franco, o nome de seu discípulo Luiz Saia para substituí-lo no cargo de Assistente Técnico do SPHAN. Como não houve resposta à solicitação, Mário de Andrade demitiu-se da representação do SPHAN de São Paulo em janeiro de 1938, recomendando para o seu posto Paulo Duarte.
- 1938 – Rodrigo de Mello Franco aceita a sugestão do nome Luiz Saia (engenheiro recém formado), para substituir Mario de Andrade na representação do SPHAN, mas antes o desafia a fazer um trabalho de capacitação que seria julgado por ele próprio, sobre a Aldeia de Carapicuíba.
- 1938 - A monografia de Saia dá conta da forma como as aldeias retangulares eram orientadas no espaço, longe dos grandes rios, mas próximas de seus afluentes, da disposição das casas e da igreja que sempre ficava no meio, do lado da parte mais alta do terreno. Já as estradas comumente entram pelas quinas do pátio. Também essas aldeias sempre ficavam em áreas altas, de onde ora é possível ver o entorno. As construções residenciais são sistemáticas a partir do modelo de geminação seriada. Saia também dá conta do estudo da arquitetura tradicional descrevendo cada um dos edifícios e as transformações pelas quais passaram no decorrer do tempo, relacionando essas transformações com diferentes grupos étnicos.

- 1938 - Luís Saia permaneceu no comando do IPHAN, em São Paulo de 1938 até o seu falecimento em 1975.
- 1940 - Tombamento ex-offício do Conjunto Arquitetônico e Urbanístico da Aldeia de Carapicuíba pelo IPHAN (13 de maio).
- 1973 - Tombamento ex-offício da Capela de São João Batista da Aldeia de Carapicuíba pelo CONDEPHAAT.
- 1984 - Criação da Lei Municipal 714/84, que tem por objetivo a preservação da Aldeia de Carapicuíba.
- 1985 - A Sociedade Amigos do Bairro da Aldeia de Carapicuíba cria um programa com objetivos para a proteção da aldeia, datado de (29 de março).
- 1985 - A Prefeitura Municipal de Carapicuíba, SP, com a colaboração efetiva dos demais órgãos de preservação e comunidade local elaboraram um Plano de Preservação para a Aldeia de Carapicuíba. O plano visaria prioritariamente plotar uma via que desviasse o trânsito do centro da Aldeia e preservar o núcleo de acordo com as normas de restauro e conservação. Para esse trabalho a FUMEFI liberou 150 milhões de cruzeiros no ano de 1986.
- 1985 - Emenda à Lei Municipal 714/84, que tem por objetivo a preservação da Aldeia de Carapicuíba.
- 1988 - A 9^o SR IPHAN/SP registra como principais problemas na área da Aldeia de Carapicuíba: deterioração física dos imóveis, mudança no uso dos imóveis, imóveis vazios temporariamente, imóveis abandonados, intensificação do uso do solo, crescimento desordenado, alteração no parcelamento do solo, residência destelhada, diminuição da massa arbórea do entorno e intenso fluxo de veículos (ônibus e caminhões).
- 2009 - O IPHAN inclui Carapicuíba no PAC, que além de Carapicuíba contemplará outros núcleos históricos.
- 2009 - O CONDEPHAAT criou um grupo de trabalho para estudar quatro núcleos históricos, entre eles Carapicuíba, afim de rever as resoluções de tombamento desses núcleos.

1.3. Vistoria não Interventiva

Atualmente a Aldeia de Carapicuíba apresenta as edificações da **figura 4**.

A vistoria não interventiva na área da Aldeia de Carapicuíba teve por objetivo verificar por meio de caminhamentos documentário fotográfico e entrevistas dos seguintes pontos (SCATAMACCHIA, 2009):

- Estado de conservação;
- Fiação,
- Pichação;
- Cor das pinturas;
- Continuidade espacial;
- Placas;
- Intervenções;
- Letreiros;
- Entorno.

O diagnóstico na área e no entorno possibilitou verificar que a Aldeia de Carapicuíba está inserida na área de um parque arborizado, com presença de lagos. No entorno desse parque verificamos bairros residenciais e fábricas. Essa área no entorno do parque é densamente ocupada (**Figura 5 e foto 3**).

151



Figura 5: Aldeia de Carapicuíba (em vermelho), SP e seu entorno. Base: Google Earth, 18/08/2009.



Foto 3: Entorno do parque da Aldeia de Carapicuíba.

A Estrada da Aldeinha (ou via Inocêncio Seráfico) e a Rua João Fasoli já não cortam a área da Aldeia de Carapicuíba. Segundo moradores das vizinhanças, o trânsito na área, bem como a entrada de carros na área do pátio da Aldeia de Carapicuíba foi proibido no mês de agosto de 2009. Na opinião desses vizinhos, esse impedimento prejudicou o comércio local, tendo em vista que o ônibus que tinha ponto na área do pátio da Aldeia foi retirado para fora dessa área. Ainda relataram que proibir a entrada de carros na área dificulta a chegada dos visitantes, que para chegarem na área da Aldeia precisam caminhar pelo parque. Acrescentam que a Aldeia fica em topo de colina e dessa forma é cansativo subir o morro.

As construções, na área da aldeia, são na maior parte dos casos geminadas, somente nos cantos tem-se a separação das construções. Nesses espaços aparecem caminhos, estradas ou ruas. A exceção é para a Capela de São João Batista, que não está geminada a outras construções (Foto 4).



Foto 4: Capela de São João Batista. Verificam-se dos lados da Capela as passagens.

Além da capela, existem três casas ocupadas como moradia e comércio e uma ocupada somente como moradia. Outras duas são ocupadas somente por comércio⁷. As outras construções estão ocupadas por serviços ligados ao Município de Carapicuíba como posto de polícia, casa da cultura, biblioteca etc.

Em entrevista com Selma Aparecida Guidi, funcionária do Departamento de Cultura do Município de Carapicuíba, obtive a informação de que o atual prefeito assumiu uma política de garantir a preservação do espaço da Aldeia de Carapicuíba e que seu desejo é revitalizar a área com atividades culturais que atendam à população de Carapicuíba e aos visitantes de outras localidades. Informou também que a medida de proibir a entrada de carros e o trânsito na área vem ao encontro dessa nova política.

Segundo Selma Aparecida Guidi, com as construções ocupadas com residências, a prefeitura pretende fazer outro uso delas. O objetivo é transformar a área para atendimento aos visitantes. Já está funcionando na área projetos ligados à terceira idade e aos adolescentes.

Os moradores não quiseram se pronunciar a respeito do fechamento da área do pátio da Aldeia para passagem e estacionamento de carros, mas me pareceu evidente o descontentamento de dois deles. As viaturas do posto policial já não estão estacionadas no pátio da Aldeia. Contudo, uma das moradoras, não aceitando a nova norma continua estacionando seu carro no pátio da Aldeia (**Foto 5**).

⁷ No comércio se destaca o restaurante Pena Don Fernando que serve pratos latino-americanos e vinho chileno de excelente qualidade.



Foto 5: Carro estacionado na frente da casa da Aldeia de Carapicuíba, depois da proibição da Prefeitura Municipal de Carapicuíba, SP.

O Cruzeiro (tombado) no centro do pátio da Aldeia de Carapicuíba é apreciado pelos cachorros dos moradores locais (**Foto 6**).



Foto 6: Cruzeiro localizado no centro do pátio da Aldeia de Carapicuíba.

153

Verificamos na área do pátio da Aldeia de Carapicuíba a presença de postes de concreto e um emaranhado de fios (Fotos 7 e 8).



Foto 7: Fiação da rede elétrica da Aldeia de Carapicuíba.



Foto 8: Fiação da rede elétrica da Aldeia de Carapicuíba.

O estado de conservação da Aldeia de Carapicuíba é bom enquanto cenário, tendo em vista que, durante o dia, poucos prédios podem ser apreciados na sua parte interna: capela, casa da cultura e biblioteca (**Fotos 9, 10 e 11**).



Foto 9: Área interna da Capela de São João Batista, da Aldeia de Carapicuíba.



Foto 10: Área interna da Capela de São João Batista, da Aldeia de Carapicuíba.



Foto 11: Área interna da Capela de São João Batista, da Aldeia de Carapicuíba.

Na Aldeia de Carapicuíba existe uma continuidade espacial, as pinturas estão bem conservadas, não existem letreiros afixados nas fachadas das construções, não há pichação das paredes. Como intervenção, verifica-se apenas o calçamento do pátio central e a fixação nas paredes das construções de caixa de correio, de orelhão e de placas (**Fotos 12, 13 e 14**).



Foto 12: Área interna do pátio da Aldeia de Carapicuíba com calçamento.



Foto 13: Caixa de correio afixada na parede de prédio tombado da Aldeia de Carapicuíba.

155



Foto 14: Orelhão afixado na parede de prédio tombado da Aldeia de Carapicuíba.

Na vistoria realizada, o ponto que chamou a atenção foi um forno improvisado na frente da casa da cultura, na noite do dia anterior para esquentar marmitas (**Fotos 15 e 16**). Contudo, o fato já estava sendo apurado para ver de quem foi a responsabilidade.



Foto 15: Forno improvisado para esquentar marmitas em frente à Casa da Cultura da Aldeia de Carapicuíba.

156



Foto 16: Forno improvisado para esquentar marmittas em frente à Casa da Cultura da Aldeia de Carapicuíba.

Outro fato interessante é a casa de número 15. Na fachada verificamos a presença de apenas uma porta. Do lado direito temos uma janela da Casa da Cultura e do lado esquerdo uma janela da Biblioteca (**Foto 17**). Contudo, nos fundos da casa número 15, verificamos a presença de uma área bem maior (**Foto 18**).



Foto 17: Fachada da casa número 15 da Aldeia de Carapicuíba.

156



Analisando a Aldeia de Carapicuíba enquanto cenário, nota-se um bom estado de conservação. Contudo, analisando a bibliografia disponível verificamos denúncias como:

A (via) Inocêncio Seráfico ou Estrada da Aldeia continua proporcionando a ligação com a Raposo Tavares, permitindo que veículos pesados trafeguem no centro da Aldeia com riscos para as casas seculares. Problemas assim ocorreram no passado. Sabe-se que existe projeto para desviar o trânsito do local, entretanto, é necessário que um loteamento seja aprovado e posteriormente providenciada a abertura e pavimentação da nova avenida. (FOLHA DA REGIÃO – CARAPICUÍBA: 1980: 3).

A praça da aldeia é cortada pela estrada asfaltada que liga a via Raposo Tavares com a sede municipal. (ANDRADE, 2006: 24).

Analisando a imagem de satélite do google earth, no dia 18/08/2009, verificamos a área do pátio central da Aldeia de Carapicuíba cortada pela Estrada da Aldeinha e pela Rua João Fasoli (**Figura 6**). O D.E.R. (Departamento de Estrada e Rodagem) asfaltou a ligação entre a via Raposo Tavares e Carapicuíba, atravessando a Aldeia, sem autorização do IPHAN.

Nos meses de agosto/setembro, quando realizamos vistorias na área da Aldeia de Carapicuíba, verificamos que o trânsito já foi retirado da área da aldeia. Contudo, notamos que isso ocorreu apenas no ano de 2006. (ANDRADE, 2006: 24), quando essa reivindicação do IPHAN data da década de 1980.

Outro fato que nos chamou a atenção é o caso dos sinos da aldeia:



Figura 6: Estrada Aldeinha (em amarelo) e Rua João Fasoli (em branco) cortando o pátio central da Aldeia de Carapicuíba (em vermelho), SP. Base: Google Earth, 18/08/2009.

Os sinos da Aldeia, "trocados a título de limpeza" são reclamados há muito, sem que o próprio IPHAN, órgão tombador do patrimônio tenha conhecimento do fato.

157

Pessoas que desconhecem o valor daquele patrimônio são muitas e, infelizmente, estão constantemente no local, aproveitando a falta de policiamento e a escuridão das imediações, para seus atos de atentado contra o patrimônio ou até mesmo contra a vida humana. Constantemente se tem notícia que aconteceram brigas e mortes no local.

Ainda falta muita consciência por parte de alguns moradores e da população como um todo, no sentido de preservar uma obra tão valiosa. (FOLHA DA REGIÃO – CARAPICUÍBA: 1980: 3).

Outra reportagem apresenta o seguinte relato:

Pessoas ditas autorizadas pelo IPHAN teriam levado os sinos em 73 para limparem e devolver em seguida. Seis anos se passaram e nenhuma notícia. Fomos até o IPHAN, onde nos disseram que nenhum registro de que naquela época tinha estado alguém do IPHAN por ordem do Instituto para restauração das peças. É sabido que por essas obras são pagas altas quantias por colecionadores nacionais e internacionais. (FOLHA DA REGIÃO – CARAPICUÍBA: sd).

Essa reportagem nos leva a inferir que os sinos foram roubados.

Contudo, a reportagem a seguir nos permite uma outra interpretação:

O sino da Aldeia de Carapicuíba que tem a mesma idade dela, ou seja no próximo ano fará quatrocentos anos de vida, foi levado de seu lugar por elementos dito do Instituto do Patrimônio Histórico e Arqueológico Nacional (IPHAN) que disseram precisar fazer uma limpeza. E não se teve mais notícias dele. Hoje a pergunta, onde está? Sim, porque nós o queremos.

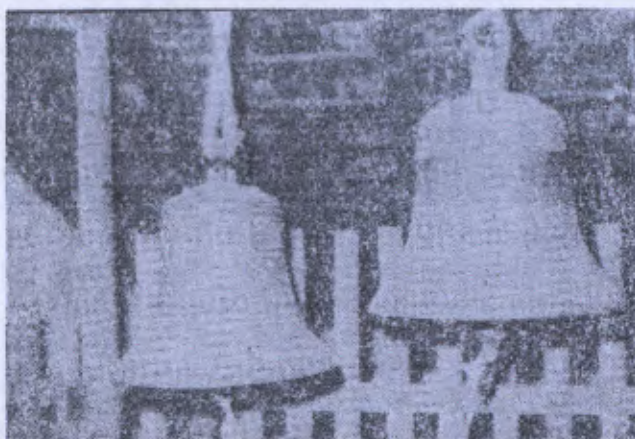
Dona Nenê como é bastante conhecida, está na Aldeia desde criança e é ela que cuidou da igreja durante 15 anos, falou a nós como o sino saiu da igreja.

Em abril de 73 vieram uns rapazes limpar as coisas, tirar carunchos da pia batismal. Eles tiraram o vidro que tinha na santa dizendo que não era originário. Modificaram o altar, fizeram tudo porque tinham uma xérox de uma ordem do Instituto do Patrimônio, onde também dizia que faltava o divino, São João Batista e Nossa Senhora das Dores que eram de madeira. Eu disse a ele que estavam na sede do Instituto.

“Eles falaram que iam levar a pia batismal para arrumar lá no Instituto porque ficava melhor. Levaram mas devolveram. No outro dia disseram que iam levar o sino para limpar e trariam dois outros até que ficasse pronto o primeiro”

Dias depois o Luis Saia, já falecido, chefe do Patrimônio naquela época veio aqui e fechou a igreja. Em agosto do mesmo ano uma pessoa veio trazer a chave mas, o sino não se sabe o paradeiro. (FOLHA DA REGIÃO – CARAPICUÍBA: sd: p. 5).

Essa reportagem não nos dá certeza a respeito do destino dos sinos da Aldeia de Carapicuíba. Se os sinos foram retirados pelo IPHAN, onde estão? Se foram roubados, quais medidas foram tomadas pelo IPHAN? (Foto 19).



**Foto 19: Sinos deixados na Aldeia de Carapicuíba depois da retirada dos originais, 1973.
Fonte: Folha de Carapicuíba.**

Ainda encontramos denúncias a respeito de destruição dos edifícios:

Um patrimônio histórico está sendo destruído, reclamou Fernando do Restaurante Penã, se referindo aos elementos que dentro de 15 dias quase destruíram uma

158

das casas (a da foto) seculares. (FOLHA DA REGIÃO – CARAPICUÍBA: 7/9/1979: p. 5).

A **foto 20** refere-se ao edifício citado na folha da região de Carapicuíba.



Foto 20: Casa secular em péssimo estado de conservação. Aldeia de Carapicuíba, SP, 1979.

1.3. Conclusões

Do exposto, nos resta afirmar que a preservação do patrimônio precisa ter significado para a população local. Somente quem reconhece o bem como patrimônio tem interesse em preservá-lo. Dessa forma, o bem cultural deve ter uma dimensão social, do contrário será difícil garantir a sua preservação. A lei não garante de forma plena a integridade do bem.

No caso dos sinos da Capela de São João Batista, da Aldeia de Carapicuíba, a comunidade se identificava como o bem tombado e cuidava dele, mas isso não foi o suficiente para proteger o que de fato é dela. Os sinos foram removidos e não voltaram.

Muitas ações que prejudicam a preservação/conservação da Aldeia de Carapicuíba têm sido realizadas sem a autorização do IPHAN ou do

CONDEPHAAT, como é o caso do posteamento de concreto e construção de uma plataforma no centro da praça da aldeia por parte da LIGHT, ou a construção de uma estrada asfaltada também no pátio da Aldeia por parte do D.E.R. etc.

Verificamos também que as gestões de prefeitos do Município de Carapicuíba variam: ora querem preservar a aldeia, ora não se importam com ela, colaborando para a sua não preservação. No caso do atual prefeito, verificamos um grande interesse em preservar a área da Aldeia de Carapicuíba. Mas fica a pergunta: as ações da atual gestão municipal na Aldeia de Carapicuíba são conhecidas/ autorizadas pelo IPHAN e pelo CONDEPHAAT?

Nas vistorias realizadas constatei empenho do prefeito, e segundo informações de Selma Aparecida Guidi, funcionária do Departamento de Cultura do Município de Carapicuíba, no local trabalham ao todo mais de 70 pessoas. Essas pessoas, além de cuidarem da conservação do patrimônio, também trabalham em projetos junto à comunidade (jovens, terceira idade etc). De fato, pude presenciar várias atividades sendo desenvolvidas no local, muitos funcionários e um posto policial com pelo menos três guardas.

Nesse ponto, acredito que as ações do prefeito são de valor à medida que mantém atividades para a comunidade no local. Também a segurança é um ponto importante, tendo em vista os inúmeros relatos de vandalismo na área.

Contudo, o seu objetivo de tirar os moradores do local talvez precise ser mais bem avaliado. Ao que tudo indica, esses moradores não têm o título de posse, mas parece também terem sido responsáveis pela conservação da Aldeia de Carapicuíba.

De acordo com Meneses (2006), é preciso “considerar o cultural como uma dimensão do social – e não o inverso”. (MENEZES, 2006 41).

Camacho et al (1989) coloca que:

(...) las acciones tendientes a recuperar áreas de interés patrimonial deberán estar dirigidas a rescatar los núcleos urbanos para y con su población, para esse efecto el eje

159

rector debe ser la participación activa del ciudadano" (CAMACHO et al, 1989: 37 – grifo nosso).

Por outro lado, quando verificamos a colocação de novas placas na área da Aldeia de Carapicuíba, perguntamos por que a Prefeitura de Carapicuíba não está utilizando os modelos estabelecidos pelo IPHAN para a área de Núcleos Históricos. As placas que estão sendo feitas e colocadas nos edifícios são esculpidas em madeira em padrões diferentes. O IPHAN possui uma normativa para as placas indicativas dos sítios históricos que deveria estar sendo usada na Aldeia de Carapicuíba (**fotos 20, 21, 22 e 23**). É preciso saber também quais outras ações, fazem parte do plano de revitalização da Aldeia de Carapicuíba, que estão sendo implementados pela prefeitura⁸.



⁸ Selma Aparecida Guidi, ainda informou que estão trabalhando nos projetos da Aldeia de Carapicuíba mais de 74 funcionários. Entre esses existe um senhor responsável por fazer as placas de identificação dos prédios.



Foto 21: Placa de identificação do prédio da Aldeia de Carapicuíba.



Foto 22: Placa de identificação do prédio da Aldeia de Carapicuíba.



Foto 23: Placa de identificação do prédio da Aldeia de Carapicuíba.

A Aldeia de Carapicuíba, ainda apresenta outros tipos de placas de identificação (Fotos 24 e 25).



Foto 24: Placa de identificação na entrada da Aldeia de Carapicuíba.



Foto 25: Placa de identificação do imóvel da Aldeia de Carapicuíba.

O IPHAN e o CONDEPHAAT poderiam aproveitar a disposição do prefeito para um trabalho conjunto, bem como para criar uma resolução de tombamento.

Também verificamos a necessidade de se instalar os orelhões e caixas de correio de forma a não prejudicar o cenário da área da Aldeia de Carapicuíba.

Além desses fatos, é importante ter uma sinalização que indique a aldeia, pois quando estive lá pela primeira vez, não sabia por onde entrar. Fiquei dando voltas, estacionei o carro e me embrenhei pelo gramado até chegar ao pátio da aldeia. Não há um lugar para estacionar os carros.

Outro fato que me chamou a atenção foi verificar a diferença no número de edifícios apresentados nas figuras 1 e 2 em relação à foto 2 e figura 4 (páginas 2, 3, 8 e 14 deste relatório que apresentam a área da Aldeia de Carapicuíba); as primeiras de 1940 (páginas 5 e 6) e as duas últimas atuais (páginas 11 e 20). Verificamos na planta atual um maior número de edifícios. Assim, constatamos que após 1940, na Aldeia de Carapicuíba, novos prédios foram erguidos à direita da Capela e na perpendicular dessa.

A correspondência que procuramos estabelecer no processo evolutivo do núcleo de Carapicuíba, através de sua habitação, nos revela que do primitivo aldeamento dos jesuítas, permaneceu a forma básica de organização do espaço nuclear (...) Mesmo em relação aos edifícios mais antigos da Aldeia, embora sujeitos à situação especial, decorrente das restrições impostas pelo seu tombamento, o desenvolvimento acarretou transformações em seus programas com o surgimento de um pequeno comércio, subdivisão em lotes para construção de novas residências, dada a valorização crescente dos terrenos e a exploração do turismo, principalmente nas ocasiões de festas populares. (ANDRADE, 2006 :29).

Contudo, ao que indica o livro de Saia (1937) respeitou-se a obra histórica e artística do monumento, sem prejuízo do estilo artístico da época de sua construção. Dessa forma, assegurou-se a autenticidade da Aldeia de Carapicuíba. Segundo Mayume:

Um templo japonês que foi conservado às custas de incontáveis substituições das suas peças de madeira pode ser considerado original, mesmo quando todas as suas peças já tiverem sido substituídas, e nenhuma original restar? A autenticidade de arquiteturas diferentes, de países diferentes, pode ser avaliada segundo os mesmos critérios? MAYUME, 1995: 5).

Desse ponto de vista, conforme Mayume (1995), não é possível estabelecer critérios únicos e universais do que é autêntico.

No caso de Carapicuíba, apesar dos novos prédios foi respeitada a fisionomia, se compararmos as edificações atuais com as primeiras edificações. Carapicuíba apresenta-se como um conjunto arquitetônico significativo da história de ocupação ligada a jesuítas e indígenas.

II. MINUTA DE TOMBAMENTO DA ALDEIA DE CARAPICUÍBA

Meneses (sd), discutindo a questão de por que tomar um núcleo histórico, apresenta cinco pontos de vista diferentes, os quais em conjunto ou isoladamente podem fundamentar o tombamento de um núcleo histórico. São eles: 1) valor paisagístico; 2) valor estético; 3) valor tecnológico; 4) valor afetivo e 5) valor histórico. Analisando a Aldeia de Carapicuíba, podemos dizer que no momento do tombamento, apresentou elementos para fundamentar os cinco pontos levantados por Meneses.

Carapicuíba constitui-se em monumento único de amostragem de antiga aldeia jesuítica que evoluiu para uma arquitetura caipira na sua reconstrução em 1736, com aproveitamento de paredes datadas de 1582.

Tendo em vista que o tombamento da Aldeia de Carapicuíba pelo IPHAN em 1940 foi ex-officio e que o tombamento da Capela de São João Batista em 1973 também foi ex-offício, não existe no IPHAN ou CONDEPHAAT resolução de tombamento que direcione as ações da prefeitura ou dos ocupantes da área.

Como relacionado no diagnóstico, diretrizes para isso existem e foram discutidas amplamente pelos órgãos de proteção e pela comunidade. Até mesmo uma emenda de lei do Município de Carapicuíba foi feita. Contudo, não sabemos se essa emenda está em vigência no Município de Carapicuíba. De qualquer forma, é um excelente instrumento para orientar uma minuta de tombamento para o IPHAN e para o CONDEPHAT. Ainda nessa questão do tombamento, gostaríamos de colocar em pauta o tombamento da Aldeia de Carapicuíba pelo CONDEPHAAT e não somente a Capela de São João Batista, conforme consta do Processo CONDEPHAAT nº 339/1973, fls. 9.

O tombamento ex-officio, tanto pelo IPHAN, quanto pelo CONDEPHAAT foi descuidado, na medida em que não foi feita minuta de tombamento. As propostas de preservação realizadas - julgo na década de 1980, não apresentam assinatura. Os restauros feitos pelo IPHAN na área são considerados insuficientes. A comunidade cobra uma ação mais presente do IPHAN, principalmente nos momentos de festa onde o vandalismo impera na área. A respeito da história dos sinos, o que o IPHAN ou o CONDEPHAAT

podem fazer? A população merece uma resposta. Entendemos que o IPHAN e o CONDEPHAAT deveriam possuir maior número de técnicos para que os problemas do patrimônio fossem resolvidos com a rapidez que a preservação do patrimônio exige. As reivindicações vêm de toda parte (moradores da aldeia e do entorno, jornalistas, escritores, folcloristas etc). Do meu ponto de vista, o CONDEPHAAT tem uma melhor estrutura e número de funcionários em relação ao IPHAN, mas os dois possuem infraestrutura e número de funcionários insuficientes para resolverem os problemas do patrimônio.

Por fim, proponho que uma minuta de tombamento seja formulada pelo CONDEPHAT e pelo IPHAN para que a Aldeia de Carapicuíba possa contar com diretrizes para sua conservação/preservação.

III. PROPOSTAS DE RESOLUÇÃO DE TOMBAMENTO DE NÚCLEOS HISTÓRICOS

Acredito que a falta de diretrizes, de um mapa e de definição do grau de restrições que um bem pode ter seja ser o principal problema que o CONDEPHAAT encontra atualmente no momento de emitir pareceres. Para os bens tombados existe uma política de preservação. Contudo, para os "bens listados" e de área envoltória isso não acontece. Cada parecer dado para bem listado e de área envoltória segue um conhecimento acumulado ao longo dos anos pelo corpo de técnicos e conselheiros do CONDEPHAAT. Entretanto, como esse conhecimento não foi sistematizado, cada parecerista acaba por incluir no seu parecer, o que acredita ser de senso comum, o que tem gerado muitas discussões em torno de diferentes opiniões.

Sempre se pensou nos bens tombados dos núcleos e não nos da área envoltória ou listados. O que significa um "bem listado" ou de "área envoltória"? Essa é uma questão que gera muitos conflitos.

De fato, as minutas de tombamento precisam ser mais detalhadas, incluindo diretrizes de preservação para os bens tombados "listados" e de "área envoltória", bem como mapa e documentário fotográfico.

De acordo com Rangel (1989), quando falamos de Núcleo Histórico, falamos de conjunto e não de prédios isolados. Contudo, torna-se premente a

construção de diretrizes que norteie uma continuidade espacial do conjunto, mesmo quando se tomba edifícios isolados. Assim, torna-se necessário deixar claro na minuta de tombamento o que preservar no prédio tombado, listado e de área envoltória.

No caso específico da Aldeia de Carapicuíba, SP, podemos dizer que, além do programa, emenda de lei ou propostas que podem nos orientar na elaboração de uma minuta de resolução de tombamento para a Aldeia de Carapicuíba (páginas 10 e 11 deste relatório), também podemos observar as diretrizes gerais na Carta de Veneza e na Declaração de Amsterdã resultantes dos Congressos realizados, respectivamente em 1964 e 1975 (FUNARI et al 2006:33). Segundo Funari et al (2006) esses documentos:

Imprimiram novos parâmetros de análise à questão do patrimônio, na medida em que propuseram a ampliação do conceito de monumento, recomendando também a preservação de obras consideradas modestas que tenham adquirido significação cultural e a proteção de conjuntos, bairros ou aldeias que apresentem interesse histórico e cultural. A declaração de Amsterdã introduziu orientações para viabilizar a implantação de "políticas de conservação integrada", inaugurando uma abordagem pautada pela noção de integração do patrimônio à vida social e conferindo ao poder público municipal a responsabilidade de elaborar programas de conservação e aplicar os recursos financeiros angariados para esses fins. O documento recomendava ainda o envolvimento da população nos processos de preservação, de modo a garantir maior observância dos valores ligados à identidade microlocal e a evitar a evasão dos habitantes em virtude de especulação. (FUNARI et al 2006:33).

Segundo Camacho et al (1989: 46 - 47), uma política urbana de recuperação, conservação ou restauração de um núcleo urbano deve:

- estar orientada a satisfazer as necessidades da vivência dos habitantes, proporcionando que no lugar se satisfaçam as necessidades culturais, inclusive de trabalho;
- respeitar as formas, os hábitos e os costumes que dão sentido à identidade, assegurando as formas de interação social e a qualidade de vida em suas casas e nos centros históricos, o que permitirá assegurar sua persistência em uso e arranjo dos habitantes e o bem patrimonial recuperado;
- ter um programa de conscientização que assegure o cuidado e o respeito dos bens patrimoniais recuperados, que sirva para que os moradores fortaleçam sua identidade de habitantes do centro histórico;
- evitar que este se converta em área morta – destinada a contemplação ou seja, uma zona exclusiva para benefício do turismo;
- considerar que existe uma grande massa de população na área do Centro Histórico e que ali são desenvolvidas diversas atividades, devendo por isso manter-se o uso polifuncional do solo, de forma acessível à população;
- contemplar equipamento de infraestrutura urbana;
- garantir uma concentração de população capaz de dar continuidade e forma organizada ao bem estar comum, observando, inclusive, problemas de trânsito. Enfim, ter os habitantes dos Centros Históricos como co-participantes na tomada de decisões que os afetam;
- orientar para que não ocorra a subutilização de prédios.

Esses pontos apresentados por Camacho et al (1989: 46 - 47) para o Centro Histórico do México, certamente são referências importantes para traçarmos diretrizes de uma política de preservação, conservação e restauro dos Núcleos Históricos do Estado de São Paulo.

Às orientações de Camacho et al podemos acrescentar, por exemplo, a supressão abusiva de toda publicidade (CARTA DE ATENAS, P.2). Com relação à educação patrimonial a Carta de Atenas coloca que:

... a melhor garantia de conservação de monumentos e obras de arte vem do respeito e do interesse dos próprios povos, considerando que esses sentimentos podem ser grandemente favorecidos por uma ação apropriada dos poderes públicos, emite o voto de que os educadores habituem a infância e a

juventude a se absterem de danificar os monumentos, quaisquer que sejam, e lhes façam aumentar o interesse, de uma maneira geral, pela proteção dos testemunhos de toda a civilização. (CARTA DE ATENAS, P. 4).

IV. PROPOSTA DE RESOLUÇÃO DE TOMBAMENTO DA ALDEIA DE CARAPICUÍBA

Para a elaboração da minuta de tombamento da Aldeia de Carapicuíba, sugiro que o corpo técnico do CONDEPHAAT faça visita técnica na área para:

- a. Realizar documentário fotográfico individual de cada edifício;
- b. Preencher ficha técnica de cada edifício;
- c. Conferir planta dos edifícios, incluindo as coberturas, modificações etc (**Anexo 3**);
- d. Inventariar objetos de interesse para a preservação;
- e. Inventariar os objetos da Capela de São João Batista;
- f. Inventariar as palmeiras do pátio da aldeia;
- g. Inventariar as espécies arbóreas do entorno da aldeia;
- h. Definir a área envoltória junto à Prefeitura de Carapicuíba, IPHAN e com o grupo de estudos de área envoltória nomeado pela presidência deste CONDEPHAAT;
- i. Definir o que deve ser preservado nos edifícios tombados etc.
- j. Verificar a possibilidade de reservar uma área para estacionamento na área da Aldeia de Carapicuíba;
- k. Verificar a possibilidade de melhores acessos ao pátio da Aldeia de Carapicuíba etc.

No **anexo 4** podemos verificar algumas orientações para a elaboração de minuta de resolução de tombamento. As partes do texto sombreadas devem constar do corpo da resolução. (UPPH, 2009).

AGRADECIMENTOS

Ao corpo técnico da UPPH, em especial ao José Eduardo, ao Walter e a Leonora pelas informações e disposição em ajudar.

A Anna Beatriz, superintendente da 9º SR do IPHAN, SP por me receber no IPHAN e me auxiliar na pesquisa daquele arquivo.

Aos colegas do Grupo de Estudo de Núcleos Históricos pelas proveitosas discussões e sugestões.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Antônio Luiz Dias de. Aldeia de Carapicuíba. In: Patrimônio: Atualizando o Debate. Org. Victor Hugo Mori, Marisa Campos de Souza, Rossano Lopes Bastos e Haroldo Gallo. São Paulo: 9º SR/IPHAN, 2006.

CAMACHO , Marco Aurélio Ramírez et al. Hacla uma Política de Vivienda em el Centro Historico de la Ciudad de México. In: Ata do 2º Foro de Defensa del Centro Histórico y Vivienda em Monumentos. México, 17 e 18 de junho de 1789.

Documentos Interessantes para a História de São Paulo. Vol. LXIV. São Paulo. Arquivo do Estado.

CARTÃO POSTAL. Rota Carapicuíba do Circuito Taysa de Pilão. IPHAN, sd.

CARTA DE ATENAS. Escritório Internacional de Museus Sociedade das Nações. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Outubro de 1931.

CUBILLO, Gilda et. al. Investigación y patrimonio cultural. In: Ata do 2º Foro de Defensa del Centro Histórico y Vivienda em Monumentos. México, 17 e 18 de junho de 1789.

FUNARI, P. P.; PELEGRINI, S.C.A. Patrimônio Histórico e Cultural. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2006.

FOLHA DA REGIÃO – CARAPICUÍBA. Hoje tem festa na Aldeia. 1980: 3.

LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira; MORI, Victor Hugo; ALAMBERT, Clara Correia d'. Antiga Aldeia de Carapicuíba. In: Patrimônio 70 Anos. Org. Marisa Campos de Souza e Rossano Lopes Bastos. São Paulo: 9^o SR/IPHAN, 2008.

MAYUME, Lia. Monumento e Autenticidade: a preservação do patrimônio arquitetônico no Brasil e Japão. São Paulo, USP, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 1999. Dissertação de Mestrado. 314 p.

MENESES. Ulpiano Toledo Bezerra de. A Cidade Como Bem Cultural – Áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e Alcance de preservação do patrimônio ambiental urbano. In: Patrimônio: Atualizando o Debate. Org. Mori, Vitor Hugo et al. IPHAN, 2006.

MENESES. Ulpiano Toledo Bezerra de. Iporanga: Porque tombar uma cidade. CONDEPHAAT. Boletim 3. sd.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Aldeia de Carapicuíba: Justificação. S.d.

MORI, Victor Hugo. 70 anos do Patrimônio em São Paulo. In: Patrimônio 70 Anos. Org. Marisa Campos de Souza e Rossano Lopes Bastos. São Paulo: 90 SR/IPHAN, 2008.

PROCESSO CONDEPHAAT nº 339. Solicitação de Tombamento do Acervo Arquitetônico da Aldeia de Carapicuíba, Particularmente a Capela de São João Batista, Zona Rural do Município de Cotia. 1973, FLS 1 – 23.

PROCESSO IPHAN 218/39. Livro Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, folhas 3, número de inscrição sete, dispõe que a obra denominada Conjunto Arquitetônico e Urbanismo da Aldeia de Carapicuíba, localizada no Município de Cotia, Estado de São Paulo, de propriedade da Prefeitura Municipal e

outros, consta do registro do tombamento ex-officio de 13 de maio de 1940,
FLS 1 – 12.

PROCESSO MTSP 1.2; 1.2 e 2, da 9^o Secretaria Regional do IPHAN.
Programa com objetivos para a proteção da aldeia, datado de 29 de março de
1985.

RANGEL, Rafael Lopes. Hacia Uma Política de Resgate Popular del Centro
Histórico. In: Ata do 2^o Foro de Defensa del Centro Histórico y Vivienda em
Monumentos. México, 17 e 18 de junho de 1789.

SAIA, Luis. A Aldeia de Carapicuíba. Texto datilografado depositado no Arquivo
da 9^o SR/IPHAN (São Paulo), 1938.

SCATAMACCHIA, Maria Cristina Mineiro. Algumas Considerações Sobre os
Núcleos Históricos Tombados pelo CONDEPHAAT: O Núcleo Histórico de Itu.
Agosto de 2009.

UPPH. Orientações para elaboração de minuta de resolução de tombamento,
CONDEPHAAT, SP, setembro de 2009.

Sites

<http://www.capicuiba.sp.gov.br/origem.htm> (14/8/2009).

ANEXOS

ANEXO 1

ANEXO 3

RESTRICÇÕES DE OCUPAÇÃO DO SOLO POR ZONA

ZONA	CATEGORIAS DE USO PERMITIDAS	ÁREA MÍNIMA DO LOTE (M ²)	FRENTE MÍNIMA DO LOTE (M)	RECUE MÍNIMO DE FRENTE (M)	RECUE LATERAL MÍNIMO (M/M)	RECUE DE FUNDO MÍNIMO (M)	TAXA DE OCUPAÇÃO MÁXIMA	COEFICIENTE DE APROVEITAMENTO MÁXIMO	NÚMERO DE PAVIMENTOS	TAXA DE PRESERVAÇÃO MÍNIMA
ZPH	Residencial	(1)	(1)	(1)	3,0/3,0	4,0	0,4	0,4	1	0,4
	Comercial	(1)	(1)	(1)	3,0/3,0	4,0	0,2	0,2	1	0,4
	Serviços	(1)	(1)	(1)	3,0/3,0	4,0	0,2	0,2	1	0,4
	Institucional	(1)	(1)	(1)	3,0/3,0	4,0	0,4	0,4	1	0,4
ZPI	Residencial	250	10	5,0	1,5/1,5	3,0	0,5	1,0	2	0,2
	Comercial	250	10	5,0	1,5/1,5	3,0	0,8	1,6	2	0,2
	Serviços	250	10	5,0	1,5/1,5	3,0	0,8	1,6	2	0,2
	Institucional	250	10	5,0	1,5/1,5	3,0	0,8	1,6	2	0,2
	Especial	-	-	-	-	-	-	-	-	-
ZPP	Residencial	2.500	30	5,0	3,0/3,0	5,0	0,2	0,4	2	0,4
	Serviços	2.500	20	5,0	3,0/3,0	5,0	0,2	0,2	1	0,4
	Institucional	2.500	20	5,0	3,0/3,0	5,0	0,3	0,3	1	0,4
	Especial	-	-	-	-	-	-	-	-	-

(1) Em Zona de Preservação Histórica - ZPH - os empreendimentos devem se ater aos lotes existentes, sem alterações, ou desdobro.



A N E X O 3

RESTRIÇÕES DE OCUPAÇÃO DO SOLO POR ZONA

Listagem das Categorias de Uso / Zona

3 - ZONA DE PRESERVAÇÃO PAISAGÍSTICA (ZPP)

Categoria de Uso	Sub Categorias de Uso Permitidas	Porte Máximo (AC)
Residencial	Residencial	Qualquer
Serviços	Restaurante, Hotel, Pousada	Qualquer
Institucional	Escola Maternal, Jardim, Pré Primário, Escola de 1º e 2º Grau, Capela, Clube Social, Centro Social Urbano, Casa de Retiro, Abrigo/Lar para Velhos, Clube Desportivo, Convento, Mosteiro, Manicômio.	Qualquer
Especial	Parque de Vizinhança e de Bairro, Prática Livre de Esportes, Parque Distrital, Prática de Camping, Atividades Rurais.	Qualquer

A N E X O 2

Listagem das Categorias de Uso / Zona

2 - ZONA DE PARCELAMENTO INTENSIVO (ZPI)

Categoria de Uso	Subcategorias de Uso Permitidas	Porte Máximo (AC)
	Residencial Unifamiliar	Qualquer
Residencial	Residencial Misto (Casa e Estabelecimento Comercial ou de Serviços)	Máximo de 1 unidade de cada tipo
Comércio	Açougue ou Casa de Carnes, Armazém de Secos e Molhados, Avícola, Bazar (miudezas, tecidos, confecções e brinquedos), Empório de Secos e Molhados, Farmácia com Perfumaria, Frutaria, Mercadinho, Mercearia, Padaria, Papelaria, Comércio de Doces e Frutas, Comércio de Jornais e Revistas, Comércio de Flores, Bomboniêre, Quitanda, Comércio de Confecções, Comércio de Tecidos, Comércio de Materiais de Construção.	70 m ²
Serviços	Alfaiataria, Ateliê de Costura, Conserto de Rádios e Televisores, Conserto de Relógios, Salão de Beleza, Bar, Amolador, Chaveiros, Encanador, Sapateiro, Eletricista, Moldureiro, Oficina de Motos e Bicicletas, Administração de Imóveis.	70 m ²
Institucional	Escola Maternal, Jardim, Pré Primário, Creche Escola de 1º e 2º Grau Capela, Associação Comun., Centro de Reuniões, Centro Paroquial Posto de Saúde e Puericultura, Posto de Vacinação Posto Policial	500 m ² Qualquer 250 m ² 70 m ²

A N E X O 2

Listagem das Categorias de Uso / Zona

1 - ZONA DE PRESERVAÇÃO HISTÓRICA (ZPH)

Categorias de Uso	Sub Categorias de Uso Permitidas	Porte Máximo (1)
Residencial	Residencial Unifamiliar	
Comercial	Comércio de Doces e Frutas, Livraria, Bazar (miudezas, tecidos, confecções, brinquedos), Comércio de Jornais e Revistas, Comércio de Flores, Quitanda, Farmácia com Perfumaria, Armário, Bijouterias, Bombonière, Boutique, Comércio de Antiquidades, Comércio de Artefatos de Couro (exceto calçados), Comércio de Art. de Folclore, Tabacaria	
Serviços	Ateliê de Bordados, Ateliê de Costura, Confeitaria, Doceria, Bar, Café, Lanchonete, Sorveteria, Rotisseria, Studio de Fotografia, Casa de Chá, Choperia, Drinks, Galeria de Arte, Salão de Beleza.	
Institucional	Capela, Museu, Pinacoteca, Associação Comunitária, Creche, Posto Policial.	

(1) Na área tombada pelo Patrimônio Histórico os empreendimentos devem se restringir à área construída dos imóveis tombados e ficam proibidas a construção de edículas e anexos.



A N E X O 2

LISTAGEM DAS CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS DE USO PERMITIDAS
POR ZONA



A N E X O S

- ANEXO 1 - DESCRIÇÃO DE PERÍMETRO E MAPEAMENTO DAS ZONAS
Escala 1:10.000 e 1:2.000 PARA ZPH

- ANEXO 2 - LISTAGEM DAS CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS DE USO
PERMITIDAS POR ZONA

- ANEXO 3 - RESTRIÇÕES DE USO E OCUPAÇÃO DO SOLO POR ZONA

QUADRO I

CÓDIGO	ZONA	FUNÇÕES CARACTERÍSTICAS
ZPH	Zona de Preservação Histórica	Zona sob regime específico, admitindo apenas usos que não prejudiquem a preservação do conjunto histórico. Abrange imóveis tombados - casas e quintais - que abrigam atualmente pequeno comércio que serve bairros próximos, tendência que deve ser mantida desde que não altere, interna ou externamente, as características das casas tombadas. Os quintais têm papel importante na ambiência do conjunto, principalmente devido ao porte da vegetação. Proibido o loteamento, desmembramento ou desdobro dos lotes ou glebas lindeiros ao desvio da Estrada da Aldeia. Comporta usos residenciais, de comércio, de serviços, institucional e especial, não admitindo ocupação intensiva do solo ou construção de mais de um pavimento o que pode prejudicar visualmente a área histórica.
ZPI	Zona de Parcelamento Intensivo	Área já intensamente parcelada e construída. Disciplinamento do uso e ocupação no sentido de limitar implantação de empreendimentos que possam trazer desconforto ambiental ou construção muito intensiva dos lotes. Deve ser incentivado uso comercial, de serviços e institucional de apoio ao uso residencial.
ZPP	Zona de Preservação Paisagística	Área de ambiência, ainda não parcelada, último reduto de áreas verdes de grande porte na área e um dos remanescentes no município. Deve ser mantida ocupação esparsa, em continuidade aos loteamentos de chácaras do sul do município comportando usos residencial, de serviços voltado ao lazer e turismo e institucional de baixa taxa de ocupação.



nalidades de multa, interdição, embargo ou demolição;

II - multa diária de 10 a 100 OTNs, em caso de não cumprimento da regularização no prazo fixado pela Administração;

III- interdição de atividades, temporária ou definitiva para os casos de infração continuada e outras previstas em normas complementares;

IV - embargo ou demolição, total ou parcial de construção executada sem aprovação, ou em desacordo com os projetos aprovados, respondendo o infrator pelos danos e despesas a que der causa, direta ou indiretamente;

Parágrafo Único: As penalidades de interdição, embargo ou demolição serão aplicadas sem prejuízo daqueles objeto dos incisos I e II deste artigo.

ART.16º - As urbanizações, construções e atividades comprovadamente existentes ou exercidas anteriormente à data da publicação desta Lei, nos termos das normas e regulamentos vigentes, deverão, a critério dos órgãos da Prefeitura, adequar-se às suas disposições, ressalvado o direito adquirido, o ato jurídico perfeito e a coisa julgada.

Parágrafo 1º - Na impossibilidade do cumprimento das adaptações eventualmente exigidas, as urbanizações, construções e atividades referidas no "caput" deste Artigo poderão, caso haja oportunidade ou conveniência ser suprimidas, total ou parcialmente, mediante indenização ou desapropriação.

Parágrafo 2º - Além do previsto no "caput" deste Artigo deverão também ser observadas as normas e regulamentos baixados pelo Condephaat/Sphan.



cimentos públicos e privados, observada a legislação vigente.

Parágrafo Único: Os agentes, quando obstados, poderão requisitar força policial para o exercício de suas atribuições.

ART.13º - Cabe aos agentes credenciados:

- I - efetuar vistorias em geral, levantamentos e inspeções
- II - verificar a ocorrência de infrações e propor as respectivas sanções
- III - lavrar de imediato autos de inspeção ou de infração, fornecendo cópia ao interessado
- IV - intimar por escrito quaisquer pessoas físicas ou jurídicas, sujeitas às disposições desta Lei, para prestarem esclarecimentos e exibirem documentos pertinentes, em local e data previamente fixadas

ART.14º - Os relatórios dos resultados da fiscalização serão remetidos ao órgão competente para anotações nos registros municipais de informações.

ART.15º - Pelo descumprimento das obrigações previstas nesta lei e demais normas complementares serão aplicadas as seguintes sanções, sem prejuízo de outras estabelecidas em leis especiais:

- I - advertência, com prazo de 10 dias para regularização de situação, nos casos de primeira infração, quando não haja motivo relevante que justifique a imediata aplicação das pe
-



as várzeas desses cursos d'água se estende-
rem além desse limite, com terrenos alagadi-
ços ou sujeitos a inundações.

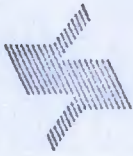
ART. 9º - É permitida a implantação de tipos de uso, compatíveis com as características físicas' das várzeas ou faixas ribeirinhas que acomodem enchentes periódicas tais como área verde, obras de infra-estrutura sanitária, parques, campos esportivos, área de feiras, circos, exposições, agricultura e sistema viário.

ART.10º - Todos os projetos deverão respeitar a arborização existente sendo obrigatória a apresentação gráfica da locação dos elementos arbóreos do lote, com respectiva discriminação de cada espécie (nome vulgar ou científico).

Parágrafo Único: A remoção da arborização' existente será permitida mediante aprovação da prefeitura, ficando obrigado o responsável pelo projeto a apresentar proposta de reposição dos elementos arbóreos removidos.

ART.11º - A reposição vegetal será obrigatória, devendo o proprietário observar as normas pertinentes, com o objetivo de se resguardar a diversidade biológica das espécies existentes.

ART.12º - A fiscalização das disposições da presente lei e demais normas complementares será exercida por agentes credenciados da Prefeitura, aos quais ficam asseguradas a entrada a qualquer dia e hora e a permanência, pelo tempo que se tornar necessário em estabele-



tes do Anexo 3 a esta lei.

ART. 6º - Nos empreendimentos a se instalarem nos imóveis tombados pelo Patrimônio Histórico, deverão ser observadas normas relativas à comunicação visual, anúncios, sinalização e propaganda, reformas ou restaurações;

I - sem prévia autorização do SPHAN/CONDEPHAAT, não se poderá, na vizinhança ' do imóvel tombado, fazer construção ' que lhe impeça ou reduza a visibilidade, nem nela colocar anúncios ou cartazes.

II - as casas tombadas não poderão, em nenhum caso, ser reparadas, pintadas, reformadas ou restauradas sem prévia autorização do SPHAN/CONDEPHAAT.

III - a identificação dos imóveis deve obedecer a padrão já adotado por muitos ' imóveis - utilização de plaquetas esmaltadas - ficando proibida a utilização de outras formas de numeração.

ART. 7º - O sistema viário dos loteamentos a serem implantados nas ZPP deverá obedecer às características das vias de circulação constantes do Quadro de Vias de Circulação integrante da Lei Municipal 714/84, ficando vedada a abertura de vias expressa, arterial e principal.

ART. 8º - Ao longo do Córrego da Aldeia e de seus contribuintes, no perímetro onde incide esta ' lei será obrigatório a reserva de uma faixa non aedificandi de 15 metros de cada lado ' medidos à partir do eixo do rio, salvo onde



efeitos, o parcelamento do solo para fins urbanos, a ser realizado num raio de 300 m no entorno dos imóveis tombados, cujo perímetro se encontra descrito no Anexo 1, não poderá ser autorizado pelo Município sem aprovação prévia do SPHAN e do CONDEPHAAT.

ART. 3º - Ficam estabelecidas, nas zonas descritas no Artigo 2º desta lei, as seguintes categorias de Uso:

- I - Uso Residencial
- II - Uso Industrial
- III - Uso Comercial e de Serviços
- IV - Uso Institucional
- V - Uso Especial

ART. 4º - Os empreendimentos a serem executados nas zonas descritas no Artigo 2º desta lei, serão obrigatoriamente classificados em uma das subcategorias de uso constantes do Anexo 2 desta lei, por ocasião do exame dos respectivos pedidos de licença ou da realização de registros municipais de qualquer espécie.

Parágrafo único: A aprovação de projetos de edificações e pedidos de licença, destinados a usos não especificados nesta lei, deverão ser analisados comparativamente aos demais usos permitidos, ficando, ainda, condicionados à aprovação prévia por parte da Secretaria de Planejamento e demais órgãos expedidores de licença.

ART. 5º - Na execução dos empreendimentos e no desenvolvimento das atividades, bem como no exame dos respectivos projetos, para fins de licenciamento deverão ser obedecidas as restrições quanto à ocupação do solo, constan-



do isolamento necessário para a ambientação dos edifícios históricos;

- . diretrizes para o sistema viário da área;
- . regulamentação que garanta a preservação de áreas im próprias à ocupação urbana, como a várzea do Córrego da Aldeia.

ART 1º - Dispõe sobre a preservação da Aldeia de Carapicuíba, através do disciplinamento do uso e ocupação do solo no conjunto histórico e áreas envoltórias, e complementa a Lei nº 714 , de 25 de abril de 1984.

ART 2º - Ficam estabelecidas as seguintes zonas para as áreas circunvizinhas da Aldeia de Carapicuíba, cujas características constam do Quadro I desta lei.

- I - Zona de Preservação Histórica (ZPH)
- II - Zona de Parcelamento Intensivo (ZPI)
- III - Zona de Preservação Paisagística (ZPP)

§ 1º - Os perímetros das Zonas a que se refere o "caput" deste artigo estão descritos no Anexo I desta lei..

§ 2º - As zonas a que se refere o "caput" deste artigo estão delimitadas em cartas do Sistema Cartográfico Metropolitano SCM - em escala 1:10.000 que compõem o Anexo I desta lei. Este mapeamento de verá obrigatoriamente ser utilizado como instrumento de aplicação desta lei.

§ 3º - Nenhum trabalho de engenharia, de que resulte criação, modificação ou reparação de imóvel edificado, mediante construção, ou que tenha como resultado qualquer transformação do meio ambiente natural ou histórico, incluído, para esses



174

EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

O município de Carapicuíba, densamente povoado e cuja ocupação nem sempre se deu de maneira ordenada tem, a partir de 1982, um conjunto de normas e diretrizes destinadas a orientar o seu desenvolvimento, consubstanciadas no Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado. Esse documento salientou a necessidade de preservação de uma área de interesse especial no município: a Aldeia de Carapicuíba, pelo seu valor histórico. A Aldeia, um exemplo de povoamento jesuítico do Século XVI, vem sofrendo um rápido processo de deterioração, não só quanto ao estado das edificações, como principalmente na ambiência geral do conjunto arquitetônico. Dois fatores são determinantes dessa situação: o tráfego pesado que atravessa a Aldeia provocando trepidação com conseqüente desgaste das edificações e a ocupação desordenada ao redor da área tombada.

É frente a estes fatos que se coloca a necessidade de instrumentos legais que permitam ao poder público corrigir ou conter essa situação criada. O município já dispõe da Lei 714, de 25 de abril de 1984, que rege o parcelamento e regularização do solo; é a esta legislação que se propõe, agora, um conjunto de normas complementares, que contemplem a área de interesse especial acima referida, que requer tratamento específico.

Assim, esta proposta de emenda à Lei Municipal 714/84 tem como objetivo a preservação do conjunto arquitetônico da Aldeia de Carapicuíba através das seguintes disposições:

- . normas de uso e ocupação do solo compatíveis com a preservação das características da área tombada da Aldeia e de seu entorno, a fim de garantir a ambiência do conjunto arquitetônico;
- . disposições que permitam a preservação das áreas verdes remanescentes e a serem constituídas, crian-



Secretaria dos Negócios Metropolitanos

EMPLASA

Empresa Metropolitana de Planejamento da Grande São Paulo S.A.

LEI Nº

DE

DE

DE 1986

175

ANEXO 2

Aldeia de CarapicuíbaJustificação.

Este monumento é exemplar único de antiga aldeia jesuítica em evolução para um estágio caiçira. Militaram em favor desta solução, primeiro a liquidação desta aldeia ao tempo da sua pretendida remoção para Itapeerica, e depois a sua reinstalação com a construção de uma nova igreja em .. 1736 e reconstrução das habitações, inclusive com aproveitamento de paredes que datam da primitiva instalação de 1582.

O conjunto da aldeia foi tombado e, tanto a igreja como as habitações que compõe o retângulo da praça, foram restaurados pelo IPHAN. Apesar deste tipo de intervenção e do fato do próprio ser da União (antiga aldeia jesuítica), os moradores, a Prefeitura, a Ligth e até o D.E.R. criaram e criam constantemente problemas para o IPHAN. Os moradores pretendam adquirir um título de posse dos terrenos ocupados, no que foram incentivados por um prefeito demago go; a Prefeitura se mete a fazer obras desfiguradoras; a Ligth levanta postes de iluminação pública em pontos inaceitáveis; o D.E.R. atravessa o pátio da aldeia com asfalto.

Na realidade não é um problema fácil para resolver, mas é indispensável resolvê-lo. Sem o que se perderá um documento único de amostragem de um fenômeno de evolução que vale para explicar o que ocorreu, em particular nas demais aldeias, e, em geral, no problema universal da formação da arquitetura e da vida caiçiras.

Uma razão principal para que se pense numa colaboração da SCET; o ~~uma~~ enorme potencial turístico desta aldeia, exemplo único no Brasil e distante de São Paulo apenas 25 quilômetros. Além disso, é preciso não esquecer que o seu tombamento é feito também pelo CONDEPHAAT, ex-officio.

O esquema elaborado pelo 4º Distrito de IPHAN é o seguinte:

- 1) evitar a entrada de veículos na aldeia.
- 2) apropriação paulatina das residências lá existentes, afim de garantir-lhes um uso adequado.
- 3) exercer por meios positivos-incentivos e facilidades operativas-uma ação que propicie a montagem de atividades artesanais capazes de garantir a sobrevivência da aldeia fora do domínio de local domitório.
- 4) submeter a vida local a um controle capaz de evitar se transforme (o que já se prenuncia) num refúgio de maconheiros e marginais. Tal policiamento deve ser feito com o maior cuidado para que não se transforme num processo de repressão antipático e negativo.

A SCET tem condições para conseguir, junto aos demais órgãos do Governo Estadual, as seguintes medidas indispensáveis:

- 1) estabelecimento de um anel viário envoltório, destinado a isolar a ~~uma~~ área da aldeia do tráfego e a definir a sua área paisagística. O órgão competente para isto é o DER. É claro que o IPHAN poderia pura e simplesmente embargar este tráfego. Tal medida teria, entretanto, efeito disruptivo. O IPHAN está exausto de arcar sempre com o encargo antipático de se opor a soluções de emergência, que surgem sempre que as soluções corretas - que são da competência de outros órgãos do ~~Estado~~ Poder Público - não são tomadas. Isso é evidente no presente caso: a coisa mais fácil para o DER era atravessar a aldeia com a estrada. Para a Ligth idem. Mais fácil, porém não mais correta.
- 2) estabelecimento de um ajuste entre a SCET, a Prefeitura de Carapicuíba e o IPHAN no sentido de uma ação conjunta destinada a preservar e revalorizar a aldeia.
- 3) o patrocínio de atividades artesanais (cerâmica, cestaria, tecido, artes plásticas, renda, etc). Tal patrocínio poderia contar com as seguintes iniciativas-tipo:

- velar um depósito de barro
b) prover a aldeia de tearas.

As coisas indicadas nos itens a e b seriam de uso coletivo.

- c) promover a vinda para a aldeia de me tres de tecelagem e de cerâmica, oferecendo-lhes habitação e outros incentivos.

O mesmo poderia ser feito em relação a outras atividades artesanais de interesse. Com isso não seria difícil converter esta aldeia num foco de atividades artesanais que aí ainda existiam há uns 40 anos e que desapareceram devido à invasão de forasteiros. Um complexo de trabalho, tal saída é muito mais favorável para a conservação da aldeia monumento e para a sua conversão num foco de turismo.

O problema da apropriação das habitações é realmente delicado e não é possível com base em dois itens principais: as terras da aldeia são propriedade da União e esta pode exercer o direito de preferência no concernente às benfeitorias. Quanto à este último item é preciso não esquecer que o IPRAN já compareceu restaurando não apenas a igreja mas também quase todas as habitações que compoem a aldeia propriamente dita. Sua posição moral é perfeitamente satisfatória. E deverá ser computada especialmente perante aqueles que se negam a colaborar.

Minuta de ~~Resolução~~ protocolo:

177

ANEXO 4



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
CONDEPHAT – Conselho de Defesa do Patrimônio
Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado
UPPH – Unidade de Preservação do Patrimônio Histórico

178

Minuta - Resolução SC ____, de ____/____/2008

O Secretário de Estado da Cultura, nos termos do artigo 1º. do Decreto Lei nº. 149, de 15 de agosto de 1969, e do Decreto Estadual 13.426, de 16 de março de 1979, cujos artigos 134 a 149 permanecem em vigor por força do artigo 158 do Decreto 50.941 de 5 de julho de 2006, com exceção do artigo 137, cuja redação foi alterada pelo Decreto 48.137, de 7 de outubro de 2003, e considerando que:

Nomear o bem. Definir os motivos do tombamento hierarquizando-os. (repetir o que constar na conclusão do processo de tombamento: significado social, partido arquitetônico, políticas públicas, inserção urbana, excepcionalidade, representatividade, etc)

RESOLVE

Artigo 1º - Fica tombado (nomear o bem, dar endereço – rua e cidade)

Parágrafo Primeiro – detalhamento do objeto tombado (unidades, jardins, elementos agregados, etc, grau de tombamento, quando houver.)

Incluir mapa, no formato JPEG, quando se tratar de área complexa ou de grande porte.

Artigo 2º – Definir diretrizes para intervenção no bem tombado

Artigo 3º - Área envoltória

Modelo Isento – Não ficam estabelecidas restrições de ocupação e uso no entorno do perímetro que delimita este tombamento, conforme faculta o Decreto Estadual 48.137, de 08 de outubro de 2003

Modelo não isento – Definir o perímetro envoltório e as diretrizes para a área. Incluir mapa, no formato JPEG

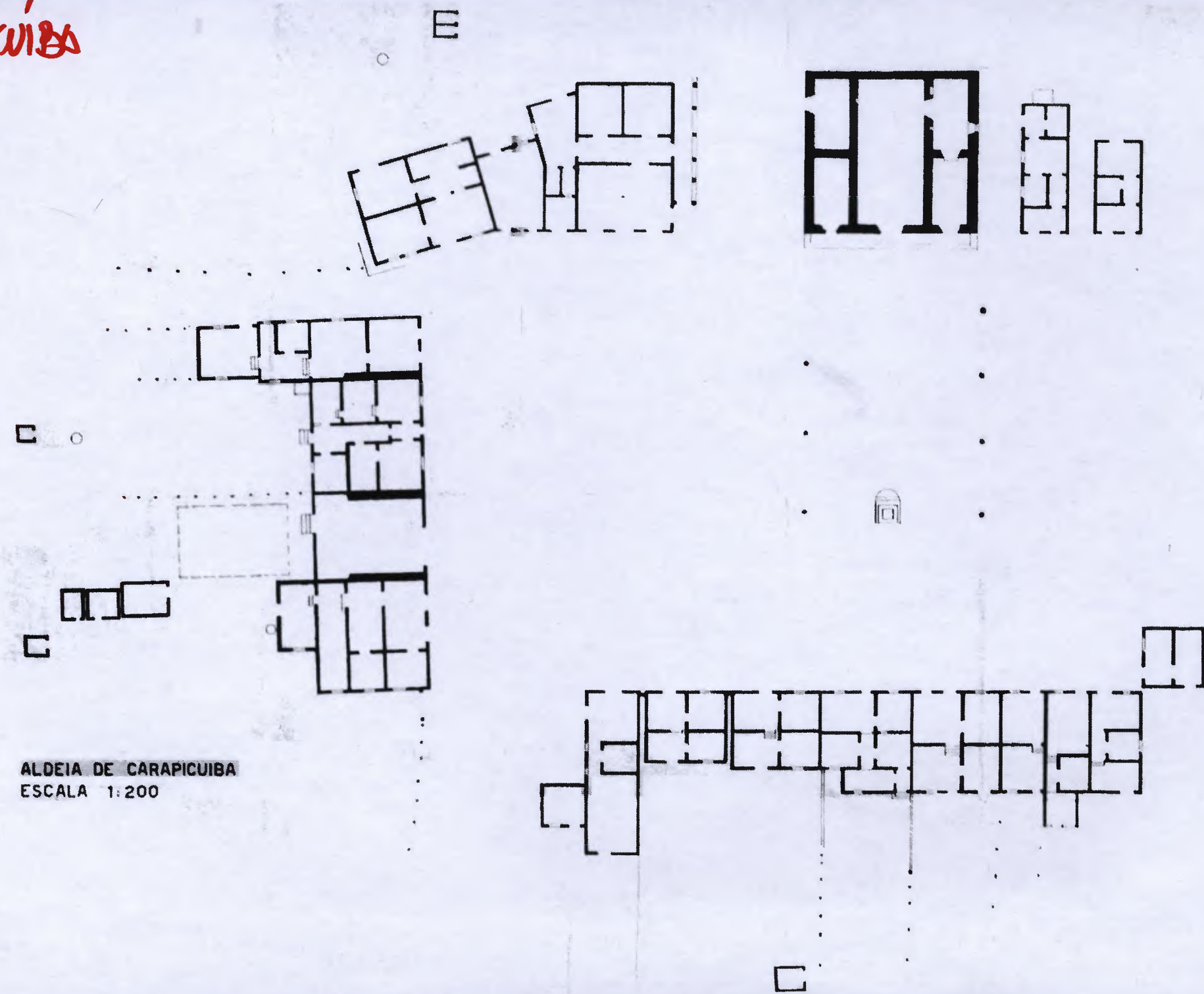


GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
CONDEPHAT – Conselho de Defesa do Patrimônio
Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado
UPPH – Unidade de Preservação do Patrimônio Histórico

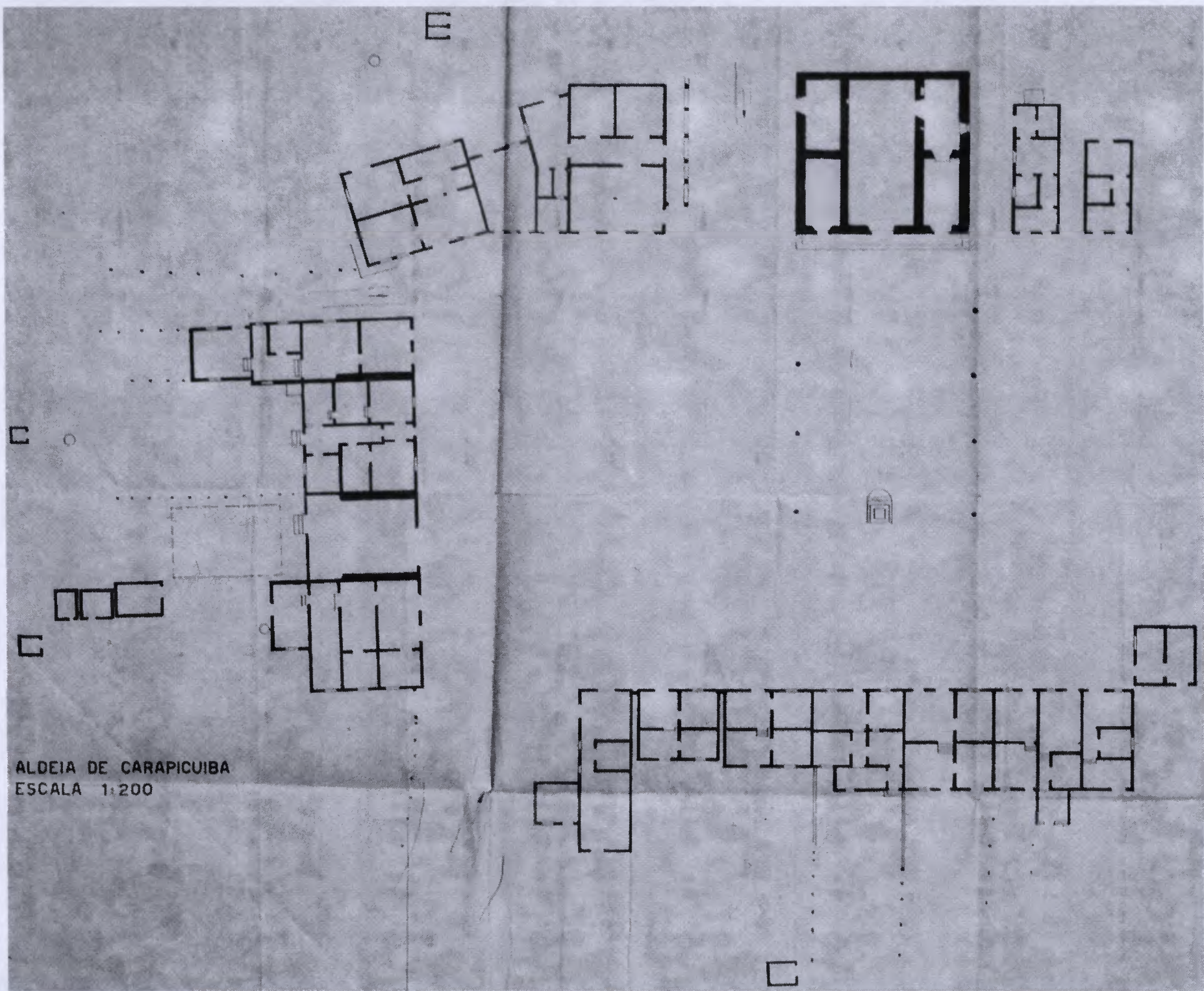
Artigo 4º - Fica o Conselho de defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo – CONDEPHAAT – autorizado a inscrever o presente ato no Livro de Tombo competente para os devidos efeitos legais.

Artigo 5º - Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação

CARAPICUIBA



ALDEIA DE CARAPICUIBA
ESCALA 1:200



ALDEIA DE CARAPICUIBA
ESCALA 1:200

Pelo menos não destruam o que não sabem conservar

BENEDITO LIMA DE TOLEDO

Carapicuíba vê, a cada ano, ameaçada a sua festa de Santa Cruz (início de maio). Primeiro é o abandono e a falta de assistência dos poderes públicos. A iniciativa oficial fez passar pelo centro da aldeia uma pista de asfalto que desfigura seriamente o terreiro, o qual passou a servir de estacionamento de ônibus. E o caso de se dizer às autoridades que, pelo menos, não destruam o que não sabem conservar.

Nesse terreiro há muitos fatos ligados à vida das primitivas comunidades indígenas. Sérgio Buarque de Holanda, no seu estudo Capelas Antigas de São Paulo, lembra um episódio da vida do Padre Belchior de Pontes. Quando em fins do século 18 se pensou em mudar a aldeia, aquele sacerdote vaticinou que Carapicuíba "não havia de deixar de ser aldeia". Citando seu biógrafo, o historiador conta que, apesar dos esforços dos padres, os índios sempre voltavam à sua "amada Carapicuíba sendo tão tenazes no seu propósito que foi necessário condescender com eles". Em 1736, finalmente, a capela foi reerguida e ao centro da aldeia recolocada a antiga cruz. "Dessa cruz dissera o Padre Belchior que ainda serviria para uma igreja nova que ali se havia de fazer", fato apontado por seu biógrafo como "signalada profezia".

Há cerca de dois anos fui convidado a comparecer, em companhia do arquiteto Carlos Lemos, a uma reunião sobre patrimônio histórico em Carapicuíba. A reunião ocorreu numa noite na escola da aldeia. A sala estava repleta e pudemos ouvir dos moradores sua preocupação com a descaracterização da área envoltória à aldeia e com ameaças à própria realização das danças de Santa Cruz.

Na formação urbana de São Paulo, o Largo, isto é, um espaço aberto frente a um templo, sempre teve grande importância. A tradição portuguesa ignorava a "plaza mayor" prevista nas "Leyes de Las Indias" pelas quais se regia a construção de cidades do mundo espanhol.

O Largo era apenas o alargamento de uma rua sem qualquer cuidado especial. Largo de São Bento, de São Francisco, do Rosário, da Misericórdia, do Carmo e outros, são espaços que deram origem às poucas áreas livres existentes no centro histórico de São Paulo.

O Largo de S. Gonçalo era palco das movimentadas danças de São Gonçalo. Já o Largo do Ouvidor liga-se à tradição franciscana de implantar um cruzeiro em frente às suas igrejas.

Os jesuítas em suas aldeias deixavam sempre em frente à capela um terreiro como ainda vemos no Embu, em N.S. da Escada, em Carapicuíba ou em São Paulo (o atual Pátio do Celestino). O mais bonito no Brasil talvez seja o da Aldeia de Reis Meigos, no Espírito Santo.

Nesse local promoviam os Jesuítas a encenação de seus autos.

A festa de Santa Cruz de Carapicuíba é exemplo que ainda permanece vivo de festa popular de caráter religioso.

Mário de Andrade afirma que "em certas festas populares, religioso-coreográficas, tais como a dança de S. Gonçalo e a dança de Santa Cruz, pelo menos nos arredores de S. Paulo, após cada número do cerimonial dança-se o cururu. Ora, os processos coreográficos desta dança têm tal e tão forte sabor ameríndio (...) que não hesito em afirmar ser o cururu uma primitiva dança ameríndia, introduzida pelos jesuítas nas festas religiosas fora (e talvez dentro) do templo. E esse costume e dança permaneceram vivos até agora". Permaneceram vivos há cerca de 40 anos quando Mário escreveu esse texto. Em outro estudo, esse autor fala que o prolongado brado que os violeiros dão em certo momento da festa de Santa Cruz de Carapicuíba é uma permanência de um hábito indígena.

Moradores das proximidades, de origem nordestina, agora levam suas sanfonas e tentam transformar a festa em "forró". Ninguém, nem os moradores antigos da Carapicuíba, tem nada contra esses "forrós". Tudo poderia ser conciliado com o respeito a um calendário.

Mas, para isso, é preciso um cuidado especial, dada a fragilidade da cultura "folk" face à civilização moderna, como observa Linton: "Na civilização moderna estão se desintegrando as unidades sociais pequenas e estreitamente integradas, sendo substituídas por massas de indivíduos que são muito mais frouxamente interrelacionados que os membros daqueles grupos locais e classes... Portanto, nas civilizações modernas o núcleo da cultura está se reduzindo progressivamente".

Patrimônio, como lembra o Professor Hugues de Varine Bohan, da Unesco, não é somente o material. Há que considerar o patrimônio espiritual, isto é, hábitos e procedimentos transmitidos de geração em geração. Nas festas de Santa Cruz, toda a aldeia é ornamentada, cada casa mantém em sua frente uma cruz enfeitada com flores, acende-se ampla fogueira para aquecer e iluminar o ambiente. De alguns beirais ficam pendentes engenhosos lampiões a óleo, feitos de bambu. Algumas famílias guardam a tradição de preparo de iguarias como a pacoa e bebidas típicas como o verdadeiro quentão cujo preparo é feito com vários dias de antecedência para curtir o aroma das especiarias empregadas.

Dado o desinteresse das autoridades, muito ocupadas com festivais elitistas - jazz, Campos do Jordão, Guarujá - vemos como vai longe o tempo em que as festas populares contavam com o apoio zeloso de um Padre Belchior de Pontes ou a sensibilidade aguda de um Mário de Andrade

Processo Nº 00339 de 1973

~~Processo~~

FLS Nº 04 EM CIMA DE DO NUMERO 05 - em xerox.

" 05 " " " " f 06 " "

